

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, DIREITO E CIDADANIA  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CULTURA E CIDADANIA**

**RICARDO MACHADO**

**USUÁRIOS DE DROGAS: DESVELANDO REGRAS E IDENTIDADES NUM  
GRUPO EM PONTA GROSSA- PR.**

**PONTA GROSSA  
2008**

**RICARDO MACHADO**

**USUÁRIOS DE DROGAS: DESVELANDO REGRAS E IDENTIDADES NUM  
GRUPO EM PONTA GROSSA- PR.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais  
Aplicadas, na Universidade Estadual de Ponta  
Grossa, Área de Sociedade, Direito e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira  
Jr.

**PONTA GROSSA  
2008**

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Processos Técnicos BICEN/UEPG

M149u Machado, Ricardo  
Usuários de drogas : desvelando regras e identidades num grupo em Ponta Grossa. / Ricardo Machado. Ponta Grossa, 2008. 133f.  
Dissertação ( Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, área de Sociedade, Direito e Cidadania), Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr.  
1. Grupos. 2. Drogas. 3. Identidade. 4. Cultura e História.  
I. Oliveira Jr., Constantino Ribeiro de. II. T.

CDD: 362.29

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**RICARDO MACHADO**

### **USUÁRIOS DE DROGAS: DESVELANDO REGRAS E IDENTIDADES NUM GRUPO EM PONTA GROSSA- PR.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr.  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Aparecida Barbosa de Moraes Barros  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Wanderlei Marchi Junior  
Universidade Federal do Paraná

Dedico à minha esposa, Deise, grande companheira de todos os momentos, em especial neste período, quem me incentivou a conseguir vencer essa batalha. E ao meu filho, Matheus, motivo de todo esse esforço.

## **AGRADECIMENTOS**

A Nossa Senhora, Mãe do Perpétuo Socorro e de Deus, intercessora junto a Ele para que este sonho iniciasse.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Constantino, mais que um professor, uma pessoa amiga que acreditou em mim e permitiu a concretização do sonho.

Aos professores que compõem o corpo docente do programa, os quais, de alguma forma, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Em especial, aos integrantes da Banca Examinadora que apontaram as falhas ocorridas e contribuíram com as sugestões necessárias para se chegar a conclusão, por ora, deste trabalho.

Aos colegas de curso, os quais deixaram muito mais do que saudades.

Aos funcionários da secretaria e aos demais que estiveram muito próximos neste período.

Aos sujeitos desta pesquisa, pela coragem em abrir as suas vidas, pois sem eles este trabalho não se realizaria.

Aos meus colegas de escritório, pela compreensão quando da minha ausência, pois sabiam da importância que este curso para mim significava.

“Os jovens buscam sempre a beleza no amor. Apesar de cederem às fraquezas, seguindo modelos de comportamento que bem poderiam ser classificados como um escândalo (e são modelos lamentavelmente muito difundidos), no fundo do coração desejam um amor lindo e puro.”

João Paulo II, 1994

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar um grupo de usuários de drogas e conhecer as razões pelas quais os mantêm próximos, ainda que haja consciência de seus integrantes serem considerados *outsiders* pela sociedade onde residem. Por intermédio de uma pesquisa exploratória, qualitativa, e com um enfoque baseado na Sociologia e na Antropologia, buscou-se desvelar qual a identidade que assumem esses indivíduos usuários de drogas em função desse agrupamento, bem como desvelar a existência de regras internas nesse grupo. Foram selecionados sete indivíduos integrantes de um mesmo grupo, residentes na Vila Vilela, no município de Ponta Grossa – PR, cujo vício foi desenvolvido ao longo da adolescência e que, apesar de adultos, ainda permanecem como usuários de drogas ilícitas. Ao final, após as análises dos dados, foi possível compreender que esses indivíduos assumem uma identidade de grupo e/ou coletiva e também a existência de regras internas tal qual os demais integrantes da sociedade.

**Palavras-chave:** Grupos, Drogas, Identidade, Cultura e História.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyse a group of drug addicted people and find the reasons why they keep together, although they realise that they are considered outsiders by the society where they live in. Through an exploratory and qualitative research, and with a focus based on Sociology and Anthropology, it tries to reveal what identity these drug addicted people assume due to this grouping, as well as the possibility of having internal rules in this group. For this, seven people that take part in the same drug addicted group were selected. These people, who live in Vilela neighborhood, in the city of Ponta Grossa, Parana state, started being addicted during the adolescence and, although adult now, still use illicit drugs. At the end, after data analysis, it was possible to understand that these people assume a group and/or collective identity and also that there are internal rules, just like other society members.

**Key-words:** Groups, Drugs, Identity, Culture and History.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
OBJETIVOS .....	13
HIPÓTESES.....	12
METODOLOGIA.....	13
ESTRUTURA DO TRABALHO.....	19
<b>1. CAPÍTULO I - ADOLESCÊNCIA: UM PROCESSO IDENTITÁRIO</b> .....	<b>21</b>
1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA .....	21
1.2 O CONCEITO DE IDENTIDADE .....	26
1.3 AS TRANSFORMAÇÕES NATURAIS: A RUPTURA COM A INFÂNCIA .....	31
1.4 ADOLESCÊNCIA: INDEPENDÊNCIA E TENDÊNCIA ÀS DROGAS?.....	34
1.5 ASPECTOS IMPORTANTES RELACIONADOS COM O USO DAS DROGAS ..	38
1.5.1 Fatores protetores e de risco quanto à dependência .....	45
1.5.2 Motivos gerais que conduzem os adolescentes ao uso de drogas .....	47
1.5.3 Motivos específicos que podem levar os adolescentes às drogas e ao vício...	49
<b>2. CAPÍTULO II - IDENTIDADE: UMA NOVA CONSTRUÇÃO NO GRUPO</b> .....	<b>54</b>
2.1 INDIVÍDUO, GRUPO E SOCIEDADE .....	54
2.2 GRUPOS: POR QUE ENTENDÊ-LOS? .....	61
2.3 CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS: A PSICOGÊNESE E A SOCIOGÊNESE.....	64
2.3.1 Sobre a psicogênese, segundo Norbert Elias .....	67
2.3.2 Sobre a sociogênese, segundo Norbert Elias .....	69
2.4 O GRUPO E SUA CONDIÇÃO <i>OUTSIDER</i> .....	72
2.5 A IDENTIDADE DE GRUPO E/OU COLETIVA ASSUMIDA.....	75
<b>3. CAPÍTULO III - A DESCRIÇÃO REALIZADA</b> .....	<b>79</b>
3.1. UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA .....	79
3.2 O PALCO: DOS ANOS DE 1970 ATÉ 2007.....	81
3.3 O CENÁRIO: VILA VILELA, APENAS MAIS UMA ENTRE AS DEMAIS.....	84
3.3.1 O Colégio Meneleu.....	86
3.3.2 Os bares.....	87
3.3.3 Dois locais estratégicos para utilização de drogas.....	90
3.3.4 A praça .....	92
3.3.5 A pensão .....	93
3.3.6 A favela .....	94
3.4 OS ATORES: INDIVÍDUOS RADICADOS NA MESMA REGIÃO .....	95
3.5 A ABORDAGEM.....	97
3.6 A SUSCETIBILIDADE NA VILA VILELA .....	98
3.7 A COLETA DE DADOS.....	98
<b>4. CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS - DISCUSSÃO</b> .....	<b>102</b>

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>129</b>
ANEXO I QUESTIONÁRIO .....	130
ANEXO 2 TERMO DE AUTORIZAÇÃO .....	132

## INTRODUÇÃO

O processo de globalização que a humanidade tem vivenciado nas últimas décadas trouxe consigo uma série de conseqüências para a sociedade. Em pleno século XXI, observa-se que as pessoas estão cada vez mais individualistas. Norbert Elias<sup>1</sup> aponta como causa desta individualização a busca incessante do lucro.

Na concepção de Lúcia Cortes da Costa<sup>2</sup>, a globalização trata-se de “um complexo processo desencadeado pela forma de produção e circulação de mercadorias, exponenciado a partir da segunda metade do século XX, em virtude de um enorme avanço tecnológico”; avanço este que contribuiu para que a humanidade tivesse acesso mais fácil a determinadas coisas, haja vista que foi um processo que adquiriu “o caráter de um movimento político, cultural e valorativo, na medida em que difunde uma maneira de ser, de pensar e um tipo de sociedade como forma hegemônica, a sociedade capitalista.”<sup>3</sup>

Sob estas concepções, insere-se a percepção de Luiz Alberto Pinheiro de Freitas<sup>4</sup> ao relatar que,

a partir dos anos 50, a juventude inicia uma nova forma de contestação: surgem os *hippies*, as drogas, a luta pela liberdade sexual, os protestos estudantis, ocorrendo mesmo uma revolução nos hábitos, linguagem, indumentária, que influenciará a todos, jovens e adultos.

É dessa percepção que se entende o novo rumo que tomou alguns grupos humanos, a partir de uma nova geração que assume um comportamento sem limites, acreditando que nas drogas<sup>5</sup> encontraram liberdade e individualismo.

---

<sup>1</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>2</sup> COSTA, L. C. **Os impasses do Estado capitalista** – uma análise sobre a reforma do estado no Brasil. Ponta Grossa: UEPG. São Paulo: Cortez, 2006, p. 82.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> FREITAS, L. A. P de. **Adolescência, família e drogas** – a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 22

<sup>5</sup> Utilizamos o termo droga para descrever substâncias ilícitas utilizadas para produzir alterações, mudanças — nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional.

Nas décadas de 1970 e 1980, o uso de drogas era percebido somente nas grandes cidades e naquelas que faziam fronteira com regiões produtoras.

Comentando sobre o tema, Luiz Alberto Pinheiro de Freitas<sup>6</sup> acrescenta que, posteriormente, começa uma incrível e interminável pulverização de drogas em todo o mundo, pontuando que a década de 1990 foi decisiva para o desenvolvimento do narcotráfico, que se instalou “definitivamente nas favelas e nos conjuntos habitacionais de classe baixa, ganhou espaço tanto em matéria de operacionalização quanto em estratégias para ampliar o seu campo de consumo.” O autor ainda revela que a *internet* facilitou o trabalho das máfias internacionais para incentivar jovens de todas as camadas sociais ao consumo de drogas, o que resultou na “globalização do fenômeno drogas” e, por consequência, na degradação da sociedade, principalmente dos jovens.

O consumo de drogas é hoje um problema social presente em todos os lugares. Para a elaboração dessa pesquisa foi selecionada a região norte da cidade de Ponta Grossa (PR), mais precisamente a Vila Vilela, onde existe um grupo de usuários de drogas ilícitas.

Importante esclarecer que foi nesta região que este pesquisador passou toda a sua infância, adolescência e juventude, até chegar à vida adulta. Nessa trajetória, a partir do final da década de 1970, época em que brincar pelas ruas do bairro ainda poderia ser feito sem ter que pensar na ameaça da violência, foi possível constatar que alguns daqueles jovens que faziam parte das brincadeiras passaram a ser usuários de drogas ilícitas, principalmente maconha, muito embora tal prática ainda não fosse de forma tão disseminada.

Esses jovens formaram um grupo estigmatizado<sup>7</sup>, tornando-se adultos que passaram a representar uma população diferenciada dos demais moradores da Vila Vilela. Tal fato incentivou a realização do presente estudo, para

---

<sup>6</sup> FREITAS, L. A. P de. Op. cit., p. 53.

<sup>7</sup> Nas lições de Erving Goffman, a pessoa estigmatizada se trata daquela que carrega consigo uma marca, uma característica diferente das demais, e, em decorrência disso, ela é tratada de forma diferente pelos demais membros da sociedade. O autor estabelece três tipos de estigma: as anormalidades corporais, as culpas individuais (como por exemplo, homossexualismo, vícios, etc.) e as decorrentes de raça, nação ou religião. (GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988, 158p). Ao mesmo tempo, trataremos da estigmatização com base em ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

compreender as razões pelas quais estes indivíduos agrupados buscaram este estilo de vida. Ao mesmo tempo, desperta o interesse que leva ao seguinte questionamento: qual identidade que assumiram e quais seriam as regras internas que estabeleceram para a manutenção desse grupo, ainda que os seus componentes tenham consciência da condição de *outsiders*<sup>8</sup> na localidade onde vivem?

Releva-se nesses questionamentos que a pergunta de partida é fundamental num trabalho de investigação. Segundo Raymond Quivy e Luc Van Campenhout<sup>9</sup>, “a pergunta de partida constitui normalmente um primeiro meio para por em prática uma das dimensões essenciais do processo científico.”

No presente trabalho, a pergunta de partida revelou-se uma das medidas mais importantes para desenvolvê-lo, uma vez que os indivíduos selecionados para a pesquisa realizada neste trabalho têm diversos pontos em comum: todos começaram a consumir drogas ao início da fase da adolescência, ou muito próxima dela, tornando-se com o passar dos tempos adictos habituais de drogas consideradas “pesadas”, como é o caso do *crack*; buscam fazer o uso de forma coletiva; representam um problema social que necessita da atenção da sociedade civil e do Estado.

## OBJETIVOS

Considerando o problema social que reveste o presente trabalho, tem-se por objetivos gerais conhecer esse grupo de usuários de drogas ilícitas, buscando-se desvelar as razões que os mantêm unidos, ainda que haja consciência

---

<sup>8</sup> Segundo Frederico Neiburg, em seu comentário a mais importante obra de Norbert Elias (*Os estabelecidos e os outsiders*), *outsiders* são os não membros da “boa sociedade”, “aqueles que estão fora dela”. (ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 7).

No presente trabalho, os integrantes do grupo estudado na vila onde residem são considerados *outsiders* por força dos seus hábitos e costumes, os quais são contrários aos dos moradores mais antigos.

<sup>9</sup> QUIVY, R. VAN CAMPENHOUDT, L.. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992, p. 32.

por parte de seus integrantes serem considerados *outsiders* pela sociedade onde residem.

Para atingir esse objetivo, estabelecem-se como objetivos específicos: a) desvelar qual a identidade assumida por esses indivíduos integrantes do grupo; b) identificar qual o principal motivo que os fazem agrupar-se; c) detectar quais as regras de permanência – ou costumes - para os integrantes continuarem sendo admitidos no grupo.

## HIPÓTESES

As hipóteses prováveis no presente trabalho podem ser as seguintes: apesar de se reunirem por vários motivos, a droga vem a ser a causa preponderante de vinculação do grupo, e que, no seu meio, ainda que não seja de forma clara, existem regras internas de permanência.

## METODOLOGIA

Considerando a delimitação do problema estabelecido e as hipóteses lançadas para conhecer a realidade de um determinado grupo de usuários de drogas, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória. Consideram-se aqui as contribuições de Augusto Nivaldo Silva Triviños<sup>10</sup> a respeito dos estudos exploratórios, que afirma: “o pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maiores conhecimentos para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva.” Sob esse contexto, o autor explica que o estudo exploratório permite ao pesquisador reunir todas as condições para obter o resultado almejado.

---

<sup>10</sup> TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. - a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1997, p. 109.

A complementação a esse estudo exploratório acontece com as diretrizes da pesquisa qualitativa, que é retratada por Maria Cecília Minayo<sup>11</sup> como aquela que,

responde a questões muito particulares [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

A essas considerações adicionam-se os argumentos de Augusto Nivaldo Silva Triviños<sup>12</sup> ao revelar que a pesquisa qualitativa tem as suas origens na antropologia, posteriormente sendo absorvida pela sociologia, possibilitando aos pesquisadores “perceberam rapidamente que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo.”

Sob esses pressupostos, releva-se no presente estudo que as contribuições da pesquisa qualitativa são as mais adequadas para o desenvolvimento do tema abordado, por possibilitar ao pesquisador utilizar sua subjetividade, navegando nas mais profundas águas dos significados dos fenômenos sociais devidamente amparado nas cautelas necessárias que deve conduzir o estudo de um fenômeno social. Também é relevante esclarecer que a pesquisa qualitativa torna-se de extrema importância, por tratar-se de um “Estudo de Caso”<sup>13</sup>.

Tratando-se de um estudo de caso realizado pela pesquisa qualitativa, “nem as hipóteses nem os esquemas de inquirição estão aprioristicamente estabelecidos, dado que a complexidade do exame aumenta à medida que se aprofunda no assunto”<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social** – teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 21.

<sup>12</sup> TRIVIÑOS, A. N. S. Op. cit., p. 120.

<sup>13</sup> “Estudo de Caso é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundadamente” (TRIVIÑOS, A. N. S. Op. cit., p. 133).

<sup>14</sup> TRIVIÑOS, A. N. S. Op. cit., p. 134.

Inês Lacerda Araújo<sup>15</sup> leciona que “um conhecimento cientificamente correto não depende apenas de um levantamento objetivo de fatos, mas terá que levar em conta que os fatos são realizados na própria práxis.” Entende-se assim que é na investigação de campo e no contato direto com os objetos de estudo que se consegue colher as melhores informações a respeito do fenômeno estudado; não se restringindo apenas ao conforto do gabinete.

Tendo em vista o abordado sobre a pesquisa qualitativa, e sobre as suas origens, não só a antropologia revelou-se uma ótima parceira ao bom desenvolvimento deste trabalho, como também a própria sociologia, ciências estas que, juntas, aqui ajudaram a desvelar muitas coisas que existem por detrás do grupo objeto do presente estudo.

Por intermédio do aspecto sociológico, com as contribuições da Sociologia Configuracional, proposta por Norbert Elias, a qual se volta à análise profunda de toda essa teia de interdependência dos indivíduos e as influências decorrentes da vida em sociedade, que vem a ser o próprio processo de civilização, utiliza-se a estrutura da psicogênese e da sociogênese na formação da sociedade, fazendo-se uma relação com os sujeitos objetos da presente pesquisa<sup>16</sup>.

No que tange a essas duas dimensões propostas por Norbert Elias – a psicogênese e a sociogênese, a primeira se refere às transformações do comportamento humano e das estruturas da personalidade do indivíduo, e, a segunda, ao desenvolvimento e o convívio social como um todo.

Por intermédio do aspecto antropológico, buscaram-se as contribuições da “antropologia interpretativa”, ou melhor, a Teoria Interpretativa da cultura proposta pelo antropólogo Clifford Geertz<sup>17</sup>, que atribui o surgimento da antropologia em torno do conceito de cultura. O conceito de cultura segundo essa teoria revela-se como algo estritamente semiótico. Ou seja, “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” e, com base nisso, considera-se a cultura “como sendo essas teias e suas análises.”<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> ARAÚJO, I. L. **Introdução à filosofia da ciência**. 2.ed. Curitiba: UFPR, 1998, p. 81.

<sup>16</sup> LANDINI, T. S. A sociologia processual de Norbert Elias. In: **IX Simpósio Internacional Processo Civilizador** (2005) Disponível em: <www.fef.unicamp.br>. Acesso em 09 out. 2007.

<sup>17</sup> GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

<sup>18</sup> Ibid., p. 15.

Basicamente, essa teoria corrobora o que Norbert Elias<sup>19</sup> denomina como sendo “rede de interdependência da sociedade”. Na sua teoria sociológica, o autor esclarece que o indivíduo, ainda que busque a individualização nos seus atos, é extremamente dependente dessa relação pluralista dos indivíduos, dita sociedade, os quais criam as necessidades (*in casu*, o traficante cria a necessidade do consumo para o usuário, fornecendo primeiramente de forma gratuita): os indivíduos são de forma geral interdependentes, das mais variadas formas e possibilidades.

Na presente pesquisa foi possível identificar essa questão da rede de interdependência quando um dos entrevistados menciona a ligação que ele fazia entre o usuário e o traficante, e também para benefício próprio: “[...] então eu tinha acesso, chegava lá tinha gente que queria comprar, me dava o dinheiro e eu ia buscar pra eles, lá. Então eu ganhava minha parte do traficante e do viciado que tava comprando.”.

Clifford Geertz, por considerar que a antropologia interpretativa está em torno das culturas dos homens, com o objetivo de conhecer qual o significado (semiótica) das ações dos indivíduos de forma mais específica no âmbito dos seus grupos, consegue explicar que as ações do homem podem abranger não só as suas tradições, como os seus hábitos, seus costumes etc. Considerando a resposta do entrevistado, citada logo acima, fica claro o significado da sua ação: conseguir alimentar o seu hábito; a priori, estaria somente vinculando o traficante ao usuário.

Segundo Clifford Geertz<sup>20</sup>, “em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia”: A etnografia trata de uma minuciosa e sistemática coleta de dados sobre um determinado grupo humano, e tem por objeto uma nova forma de olhar os indivíduos membros desta sociedade complexa, interpretando os significados das ações humanas, permitindo uma análise e a compreensão de grupos. O autor ainda esclarece que “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”<sup>21</sup>. Entende-se assim que os passos que devem ser trilhados na etnografia revestem-se de grandes minúcias e, com isso, busca-se desvelar profundamente o significado da ação do indivíduo ou do grupo.

---

<sup>19</sup> ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>20</sup> GEERTZ, C. Op. cit., p. 15.

<sup>21</sup> Ibidem.

Seguindo esta linha de raciocínio, a de que a etnografia está revestida de grandes minúcias, vale a pena lembrar o que se mencionou acima, ou seja, que a pesquisa qualitativa é originária na antropologia e que posteriormente a sociologia a absorveu. Considerando isto, a aplicação da pesquisa qualitativa em ambas as ciências demonstra a afinidade existente entre elas e, por conseqüência, a possibilidade de caminharem juntas, de se completarem de forma recíproca.

Partindo-se desta possibilidade, entendeu-se, portanto, ser possível aplicar no presente trabalho, dando-lhe sustentabilidade, além dos estudos realizados por Clifford Geertz, na obra “A Interpretação das Culturas”, também as contribuições de Norbert Elias realizadas na sua única obra em que se apresenta um trabalho de campo, “Os Estabelecidos e os Outsiders”. Este único trabalho empírico realizado por Norbert Elias, pautado nas trilhas da etnografia, foi possível aplicá-lo conjuntamente com o trabalho de Clifford Geertz em razão da perfeita harmonia e convergência dos seus estudos.

Ressalte-se que não basta somente o empenho do pesquisador em cima das técnicas até aqui mencionadas, de forma mecânica, ou mesmo utilizando-as com uma fórmula matemática, se não empregar o fator mais importante de todos, ou seja, o esforço intelectual. Nas palavras de Clifford Geertz<sup>22</sup>, “o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle.”

O autor chama a atenção também ao objeto da etnografia, ao que ele se refere como “descrição densa”:

o que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar .<sup>23</sup>

A descrição densa mencionada por esse antropólogo está efetivamente empenhada em esclarecer - *interpretar* - os verdadeiros significados das ações dos indivíduos. Um determinado gesto, um sinal, de maneira geral, pode ter um mesmo significado para a coletividade, porém, é na sua individualidade que se revela a sua verdadeira conotação.

---

<sup>22</sup> GEERTZ, C. Op. cit., p. 15.

<sup>23</sup> Ibid., p. 20.

Na pesquisa realizada nesse estudo, é relevante o exemplo de Ryle que Clifford Geertz utiliza: dois garotos piscando rapidamente o olho direito, a princípio seria a mesma ação, porém um poderia ser devido a um tique nervoso e, o outro, uma piscadela – um flerte, que se resumem em ações distintas. Somente quando o pesquisador consegue fazer essa distinção, quando descobre o verdadeiro significado das ações, é que pratica a descrição densa, que é o objeto da etnografia.<sup>24</sup> Cumpre aqui voltar ao depoimento do indivíduo mencionado acima. Numa descrição daquela ligação que ele fez entre o usuário e o traficante tinha uma outra intenção. Portanto, o significado dessa ação, de conquistar também um pouco de droga para si, revelou-se ao pesquisador por intermédio da noção de descrição densa.

Na Teoria Interpretativa ressalta-se que,

a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma idéia, ou o que quer que seja está insinuado como **informação antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente**<sup>25</sup>. (sem negritos no original)

Entende-se que o autor quer alertar com essa informação que, antes de o pesquisador envolver-se diretamente com a pesquisa, precisa observar e efetuar contatos com tudo aquilo que está ligado ao objeto de estudo, posto que muitas coisas estão inseridas nos bastidores dos fenômenos, e isso logicamente permitirá compreender melhor aquilo a que se propôs estudar. Essa interpretação, “leva à visão da pesquisa antropológica como uma atividade mais observadora e menos interpretativa do que ela realmente é”<sup>26</sup>. A atenção do pesquisador assume uma função de extrema importância.

Ainda que a etnografia seja uma descrição densa, fazendo-se uma leitura de segunda mão, a algo próximo do conhecimento da totalidade dos fatos, jamais se consegue o conhecimento em sua íntegra. Clifford James Geertz<sup>27</sup> deixa claro em sua proposta quando comenta que “os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (por definição,

<sup>24</sup> GEERTZ, C. Op. cit., p. 17.

<sup>25</sup> Ibid., p. 19.

<sup>26</sup> Ibid., p. 20.

<sup>27</sup> Ibid., p. 25.

somente um 'nativo' faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura)". Apesar de longa convivência com um determinado grupo, somente aquele que é próprio do lugar ou daquele meio tem a possibilidade de compreender na íntegra o fenômeno. Enfim, "uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que nos propomos a interpretar"<sup>28</sup>.

Outro detalhe importante que deve ser lembrado ainda é o que o mencionado antropólogo denomina de leitura de "segunda mão", que é o pesquisador "olhar por sobre os ombros dos indivíduos" buscando decifrar a lógica simbólica da atuação social, porém tendo acesso apenas a uma parte de significados, os quais pertencem aos próprios indivíduos do grupo. Ou melhor, "jamais conseguiremos decifrar na íntegra os significados de um determinado grupo, a não ser que sejamos um deles"<sup>29</sup>.

Resta acrescentar que foi utilizada, como instrumento da pesquisa, a entrevista semi-estruturada pela razão que essa "ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação."<sup>30</sup> Considera-se que ela proporciona ao investigador a possibilidade de novas descobertas, até então ignoradas, tornando possível dar amplitude às representações dos indivíduos usuários selecionados para esse estudo.

## ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho encontra-se desenvolvido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, foi desenvolvido um estudo sobre a fase da adolescência, ainda que a escolha dos sujeitos da presente pesquisa tenha sido indivíduos com mais de 23 anos, porém foi na fase da adolescência que eles escolheram suas trajetórias e que foi definidora da identidade dessas pessoas. Apresenta-se como se forma a identidade dos adolescentes a partir da ruptura com

---

<sup>28</sup> GEERTZ, C. Op. cit., p. .28.

<sup>29</sup> Ibidem.

<sup>30</sup> TRIVIÑOS, A. N. S. Op. cit., p. 146.

a infância, e os fatores que os levam a se aproximarem das drogas. Segue-se então a descrição dos aspectos importantes relacionados com a questão drogas.

O segundo capítulo aborda as distinções entre indivíduo e sociedade, apresentando os devidos conceitos, balizados nas lições de Norbert Elias. Desenvolve-se a categorização, haja vista sua importância para as análises das entrevistas. Dá-se ênfase à co-relação entre a psicogênese e a sociogênese na formação dos grupos, entendendo-se como necessárias no estudo de caso desse grupo de usuários, e para demonstrar de que forma a identidade de grupo e/ou coletiva caracteriza-se.

No desenvolvimento desses primeiros capítulos deste trabalho foram utilizadas as contribuições dos mais diversos autores. Todavia, há que se destacar Clifford Geertz, pela importância das contribuições da “Antropologia Interpretativa” para melhor compreender os indivíduos integrantes do grupo, e os significados das suas culturas; foram indispensáveis, à compreensão do que são identidade individual e coletiva, Zygmunt Bauman, Manuel Castells, Stuart Hall, William Outhwaite e Tom Bottomore; e ainda Norbert Elias foi de fundamental importância no trabalho, não só por causa das contribuições no que diz respeito aos conceitos de indivíduo, grupo e sociedade, mas principalmente por causa da Sociologia Configuracional e ao que se refere à definição de “estabelecidos” e “outsiders”.

A estrutura envolvida no presente trabalho é destacada no terceiro capítulo que descreve o cenário onde os atores estão radicados. Apresentam-se os esclarecimentos necessários a respeito do município de Ponta Grossa, da região onde o grupo desses indivíduos vive. Descrevem-se os pontos dessa região onde as drogas são encontradas mais constantemente; comenta-se sobre os integrantes e também como foi o processo de abordagem.

No quarto capítulo desenvolve-se a análise de dados, onde se procurou fazer uma correlação com os dois primeiros capítulos apresentados.

E, por fim, são relatados os resultados da presente pesquisa, que permitiram constituir as considerações finais.

# 1. CAPÍTULO I - ADOLESCÊNCIA: UM PROCESSO IDENTITÁRIO

## 1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA

Neste trabalho foram objetos de estudo sete indivíduos usuários de drogas, com idades variadas, pertencentes ao mesmo grupo. Com exceção de um, os demais tiveram o seu primeiro contato com a droga ainda antes de chegarem à fase da adolescência, conforme se verá adiante. E foi também no desenvolver da adolescência que eles chegaram a essa condição de dependentes.

Considerando isto, e para justificar a relevância do estudo sobre a adolescência, na seqüência serão apresentados três depoimentos dos sujeitos da presente pesquisa. Nesses três depoimentos, esses sujeitos contaram a transformação que tiveram nessa fase em virtude do contato com as drogas ilícitas. Esclarece-se que esses depoimentos foram colhidos na primeira etapa de entrevistas, sendo que eles falaram livremente sobre as suas histórias de vidas.

Eis o primeiro depoimento:

Tenho 40 anos e sou usuário de drogas há 30 anos. Sou de uma família humilde, meus pais sempre trabalharam vendendo frutas, trabalhavam na feira e depois no mercado. [...]. Com 11 anos comecei a fumar maconha e a cheirar benzina, junto com meus amigos do colégio. Gazeava aula, ia pro fliperama, fumava baseadinho, tomava uma bebida, e assim começou a minha vida nas drogas. Em 1982, quando minha mãe faleceu, minha irmã mais nova morava em São Paulo (SP). Com aquele choque de cidade de Ponta Grossa para São Paulo, me afastei um pouco por medo da polícia, medo do traficante [...]; não durou muito, um ano depois que estava em São Paulo, comecei de novo a fumar maconha, daí em 1985 tive minha primeira experiência com a cocaína injetável, gostei, continuei [...]. Fiz tráfico também, nunca tive problema com a polícia, graças a Deus. Tenho uma saúde boa hoje; não preciso tomar medicação para HIV, nem nada, mas o que me quebrou foi o crack. Conheci o crack em 1992, em São Paulo, era coisa que em Ponta Grossa, mesmo no Brasil, ninguém tinha noção do que era. Morei na "Cracolândia" em São Paulo, em Goianópolis, ali que é o centro de São Paulo. Voltei para Ponta Grossa, fui conhecer aqui já em 2000 e pouco. [...] Hoje tenho uma luta diária para não usar, não estou conseguindo ser vitorioso ainda, porque já usei algumas vezes. É muito difícil você lutar com aquela vontade de usar droga, é uma briga muito pesada, mas eu tenho fé em Deus que vou conseguir vencer mais essa briga. [...] Você com o uso do crack, da cocaína, fica anti-social, você não quer conversar com ninguém [...]. Desfiz de muitas coisas minhas, me desfiz de uma filha por causa de droga, não tive capacidade de manter ela

do meu lado, foi adotada. E minha mulher que vivia comigo, depois nós nos separamos, faleceu por causa do envolvimento com droga, de *overdose*, então eu perdi muitas coisas. [...] . Trinta anos de drogas que eu não adquiri nada, a não ser uma triste história para contar. É ... há tempos atrás tinha uma propaganda na televisão que mostrava o cara que folhava um álbum de fotografia em branco, que foi os anos que ele passou usando drogas, e é assim que hoje eu me vejo, trinta anos basicamente páginas em branco [...]; tenho lembranças de farras, de festas, de chegar caindo de bêbado em casa e acordar esfolado por cair, se machucar, os braços doídos de tanto tomar “pico”, mas uma história para contar eu não tenho [...]. Hoje a gente tá sofrendo muito com o crack na cidade, antes você andava a noite com tua família tranquilamente, hoje você não pode mais porque a criminalidade aumentou demais, em virtude das drogas, principalmente o crack [...]. O crack só tem duas maneiras de largar, é você entregando sua vida a Deus, ou morrendo, porque nem preso você abandona a droga, porque na cadeia tem mais que na rua. [...]. Então hoje em dia eu peço a Deus, estou com 40 anos e se for do querer Dele que eu possa viver mais vinte, diferente agora, com a cabeça nova, com uma perspectiva nova de vida, uma vida melhor, mais saudável, mais digna, onde as pessoas me olhem com bons olhos, que o grande problema do viciado é a desconfiança. Todos que sabem que você é viciado te olham com desconfiança, tem medo de você, que você roube ela, que você lese ela de alguma maneira. Então é muito ruim você chegar num lugar e você vê que as pessoas olham para você com desconfiança [...]. Então o que eu deixo é isso: para as pessoas terem consciência disso na hora que forem escolher seu caminho. **(Abel)**<sup>31</sup>

Neste primeiro depoimento fica claro que o sujeito teve o seu primeiro contato aos 11 anos, mas o momento que marcou a sua vida foi aos 16 anos, em plena adolescência, quando então voltou a fumar maconha e dois anos mais tarde foi experimentar cocaína.

O segundo depoimento:

Eu tenho 23 anos e para mim foi ótima [a infância], tive muitas brincadeiras, não tive participação com nada de ruim. Meu pai eu convivo com ele muito bem e posso falar que tive uma infância excelente, brincava, soltava papagaio, tudo, tudo era por época. Daí eu mudei de bairro, cresci, aos 15 anos usei, comecei a experimentar, tudo por causa de uma brincadeira para ver qual era a sensação da droga; peguei usei maconha. Daí peguei, me mudei para a Vilela, aqui, daí comecei com a droga. [...]. No começo foi assim como uma brincadeira, daí agora meu pai se separou da minha mãe, eu me separei da minha esposa, fiquei desnorreado da vida, sabe como? Sem serviço, sem nada. [...]. Quando uso cocaína eu fico neurótico, que a cocaína deixa você neurótico; [...] você fica assim tremendo, nervoso, qualquer coisa você vai brigar [...]; a maconha quando você desestressado; [...] não aconselho ninguém a usar droga, não ofereço para quem é careta. Não quero ver ninguém no estado que eu estou. Amigo tem bastante para te viciar, mas para te ajudar não tem. **(Geraldo)**

<sup>31</sup> Nome meramente fictício, assim como os demais.

Nesse caso o sujeito começou a usar drogas também aos 15 anos e não parou mais. Na fase da adolescência é que ocorreu o ponto de partida para a vida que leva atualmente.

O terceiro depoimento:

Tenho 39 anos. Tive uma infância que não foi daquelas mais aprimoradas [...] Sofri muita agressão dos meus pais, daí fui morar com minha tia, daí o tempo foi passando, eu ia para a escola, mas também não gostava muito de estudar; consegui aprender, me alfabetizar pelo menos. Conheci o pessoal da rua e não gostava muito das ações que via das pessoas que usavam drogas, por exemplo, não gostava, odiava [...]. A curiosidade foi me perseguindo, eu fui experimentar e acabei usando a maconha pela primeira vez. [...]. Através da maconha eu fui para a cocaína, já com 10 anos de idade eu já cheirava [...]. Um dia eu conheci o tal do crack, foi uma das drogas mais pesada que eu conheci. Eu achava que dominava que nem as outras, só que não consegui [...]. a sociedade recrimina muito a gente por ser usuário de drogas [...]. Ninguém entende isso, daí a pessoa drogada, ou sabem que a pessoa é drogada pela aparência, olha e já recrimina, então foi isso que aconteceu comigo. [...]. Então ali a gente começou a fumar direto [crack], direto, direto, aí quando eu vi já tinha perdido minha mulher, já tinha perdido meu emprego. [...] Foi ela que acabou com a minha vida, tá acabando com a minha vida. Não acabou, tá acabando, entendeu? [...]. Eu tinha acesso, chegava lá [com os viciados] tinha gente que queria comprar, me dava dinheiro eu ia buscar pra eles lá [com o traficante]. Então eu ganhava minha parte do traficante e do viciado que tava comprando. [...] Fui lá pra Betânia [comunidade de recuperação] onde Deus “opera”, é um antro, só dá viciado, traficante, bandido, é um antro, mas fiquei coisa mais linda do mundo, sem cigarro, sem droga nenhuma [...]. Voltei pra cá [...]. Volta e meia aparecia um amigo para oferecer e eu falava não. Três vezes eu consegui dizer não. [...]. Pode comparar eu com um viciado em crack, com outras pessoas viciadas em crack, que tem pessoas que estão matando, roubando, por causa de cinco, dez reais, eu não cheguei nesse extremo e nem vou chegar. [...]. Até quando eu vou levar esse tipo de coisa eu não sei, só sei que o negócio não presta, não vale nada [...]”. (**Felipe**)

O terceiro sujeito apresenta a mesma situação do primeiro, pouco antes da adolescência teve seus primeiros contatos, porém fica perceptível que foi neste período que chegou à condição de dependente.

As histórias de vidas desses sujeitos revelaram este ponto de convergência e confirmam aquilo que foi mencionado acima.

Portanto, reveste-se de grande importância fazer um estudo aprofundado da fase da adolescência, pois é no seu transcorrer que o ser humano

define toda a sua personalidade, ou conforme assevera Daniel Becker<sup>32</sup>, “é na adolescência que começamos a aprender a escolher livremente.”

Conforme Livia Borges<sup>33</sup>, “o adolescente é conhecido por sua insistência, argumentação e desobediência. Sua REBELDIA – como força de vida e não como agressão – é necessária, porém, incômoda”. Demonstra a autora em questão que o adolescente assume certas posturas e leva em frente a sua decisão, ainda que contra aquilo que se entende como correto.

Nesta mesma linha, Flávio Gikovate<sup>34</sup> esclarece a fase da adolescência como aquela “que o jovem tem de ir construindo sua própria identidade, ir formando seus próprios pontos de vista.” Na prática isso quer dizer que o adolescente neste período deve ir moldando-se e ajustando-se para chegar na vida adulta pronto para assumir as responsabilidades que precisa enfrentar.

Partindo dessa linha de raciocínio é válido o posicionamento de Daniel Becker<sup>35</sup> quando afirma que “o conceito de adolescência, como ele é hoje considerado, é bastante recente. Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância.” Ou seja, não existia a distinção entre ambas, foi somente com,

a ascensão da burguesia como classe dominante, [que] houve mudanças na estrutura escolar, surgindo a formação primária e a secundária. Assim, se estabeleceu gradativamente uma relação entre idade e classe escolar, e a adolescência passou a ser melhor distinguida.<sup>36</sup>

Referido autor, considerando o aspecto recente do conceito de adolescência, lembra que foi somente após a segunda grande guerra mundial que a juventude passou a ser foco de maior atenção, dando-se destaque em especial para a década de 1960 quando ocorreu grande atenção da sociedade à essa fase. A partir de então a preocupação com os jovens passou a ser algo de relevante importância, não só pela mídia, mas também por todos os setores da sociedade, inclusive por partidos políticos, consoante a constatação de que os jovens representam o futuro de toda e qualquer sociedade.

---

<sup>32</sup> BECKER, D. **O que é adolescência**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 58.

<sup>33</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 6.

<sup>34</sup> GIKOVATE, F. **Drogas - opção de perdedor**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004, p. 29.

<sup>35</sup> BECKER, D. **O que é adolescência**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 58.

<sup>36</sup> Ibidem.

No Brasil, por intermédio da Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, o adolescente é definido no artigo 1º como aquela pessoa que tem entre doze e dezoito anos de idade, instituindo que a adolescência compreende essa fase da vida do ser humano.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO considera a adolescência como o período que começa aos quinze anos de idade e vai até os vinte e quatro anos.<sup>37</sup>

Existem várias faixas etárias para denominar o período da adolescência, porém adota-se neste trabalho apenas dois: o padrão legal pátrio e o padrão internacional. Porém, como veremos adiante, a faixa etária em que a maioria dos entrevistados assumiu o uso contínuo de drogas, aproxima-se com a definição da ONU-UNESCO.

Não obstante a distinção entre ambos, isto não reflete no presente trabalho, em virtude de que a abordagem sobre a adolescência reveste-se aqui de caráter explicativo. Importante esclarecer ainda que inicialmente a idéia era a de voltar o presente trabalho somente para adolescentes, conforme o padrão estabelecido pela UNESCO. Contudo, após iniciar o trabalho de campo, foi constatado que a pesquisa seria mais relevante com a inclusão de indivíduos de faixa etária superior, haja vista eles relatarem que vivenciaram situações difíceis. E também em razão de que a capacidade civil plena obtém-se somente a partir dos 18 anos de idade, motivo pelo qual não haveria problemas nas declarações realizadas nas entrevistas de campo<sup>38</sup>.

Voltando ao mérito, o termo adolescência vem do latim (*ad*: “para”; *olescere*: “crescer”), que significa “crescer para”.<sup>39</sup> A adolescência trata-se de uma fase de relevante dificuldade enfrentada pelo ser humano, tendo em vista as mudanças naturais que ocorrem face à passagem da infância para a vida adulta.

Para Flávio Gikovate<sup>40</sup>,

A adolescência é um período crítico, complexo e sofrido como algumas fases da infância. Embora despreparados, temos de lidar com as mudanças

---

<sup>37</sup> Direitos da Criança e do Adolescente. Disponível em: <www.ilo.org.br>. Acesso em: 14 set. 2006.

<sup>38</sup> “A minoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil”. (Artigo 5º do Código Civil Brasileiro vigente - Lei n. 10.406/2002).

<sup>39</sup> BECKER, D. **O que é adolescência**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 8.

<sup>40</sup> GIKOVATE, F. **Drogas** - opção de perdedor. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004, p. 24.

no corpo e com as repercussões mentais da chegada da sexualidade adulta e seus problemas. Temos de entender que, a partir de agora, o jogo da vida é pra valer. Temos de tentar dar solução para o dilema que deriva do desejo de individualidade, por um lado, e do aconchego amoroso, por outro.

A adolescência trata-se de um período preparativo para o jovem enfrentar as responsabilidades da vida adulta, e neste ponto Flávio Gikovate esclarece que não se tratam somente das suas responsabilidades, mas também das alterações da sua sexualidade e suas conseqüências.

Conforme Eduardo Kalina e Halina Grynberg<sup>41</sup>, a adolescência, após o nascimento, vem a ser o segundo salto para a vida, a qual tem por objetivo a busca de uma identidade e por conseqüência não deixa de ser um renascimento.

Nessa mesma linha de raciocínio, quando lembrado de Daniel Becker, fica claro que a adolescência é uma fase de transformação, quando o ser humano deixa a infância e passa à vida adulta. E ainda, com as considerações de Flávio Gikovate, consegue-se perceber que esta fase leva o indivíduo a uma remodelação total, remodelação esta que Eduardo Kalina e Halina Grynberg definem como o encontro da nova identidade.

Sob esses pressupostos, a identidade adquirida pelos seres humanos acontece na adolescência, tornando-se o ponto crucial do modo de vida que eles escolhem.

## 1.2 O CONCEITO DE IDENTIDADE

No item anterior, procurou-se desenvolver algumas considerações sobre a adolescência, e foi possível constatar que o desenvolvimento de uma nova identidade é conseqüência de todas as alterações naturais que ocorrem no jovem na fase da adolescência. Portanto, torna-se relevante conhecer a amplitude do conceito de identidade para a compreensão deste trabalho, pois, conforme afirma Stuart

---

<sup>41</sup> KALINA, E. GRYNBERG, H. **Aos pais de adolescentes**: viver sem drogas. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 1999, p. 17.

Hall<sup>42</sup>, “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas.”.

O conceito de identidade desenvolvido adiante teve por base vários autores, porém destacam-se Zygmunt Bauman, Manuel Castells e Stuart Hall. Outros autores citados, tais como Willian Outhwaite e Tom Bottomore, contribuíram de forma complementar à compreensão do tema.

Voltando aos primeiros autores citados, tem-se entre eles a aceitação unânime de que a identidade está centrada numa livre opção do indivíduo. A possibilidade da escolha, intimamente ligada com a subjetividade do indivíduo, determina a construção da identidade, a qual também é fortemente influenciada pela própria cultura onde convive.

Mas, enfim, o que é identidade? Inicialmente trazem-se as contribuições de Zigmunt Bauman<sup>43</sup>, que esclarece:

A “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Conforme se depreende desse conceito tem-se que a identidade está intimamente relacionada com a subjetividade do indivíduo, pois é definida somente por ele, o qual estabelece todas as suas formas e características ante a sua opção de escolha. O indivíduo opta por aquilo que entende, a priori, ser mais interessante para si, por isso Zigmunt Bauman menciona em seu conceito que a identidade é algo a ser inventado e jamais descoberto.

E nessa mesma linha de raciocínio que Manuel Castells<sup>44</sup> define identidade como sendo “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s)

---

<sup>42</sup> HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 8.

<sup>43</sup> BAUMAN, Z. **Identidade** - entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.21.

<sup>44</sup> CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 5. ed., São Paulo: Paz e Terra, v. II, 2006, p. 22.

qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” O ponto central dessa definição reside na referência a que o autor denomina de “processo de construção”, ou seja, que cabe ao próprio indivíduo estabelecer a sua identidade com base na cultura local de onde vive ou que se busca; com base na sua definição, o indivíduo é fortemente influenciado na construção de sua identidade pelo povo ou grupo a que está vinculado.<sup>45</sup>

As definições apresentadas convergem em dois pontos centrais: o primeiro é que cabe única e exclusivamente ao indivíduo dar forma à sua identidade, e, o segundo, que ele vai buscá-la através de uma opção.

Adotam-se as definições de Zigmunt Bauman e Manuel Castells no presente trabalho exatamente porque além das mesmas completarem-se, de serem convergentes, demonstram as maneiras de compreender como foi construída a identidade dos sujeitos objetos da presente pesquisa. Estes indivíduos, integrantes de grupo usuários de drogas ilícitas, criaram a identidade de usuário por opção no local onde vivem. Ressalve-se, ainda, que esses indivíduos usuários fizeram suas opções entre várias alternativas que, de uma forma ou de outra, foram colocadas às suas frentes, e isso tudo trata-se de um processo construtivo; não foi numa primeira oportunidade que o vício surgiu, mas sim nas reiteradas repetições de suas ações desenvolvidas nessa cultura do grupo.

As contribuições desses dois autores para definir identidade são consistentes, contudo, cabe também acrescentar o posicionamento de Stuart Hall nessa seara.

Stuart Hall<sup>46</sup> posiciona-se de maneira bastante cautelosa no que tange ao conceito de identidade, defendendo o ponto de vista que o conceito de identidade “é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”. Convicto dessa afirmação, o autor deixa claro que não se pode falar em conceitos absolutos pois não há um consenso no âmbito da comunidade sociológica, mas sim uma divisão.

---

<sup>45</sup> Anote-se que o atributo cultural do grupo pesquisado está relacionado à época de ampla disseminação das drogas (1970 - 1990) que coincide com a fase da infância e adolescência da maioria dos sujeitos da presente pesquisa.

<sup>46</sup> HALL, S. Op. cit., p. 8.

Nessa linha de pensamento, com as devidas cautelas, ele apresenta três distintas concepções de identidade: (1) sujeito do iluminismo, (2) sujeito sociológico e (3) sujeito pós-moderno<sup>47</sup>.

Segundo Stuart Hall<sup>48</sup>, o sujeito do iluminismo vem a ser aquele indivíduo “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação”; é aquele que revela em sua identidade um conjunto de padrões pré-estabelecidos e rígidos sem qualquer influência de outrem. O sujeito sociológico vem a ser “a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’”, é a necessidade do interagir com os demais e, por conseqüência, produz o sujeito pós-moderno.

A concepção de identidade do sujeito pós-moderno, em virtude de sua contemporaneidade, tem íntima relação com os sujeitos da presente pesquisa. Stuart Hall<sup>49</sup> defende a tese de que o sujeito pós-moderno não detém uma identidade rígida, mas sim flexível. Esclarece que “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”<sup>50</sup> Com efeito, o que o autor nos quer dizer é que o indivíduo pós-moderno sujeita-se, portanto, às alternativas apresentadas pelo seu meio, caracterizando de forma muito clara a possibilidade de optar, de escolher.

Mesmo defendendo a complexidade de conceituar identidade, ainda assim Stuart Hall navega no mesmo sentido das águas de Zygmunt Bauman e Manuel Castells. Com base em seus ensinamentos pode-se arriscar, de uma maneira geral, que a identidade do indivíduo em momento algum será transmitida como um legado, mas que a mesma será sempre criada em função do meio cultural em que convive e de maneira flexível.

Nas Ciências Sociais são apresentadas duas formulações a respeito da identidade: a psicodinâmica e a sociológica. Para a primeira, que surgiu com a teoria de Sigmund Freud em relação à identificação, “a criança vem a assimilar (ou

---

<sup>47</sup> HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 10.

<sup>48</sup> Ibid., p. 10-11

<sup>49</sup> Ibid., p. 12.

<sup>50</sup> Ibid., p. 12-13.

introjetar) pessoas ou objetos externos (geralmente o superego de um dos genitores)”. Já para a segunda forma, que se originou a partir da teoria pragmática discutida por William James e George Herbert Mead, a identidade é entendida como “o eu que é uma capacidade caracteristicamente humana que permite às pessoas ponderar de forma reflexiva sobre sua natureza e sobre o mundo social através da comunicação e da linguagem.”<sup>51</sup>

Registre-se, ainda, que Willian Outhwaite e Tom Bottomore<sup>52</sup> esclarecem que “as pessoas constroem suas identidades pessoais a partir da cultura em que vivem.”

Com base tanto na antropologia quanto na psicologia, Kalina Vanderlei Silva<sup>53</sup> esclarece que “a identidade é um sistema de representações que permite a construção do ‘eu’, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros.”

Mais uma vez relembro Eduardo Kalina e Halina Grynberg, na adolescência tem-se o objetivo de encontrar uma identidade. Portanto, no transcorrer desse período, vai o jovem se remodelar. Nesta remodelação, nesta busca da nova identidade, o adolescente identifica-se com um grupo, mesmo que sendo contrário aos modelos apresentados por sua família. Entre as diferentes variáveis que desviam os adolescentes desses modelos, inclui-se o envolvimento com as drogas, que geralmente tem como fator preponderante uma forma de ser acolhido em um novo grupo, aquele que o adolescente considera mais compatível com as suas necessidades no momento da ruptura de sua infância para um mundo em que se sente inseguro e/ou confuso.

Destarte, a grande valorização dada à fase da adolescência no presente estudo se deve a este motivo, qual seja, a de que é nesta fase o grande momento definidor da identidade do indivíduo e que a levará consigo para toda a sua vida. Adiante, será esclarecido que os sujeitos dessa pesquisa desenvolveram o vício do uso de drogas ilícitas no transcorrer da fase da adolescência.

---

<sup>51</sup> OUTHWAITE, W; BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 369.

<sup>52</sup> Ibid., p. 370.

<sup>53</sup> SILVA, K. V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005, p.202.

### 1.3 AS TRANSFORMAÇÕES NATURAIS: A RUPTURA COM A INFÂNCIA

Neste passo, após o entendimento do que é identidade, trata-se de grande relevância no presente estudo explorar ainda outros detalhes intimamente ligados à adolescência.

Antes de entrar na fase da adolescência propriamente dita, fundamental se faz esclarecer que, entre os onze e os doze anos, tem-se a fase que se denomina puberdade, “o período da vida em que o indivíduo se torna apto para a procriação, isto é, adquire a capacidade física de exercer a função sexual madura.”<sup>54</sup>

Difere-se a puberdade da adolescência, sendo esta uma fase de indagações e alterações vinculada às alterações psicossociais e aquela corresponde às alterações concernentes aos aspectos fisiológicos e anatômicos. A puberdade está relacionada exclusivamente com o aspecto orgânico do ser humano e a adolescência tem relação exclusivamente com o aspecto psicológico e social.<sup>55</sup>

Uma vez esclarecida a fase da puberdade, Tânia Zagury<sup>56</sup> esclarece que a adolescência,

caracteriza-se por ser uma fase de transição entre a infância e a juventude. É uma etapa extremamente importante do desenvolvimento, com características muito próprias, que levará a criança a tornar-se um ser adulto, acrescida da capacidade de reprodução. As mudanças que ocorrem nesta fase são universais, com algumas variações, enquanto as psicológicas e de relações variam de cultura para cultura, de grupo para grupo e até entre indivíduos de um mesmo grupo.

Nesta fase, na busca desta nova identidade, o adolescente tem de experimentar várias alterações naturais do seu corpo, tais como a questão sexual. A forma de encarar a vida tem que ser agora com seriedade, a questão do afastamento do meio familiar e até mesmo voltar-se para a questão sentimental, a sensação amorosa. Segundo Flávio Gikovate<sup>57</sup>, só a questão de alterabilidade do

---

<sup>54</sup> BECKER, D. **O que é adolescência**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 18.

<sup>55</sup> KALINA, E. GRYNBERG, H. **Aos pais de adolescentes**: viver sem drogas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999, p. 19.

<sup>56</sup> ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 24.

<sup>57</sup> GIKOVATE, F. **Drogas** - opção de perdedor. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004, p. 24.

corpo e a sexualidade poderiam ser consideradas mais do que suficientes para que se justificasse a crise na adolescência. Entretanto, essas alterações trazem uma crise de identidade.

Na fase da adolescência ocorrem muitas alterações no jovem, mas “a característica mais visível e clara é o acentuado desenvolvimento físico com fortes transformações internas e externas. Ocorrem também mudanças marcantes nos campos intelectual e afetivo.”<sup>58</sup>

Tânia Zagury ainda mostra que “outra importante mudança é o amadurecimento sexual, o disparar do relógio biológico, colocando em funcionamento glândulas que produzirão hormônios importantíssimos.”<sup>59</sup>

Em relação à questão afetiva, o adolescente passa por uma fase bastante conflituosa. Neste ponto “é comum períodos de serenidade sucederem a outros de extrema fragilidade emocional, com demonstrações freqüentes de instabilidade<sup>60</sup>. A crise de maior relevância por que passam os adolescentes está “relacionada com a necessidade de assumir responsabilidades para as quais não foram alertados e muito menos preparados.”<sup>61</sup>

Ainda, no que diz respeito ao que se denomina crise da adolescência, que para muitos chega a ser considerada uma patologia, como exemplo para os próprios pais, tem-se a esclarecer que esse momento jamais poderá ser entendido dessa forma, mas sim como uma fase normal, todavia, com certas turbulências.<sup>62</sup>

Eduardo Kalina e Halina Grynberg<sup>63</sup>, ainda, esclarecem que,

Por ser um fenômeno tão arraigado nas estruturas sociais onde emerge e que vem contestar, a adolescência pode ter diferentes expressões e formas como resultado das pressões e influências do meio em que se instala. Para entender o significado real da adolescência, é preciso conhecer o contexto no qual ela está sendo vivenciada. Por exemplo, quanto mais rígida e estratificada for a cultura que ocorra, maior será a crise existencial do adolescente. Se é que, ao menos, a adolescência tiver condições de se manifestar em toda sua complexidade. Em alguns casos, a rejeição pelo

<sup>58</sup> ZAGURY, T. Op. cit., p. 24.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> Ibid., p. 28.

<sup>61</sup> GIKOVATE, F. Op. cit. p. 27.

<sup>62</sup> FREITAS, L. A. P de. **Adolescência, família e drogas** - a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 37.

<sup>63</sup> KALINA, E. GRYNBERG, H. **Aos pais de adolescentes**: viver sem drogas. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 1999, p. 19.

grupo social do novo que ela representa pode vir a ser tão intensa que é tolhido até mesmo o vislumbre de liberdade que ela timidamente propõe.

Esta fase gera de fato uma grande confusão mental no jovem, tendo em vista a grande quantidade de alterações que ocorrem. Por isso os autores retro citados esclarecem que a camada social em que vive o adolescente é bastante determinante em sua estrutura, sendo mais exigente em uma e mais flexível noutra, e assim por diante.

Para uma melhor compreensão do assunto, importante lembrar as observações de Ilana Pinsky e Marco Antônio Bessa<sup>64</sup>,

A adolescência é uma fase de metamorfose. Época de grandes transformações, de descobertas, de rupturas e de aprendizados. É, por isso mesmo, uma fase da vida que envolve riscos, medos, amadurecimento e instabilidades. As mudanças orgânicas e hormonais, típicas dessa faixa etária, podem deixar os jovens agitados, agressivos, cheios de energia e de disposição em um determinado momento. Mas, no momento seguinte, eles podem ser acometidos de sonolência, de tédio e de uma profunda insatisfação com seu próprio corpo, com a escola, com a família, com o mundo e com a própria vida. [...]. O jovem atingirá a vida na plenitude de todos os seus potenciais e dispondendo de um substrato orgânico, afetivo, emocional e cognitivo para desenvolvê-los. Entretanto, se os fatores intrínsecos – biológicos, genéticos e emocionais – ou extrínsecos – a família, a escola, os amigos e a comunidade – falharem ao longo desse processo, a transformação pode ser interrompida, em diversos níveis e graus de complexidade.

Considerando esse esclarecimento, percebe-se que os momentos de insegurança durante a fase da adolescência é algo extremamente de risco para o jovem. A mudança de comportamento altera-se constantemente, isto é, não há uma postura com convicção em suas decisões, quando então, neste momento de grande exaltação, é influenciado muitas vezes pelo grupo; o adolescente pode tomar a decisão que pode por em risco todo o seu futuro, como exemplo o uso de drogas, e o arrependimento posterior pode ser tarde.

---

<sup>64</sup> PINSKY, I; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 11.

## 1.4 ADOLESCÊNCIA: INDEPENDÊNCIA E TENDÊNCIA ÀS DROGAS?

A fase de transformação, de mudanças radicais naturais na criança, “a levará a um ser adulto, mais maduro [...] cuja relação com a vida é diferente. E acrescida de capacidade de reprodução da própria vida, pois ela desenvolveu durante a transformação as asas necessárias para esse voo.”<sup>65</sup>

O adolescente atingindo essa fase da sua vida, em que ocorrem as grandes transformações, acaba adaptando-se à realidade do grupo em que vive ou do grupo que escolheu para viver. Portanto, nesse meio o adolescente pode voltar-se às mais diversas práticas, como exemplo a dedicação ao esporte, ao estudo, ao trabalho, etc., lembrando-se, porém, que essas práticas sofrem influência principalmente da unidade familiar. Por outro lado, pode também, em razão do grupo que escolheu para conviver, ocorrer a dedicação às drogas, ao tráfico, etc.

Abrem-se aqui parênteses para conceituar droga no sentido que interessa para este trabalho. Segundo a psicóloga Lívia Borges<sup>66</sup>, em conformidade com a Organização Mundial de Saúde – OMS, droga “é toda substância química que, quando introduzida no organismo, altera uma ou mais funções biológicas. Tal alteração pode acarretar mudanças fisiológicas ou comportamentais.”

Para uma melhor compreensão, e a fim de deixar mais claro o sentido do termo droga, importante também apresentar a definição de Tânia Zagury<sup>67</sup>,

droga, no sentido científico do termo, significa todo e qualquer medicamento. Daí o termo *drogaria* (local onde se adquirem drogas). Entretanto, no sentido leigo, passou aos poucos a designar as substâncias tóxicas que produzem alterações psíquicas ou de comportamento, pelos efeitos que produzem no sistema nervoso central. Em geral, para quem as utiliza, levam a uma sensação de prazer tais como sedação (acalmam), excitação, alucinações e volúpia. Essas sensações podem alterar a percepção, a inteligência, a memória, o raciocínio e o autocontrole.

---

<sup>65</sup> BECKER, D. **O que é adolescência**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 16.

<sup>66</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 8.

<sup>67</sup> ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 99.

Superada a questão referente ao conceito de droga, e devidamente inteirado sobre as mais diversas alterações no ser humano, cumpre-se dar prosseguimento à questão da opção do adolescente para conviver com grupos de usuários.

Quando a opção é para o tipo de grupo que lida com drogas, trata-se oportuno esclarecer que é em virtude das transformações psicossociais e do querer ser independente, aliado ao fato da influência dos integrantes desse grupo que convivem na fase da adolescência, que muitos aderem ao consumo de drogas, porém, importante registrar que é entre os quatorze e os dezessete anos de idade que esses jovens têm a primeira experiência com a droga<sup>68</sup>.

Flavio Gilovate<sup>69</sup> adverte que “é incrível como os rapazes – e agora também as moças – de 13 a 16 anos de idade são presas fáceis dos traficantes de drogas bem como dos outros viciados mais velhos.” Isso que foi afirmado por este autor também se confirmou com os sujeitos da presente pesquisa, ainda que alguns tenham tido um primeiro contato próximo da fase da adolescência, mas foi nesse período o envolvimento com maior intensidade.

Na entrevista realizada com os integrantes do grupo pesquisado neste trabalho, os depoimentos revelaram que o adolescente muitas vezes acaba envolvendo-se com drogas ao aproximar-se de um determinado grupo de usuários por causa de incompatibilidade de idéias com seus pais, por não se sentirem compreendidos, ou até mesmo pela falta de atenção dispensada por eles. A compreensão ou a atenção vai ser dada pelos amigos e, em virtude disto, o jovem vai aproximando-se cada vez mais deles; por consequência, ocorre o distanciamento de seus familiares.

Considerando essa situação, é válido o posicionamento de Flávio Gikovate<sup>70</sup> quando esclarece que “o início do uso de drogas acontece por influência dos colegas de turma, já que ninguém quer ser diferente e muito menos excluído do grupo. Os jovens tentam ser independentes da família, mas se tornam dependentes da turma.” Neste ponto o autor deu ênfase à influência da turma em virtude de que é o principal motivo que leva o jovem ao uso de drogas, não obstante a possibilidade de outros; ainda no que diz respeito à dependência da turma, isto se torna uma

---

<sup>68</sup> GIKOVATE, F. **Drogas** - opção de perdedor. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004, p. 33.

<sup>69</sup> Ibid., p. 24.

<sup>70</sup> Ibid., p. 33.

forma de identificação do grupo, de identificação coletiva, quando o ideal do grupo sobrepõe-se ao individual.

Nessa linha de raciocínio, com o intuito de complementar a questão levantada, qual seja, a da maleabilidade dos jovens no envolvimento com o consumo de drogas, é de fundamental importância dar destaque para os ensinamentos de Da Silva e Matos citados por Ilana Pinsky e Marco Antônio Bessa<sup>71</sup>, ao levantarem a hipótese de que

a influência dos pais ou seus substitutos parece ser determinante na resistência ou vulnerabilidade da criança ao estresse, já que os pais têm grande importância não só na hereditariedade, mas também como modelos de comportamento para os filhos: a criança pode aprender com eles a lidar com o estresse de uma maneira positiva ou não, inclusive recorrendo a drogas para enfrentá-lo.

A família<sup>72</sup> no acompanhamento do adolescente está comprovada pelos pesquisadores que é de grande importância, pois quando existe uma boa estrutura familiar a possibilidade de envolvimento com drogas é muito pequena e, ainda, quando ocorre o envolvimento o uso se dá com drogas consideradas de pequeno peso.<sup>73</sup>

Ainda, não só considerando a família, mas principalmente a função paterna, ou quem esteja nesta função, é um elemento de suma importância na vida do adolescente, pela possibilidade de esclarecimento do que é certo e errado, e também pela imposição e cobrança de limites. Para Luiz Alberto Pinheiro de Freitas<sup>74</sup>,

a instalação da Lei e a manutenção dos limites para os filhos, é um elemento fundamental para a constituição subjetiva. No caso de sua

<sup>71</sup> PINSKY, I; BESSA, M. A. Op. cit., p. 37.

<sup>72</sup> Cristina Bruschini define família como sendo “um conjunto de pessoas ligadas por laços de sangue, parentesco ou dependência, que estabelecem entre si relações de solidariedade e tensão, conflito e afeto”. (apud: CALDEIRA, Zélia Freire. **Drogas, indivíduo e família**: um estudo de relações singulares. 1999, 114 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (RJ), 1999, p. 30.

<sup>73</sup> SOLDERA, M. *et al.* Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. **Revista de saúde pública**. São Paulo, vol. 38, n. 2, abr. 2004, p. 9.

<sup>74</sup> FREITAS, L. A. P de. **Adolescência, família e drogas** – a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 93.

falência (função paterna), uma das conseqüências mais grave é o uso de drogas.

O Brasil<sup>75</sup> tem-se destacado como sendo um dos países com maior índice de crescimento no quesito consumo de drogas. E isso vem, de certa forma, gerando inquietação na sociedade, principalmente para os pais.

É crescente a preocupação dos pais em relação ao uso de drogas; a imprensa falada e escrita tem revelado com certa freqüência o mundo das drogas, recheando-o de imagens de destruição, violência e empobrecimento; em qualquer reunião de pais e professores se discute esse tema, e mesmo famílias que não convivem com usuários de drogas já estão preocupadas em evitar que isso aconteça um dia a um dos seus.<sup>76</sup>

A aproximação dos pais juntos aos filhos é fundamental para o bom desenvolvimento do jovem e para que se reduza a possibilidade dele se envolver com as drogas. Não só confirmando o alegado por Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, da necessidade dos pais terem um acompanhamento mais estreito com os filhos,

---

<sup>75</sup> O Brasil, dentre os países da América Latina, é o maior consumidor de drogas e caminhamos rapidamente para sermos o segundo em nível mundial, ficando somente atrás dos Estados Unidos da América, que é o grande líder dessa estatística (FREITAS, L. A. P. de. Op. cit., p. 25). Trata-se de conhecimento geral que as drogas fazem parte da sociedade há muito tempo. Entretanto, o grande aumento no consumo de drogas ilícitas no Brasil se deu a partir da década de 1970, isso em razão de passar a fazer parte da infeliz rota internacional do tráfico (LIMA, S. L.; PAULA, L.. Juventude, temor e insegurança no Brasil. In: PINSKY, I; BESSA, M. A.. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 92-105). Ainda, Luiz Alberto P. de Freitas ressalta que, “à época, [...] a ditadura foi pouco a pouco reprimindo, de forma sádica, os ideais juvenis, exaltava-se o *milagre brasileiro*, fazia-se uma proposta de uma vida *consumista e de ribalta*, o que levava muitos adolescentes a se voltarem para a *curtição do barato*, ou seja, o consumo da maconha” (FREITAS, L. A. P. de. Op. cit., p. 24). E ainda: “no Brasil, notadamente no Rio e São Paulo, o golpe militar que submeteu o país durante cerca de 20 anos contribuiu de forma decisiva para este incentivo ao consumo das drogas, na medida em que incentivava um não-questionamento da sociedade, ao reprimi-la até com a morte, levando ao jovem como proposta idealizada a aliança com o trabalho, o Brasil grande, do futebol, do não-pensar, do não questionar” (Ibidem, p. 26). Conforme depreende-se das informações mencionadas, a grande explosão do consumo de drogas deu-se na década de 1970, sendo que a partir de então este consumo passou a ser cada vez maior. Convém ressaltar que além da rota do narcotráfico, e também da repressão da ditadura militar, Luiz Alberto Pereira de Freitas atribui ainda mais uma razão: “entendemos que esta explosão do problema das drogas e, conseqüentemente, do narcotráfico está intimamente ligada ao fenômeno sócio-político, ou seja, à sociedade que, em muitos momentos, com uma diminuição dos valores éticos, é uma das maiores incentivadoras do consumo de entorpecentes” (FREITAS, L. A. P. de. Op. cit., cit., p. 25). Segundo esse autor, o problema drogas tem relação íntima com a sociedade que repassa aos seus integrantes a falsa impressão de que as drogas fazem parte de nossas vidas. Tudo isto revela uma sociedade pautada num capitalismo selvagem, que desde que seja para se obter lucro não importa os padrões éticos envolvidos.

<sup>76</sup> LARANJEIRA; R.; JUNGGERMAN, F.; DUNN, J. **Drogas: maconha, cocaína e crack**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 7.

mas também como toda a sociedade está claramente preocupada com esse problema social, ratificando-se a tese dos autores mencionados anteriormente.

Sendo assim, esta preocupação dos pais, bem como também de toda a sociedade, somente vem a confirmar que é realmente fato a tendência do jovem adolescente ao uso de drogas. Conforme se verá adiante, o grupo pesquisado não se afastou dessa tendência apresentada; as situações vividas pelos sujeitos são muito parecidas.

## 1.5 ASPECTOS IMPORTANTES RELACIONADOS COM O USO DAS DROGAS

Para as questões implícitas com as drogas, trata-se importante abordar questões que possam contribuir para compreender como é a vivência das pessoas que optaram tornarem-se usuários.

Sendo assim, inicia-se abordando a questão da dependência. As drogas, quando utilizadas com certa frequência, tornam-se vício, que pode ser classificado como “dependência específica, física ou psicológica.”<sup>77</sup>

Flávio Gikovate<sup>78</sup> esclarece que a dependência “quando existe, é muito grave. Mas a pessoa pode se considerar viciada mesmo quando não existe essa dependência.”

Diante disto, Livia Borges<sup>79</sup> explica a dependência física,

Caracterizada por um conjunto de distúrbios físicos, que ocorrem quando se interrompe subitamente o consumo. Álcool, fumo e drogas psicoativas<sup>80</sup>, ao se incorporarem aos ciclos metabólicos da fisiologia celular, provocam tolerância, fazendo a pessoa necessitar ingerir doses cada vez maiores para obter efeito. Produzem, também, sintomas de abstinência, com alterações das funções orgânicas resultantes da privação da substância, sendo conveniente um período de desintoxicação.

---

<sup>77</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 8.

<sup>78</sup> GIKOVATE, F. **Drogas - opção de perdedor**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004, p. 18.

<sup>79</sup> BORGES, L. Op. cit., p. 34.

<sup>80</sup> Segundo Livia Borges (Op. Cit., p. 34), drogas psicoativas são “substâncias que têm efeito sobre a atividade psíquica ou sobre o comportamento, tais como: álcool, opióides, canabinóides, sedativos ou hipnóticos, cocaína, estimulantes, incluindo cafeína, alucinógenos, tabaco, solventes voláteis”.

A tolerância de que se trata nessa definição é no sentido de resistência do organismo humano, o qual busca a capacidade de adaptação à droga que está presente e, assim, habitua-se o usuário aos seus efeitos, buscando sempre ulteriormente ingerir doses superiores à obtenção da reação desejada.

Flávio Gikovate<sup>81</sup> esclarece que os efeitos incidentes no sistema nervoso daquelas pessoas que se encontram num estágio de dependência física podem piorar sensivelmente quando é utilizada alguma substância química, a exemplo pode-se citar o caso da utilização de álcool<sup>82</sup> e de maconha.<sup>83</sup>

<sup>81</sup> GIKOVATE, F. Op. cit., p. 19.

<sup>82</sup> O termo álcool vem do árabe: *al-cohl* (al= o; cohl= coisa sutil). Trata-se de “um depressor primário e contínuo do sistema nervoso central” (FONSECA, A. G. **Drogas** – não caia nessa! 6.ed. São Paulo: Santuário Aparecida, 2002, p. 31). Em razão de atuar no sistema nervoso central, o álcool é considerado uma droga psicotrópica. (BORGES, L. Op. cit., p. 21).

O álcool causa danos basicamente em todos os órgãos do ser humano, sendo que, além do sistema nervoso central, o aparelho cardiovascular e o aparelho digestivo são os mais danificados (FONSECA, A. G. Op. cit., p. 33).

No aparelho cardiovascular, se não há uma ingestão em grandes doses, não ocorrerá uma alteração substancial, salvo uma vasodilatação periférica com aumento do reflexo da frequência cardíaca; todavia, em altas doses “devido aos fatores vasomotores centrais e à depressão respiratória, causa uma depressão cardíaca, porém é no bebedor crônico que ocorrem graves alterações” (FONSECA, A. G. Op. cit., p. 33).

No aparelho digestivo os danos são em maiores proporções, posto que os efeitos do álcool causam alterações metaplásicas (pré-cancerosas) nas mucosas da boca e também do esôfago. Quanto ao estômago, vai ocorrer o efeito cáustico e ainda a hipersecreção de ácido clorídrico por estímulo vagal. Já em relação ao fígado “provoca um grande desequilíbrio metabólico, interferindo na síntese de glicogênio e degeneração fibrosa (cirrose)”. Para um melhor esclarecimento, numa linguagem popular, os efeitos são: a corrosão da boca, do esôfago e estômago, e também o surgimento de gastrites, úlceras, bem como a destruição do fígado (FONSECA, A. G. Op. cit., p. 33).

É importante esclarecer que, além da dependência, o consumo em grandes quantidades (overdose) pode levar o ser humano ao infarto, coma e até mesmo à morte (BORGES, L. Op. cit., p. 22).

Conforme J. BRYAN, “cerca de 75% dos assassinatos, esfaqueamentos e espancamentos são causados por pessoas embriagadas” (BRYAN, J. **Conversando sobre drogas**. Tradução de Valentim Rebouças. São Paulo: Moderna, 1996, p. 11). “Dessa forma, o álcool deixa o jovem mais exposto a acidentes, à violência e ao risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis” (LEMOS, T.; ZALESKI, M. As principais drogas: como elas agem e quais seus efeitos; In: PINSKY, I.; BESSA, M. A., Op. cit., p. 18).

<sup>83</sup> A maconha vem a ser uma droga muito conhecida no mundo e também bastante antiga, pois na região da Ásia Central e na China se tem o contato há pelo menos 5.000 anos (LORDELLO, J.; RIBEIRO, I. **Como conviver com a violência**. São Paulo: Moderna, 1998, p. 240). Já no Brasil, trata-se da droga ilícita mais comentada, conhecida e consumida. É também conhecida por várias denominações, tais como: marijuana, erva, bagulho, haxixe, fumo, além de outras denominações.

A maconha, assim como o haxixe (variedade mais forte) que é a pasta da seiva, advém de uma planta denominada *cannabis sativa*. “Uma resina grudenta cobre as flores e as folhas superiores, principalmente na planta fêmea, e contém mais de sessenta substâncias chamadas canabinóides” (LARANJEIRA, R.; JUNGERMAN, F.; DUNN, J. **Drogas** – maconha, cocaína e crack. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 9). Esta planta tem como princípio ativo o THC (tetrahydrocannabinol).

A *cannabis sativa* “tem propriedades analgésica, hipnótica e espasmolítica. O haxixe é aproximadamente dez vezes mais potente do que a maconha” (LEMOS, T.; ZALESKI, M. Op. cit., p. 25). “Os efeitos prazerosos da maconha geralmente relatados são: sensação generalizada de relaxamento e de paz; os cinco sentidos parecem mais aguçados, ou seja, ocorre um aumento da sensibilidade aos aromas, aos sabores, ao toque, aos ruídos; qualquer coisa, por mais banal que seja, torna-se um divertimento; euforia; aumento do prazer sexual. Incluindo os acima mencionados, os efeitos adversos agudos psicológicos e de saúde que podem ocorrer são: ansiedade, pânico e

Por outro lado, a dependência psicológica se reveste de maior gravidade, em decorrência da grande dificuldade do seu tratamento em relação à dependência física, justamente por causa da sensação de falta que está instalada no interior da mente do indivíduo.<sup>84</sup>

Lívia Borges<sup>85</sup> explica que a dependência psicológica é “expressada por sensações de vazio e desespero, quando a substância de costume não é obtida. Alguns usuários dependentes relatam que sentem ‘paixão’ pela droga.”

O vício, ou o consumo excessivo de drogas, que pode ser tanto às lícitas quanto às ilícitas, vem de certa forma crescendo e reduzindo sensivelmente a idade do primeiro contato no Brasil. Não é difícil encontrar nos dias atuais crianças perambulando pelas ruas usando drogas sem qualquer constrangimento, fato que não era comum até pouco tempo, indicando que a redução da idade do primeiro contato com as drogas está aumentando.

Nas questões implícitas sobre as drogas, é de grande valia compreender como são os seus usuários, bem como conhecer as classificações das drogas, o seu custo e seus efeitos.

A UNESCO distingue os usuários de drogas em quatro tipos diferentes, ou seja, o experimentador, o usuário ocasional, o usuário habitual e o usuário dependente.

O primeiro, o experimentador, é aquele que tem um contato, ou poucos, simplesmente com a intenção de conhecer a droga, porém não a continua usando. O segundo, o usuário ocasional, é aquele que usa a droga de maneira controlada, ou melhor, usa somente quando aparece, não sendo um dependente. Neste caso não há uma interrupção da vida normal, ele continua tendo uma vida como antes, mantendo as suas relações afetivas, profissionais e sociais. No terceiro caso, o usuário habitual, utiliza as drogas de forma freqüente, mas consegue fazer a distinção entre as suas atividades normais e o seu uso - por exemplo, trabalha normalmente durante o dia, mas à noite tem que usar; sente a falta da droga, mas ainda tem um relativo controle. No último caso, o usuário dependente, já houve a entrega para o vício, estando o usuário marginalizado e não consegue mais deixar

---

paranóia, especialmente em usuários menos experientes; diminuição das habilidades mentais, especialmente da atenção e da memória; diminuição da capacidade motora; aumento do risco de ocorrerem sintomas psicóticos entre os usuários com predisposição para tal” (LARANJEIRA, R.; JUNGEMAN, F.; DUNN, J. Op. cit., p.14).

<sup>84</sup> GIKOVATE, F. **Drogas** - opção de perdedor. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004, p. 19.

<sup>85</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 35.

de utilizá-la, passando a dedicar-se integralmente para a obtenção da droga; é a fase da ruptura, começa, então, a cometer pequenos delitos e se afastar do meio familiar.

Neste diapasão, tendo em vista a classificação apresentada dos usuários de drogas, já existem estudos a respeito de quem também está mais vulnerável ao uso de drogas. Citando os dados apresentados pela Organização Mundial de Saúde - OMS, Zélia Freira Caldeira<sup>86</sup> esclarece quem é este indivíduo: “a) sem informações adequadas sobre as drogas e seus efeitos; b) com uma saúde deficiente; c) insatisfeito com a sua qualidade de vida; d) com personalidade vulnerável ou mal integrada; e) com fácil acesso às drogas”.

Em relação aos tipos de drogas quanto aos seus custos, Tânia Zagury<sup>87</sup> divide-as em “drogas dos ricos” e “drogas da miséria”. No primeiro caso, as drogas dos ricos são aquelas consumidas pela classe mais abastada, ou, como a própria autora menciona, como sendo “drogas do primeiro mundo ou da opulência”. No segundo caso, as drogas da miséria, como o próprio nome sugere, são as consumidas pela classe mais pobre.

Como exemplo, a cocaína<sup>88</sup> estaria relacionada ao primeiro caso e o *crack*<sup>89</sup> ao segundo.

---

<sup>86</sup> CALDEIRA, Z. F. **Drogas, indivíduo e família**: um estudo de relações singulares. 114 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Rio de Janeiro, RJ, 1999, Escola de Saúde Pública de Fundação Oswaldo Cruz, p. 21.

<sup>87</sup> ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 100.

<sup>88</sup> A cocaína (*Erythroxylon coca*) é uma “substância estimulante feita a partir de uma planta conhecida como coca, modificada em laboratório” (BOUER, J. **Álcool, cigarro e drogas**. São Paulo: Panda, 2004, p. 63). Seus nomes mais comuns são: pó, branquinha, carreirinha, farinha etc. As folhas de coca são utilizadas na Bolívia, Peru, Equador e Colômbia há mais de 2.000 anos, como revigorante e para eliminar a fome. Para a Inquisição Espanhola, face o seu poder estimulante aos camponeses no desempenho de seus trabalhos, passou-se, então, a associar o uso da cocaína à tradição indígena. Foi no ano de 1882, por intermédio do alemão Albert Newman, que ocorreu o seu isolamento químico, posto que a partir da sua purificação o uso da cocaína passou a ser prescrita com fins medicinais, quando então houve relatos dos seus efeitos benéficos (LARANJEIRA R.; JUNGEMAN, F.; DUNN, J. **Drogas** – maconha, cocaína e crack. São Paulo: Contexto, 2001, p. 27). “Este anestésico local chegou a ser prescrito por Freud como ansiolítico e antidepressivo. Logo se percebeu seu alto poder de causar dependência, tornando-se ‘ouro branco’ para os narcotraficantes” (LEMONS, T.; ZALESKI, M. As principais drogas – como elas agem e quais seus efeitos. In: PINSKY, I.; BESSA, M. A. Op. cit., p. 23). Foi no início do século XX, com o seu consumo mais alastrado, que a literatura médica passou a descrever os problemas advindos do uso da cocaína, quando então inúmeros países acabaram criando leis proibindo o seu uso. E foi a partir da década de 1960 que a cocaína passou a ser utilizada pelos mais abastados, porém a partir da década de 1980 o cenário passou a mudar em virtude do aumento da produção e da comercialização em grande escala pelo narcotráfico (LARANJEIRA R.; JUNGEMAN, F.; DUNN, J. Op. cit., p. 28). A cocaína é uma droga devastadora, posto que ela vem a agir no sistema nervoso central. Seus efeitos gerais, segundo a psicóloga Lívia Borges são: “sensação de euforia e desinibição seguida por depressão. Perda do apetite. O uso continuado por via oral/nasal leva à destruição da mucosa. Quando injetada leva à destruição das veias e diminui a quantidade de sangue que vai ao coração, podendo provocar

Nessa linha de estudo, apresentam-se os tipos de drogas e seus efeitos que são classificadas como: drogas depressoras, estimulantes e alucinógenas ou perturbadoras.

As drogas depressoras são aquelas que trazem a sensação de tranqüilidade ao seu usuário, o qual consegue olhar o seu problema de outra forma<sup>90</sup>. Para uma melhor compreensão, Livia Borges<sup>91</sup> esclarece que as drogas depressoras “caracterizam-se por diminuir, enfraquecer e deprimir a atividade geral do cérebro; sedando, relaxando e dopando o usuário. Diminuem a pressão arterial e a atividade psicomotora”.

Para exemplificar, como drogas depressoras, citam-se: bebidas alcoólicas; barbitúricos<sup>92</sup>; tranqüilizantes (ansiolíticos); codeína presente em certos xaropes; inalantes ou solventes.<sup>93</sup>

derrame cerebral. Causa depressão profunda, mania de perseguição e desconfiança paranóica, comportamentos violentos e anti-sociais, alucinações. Pode causar uma grande dependência psicológica” (BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 18) No que diz respeito à overdose o risco é muito alto, “principalmente quando combinada com outras drogas. Convulsões, infarto, depressão respiratória, coma. Pode levar a morte por ataque cardíaco, principalmente se injetada” (BORGES, L. Op. cit., p. 18).

<sup>89</sup> O crack teve a sua origem nos Estados Unidos da América, na década de 1990, sendo o mesmo uma droga em que os traficantes conseguiram reunir a simplicidade para o seu uso, o preço bastante acessível e a rapidez na sua dependência. A possibilidade da dependência pode ocorrer até mesmo na primeira tragada (LORDELLO J.; RIBEIRO, L. **Como conviver com a violência**. São Paulo Moderna, 1998, p. 245). Esse tipo de droga deriva-se da cocaína. Trata-se da “cocaína em pó, adicionada de água e bicarbonato de sódio. Essa mistura é aquecida até a água evaporar e o produto final consiste de pedras de cocaína”. (LARANJEIRA R.; JUNGERMAN, F.; DUNN, J. Op. cit., p. 28).

Livia Borges explica que: “é uma mistura petrificada utilizada em cachimbos, cigarros ou em brasas, estalando quando queima, razão pela qual é assim chamado. Sua ação mais rápida do que a da cocaína, torna-o ainda mais perigoso, desequilibrando o funcionamento cerebral.” (BORGES, L. Op. cit., p.18). A mesma autora explica ainda que os seus efeitos, além da sensação de euforia e da desinibição, inclusive seguida de depressão, ainda ocorrem irritabilidade, taquicardia, tremores musculares e indiferença à dor. Mas os efeitos mais graves são os problemas respiratórios, derrame cerebral, perda de peso e que vicia mais rapidamente que a cocaína. Ainda, o risco de overdose é altíssimo, bem como convulsões, infarto, parada respiratória, coma e morte. (BORGES, 2003, p. 18).

<sup>90</sup> ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.1.

<sup>91</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 29.

<sup>92</sup> soníferos, analgésicos etc.

<sup>93</sup> Muito embora não classificado por todos como droga lícita, todavia Luiza Nagib Eluf, procuradora de justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo, admite os solventes como sendo também uma droga lícita. Existem várias substâncias que se encontram presentes em produtos comercializados e que podem sofrer uso abusivo. “São fórmulas que contêm substâncias solventes que, por serem voláteis, podem ser aspiradas, como cola, éter, benzina, clorofórmio, tolueno, vernizes, tintas, aerossóis, esmaltes, *thinner* e removedores. A inalação de solventes é comum em várias partes do mundo, principalmente por crianças e adolescentes carentes e economicamente marginalizados. Um desses solventes, comercializado de forma sofisticada e que foi muito usado no Brasil até a década de 1950, é o lança-perfume. No carnaval, ele é ainda largamente utilizado, apesar de ser atualmente proibido. Ao ser aspirado, o éter contido no lança-perfume provoca uma rápida e pouco duradoura sensação de euforia, à qual se segue torpor e moleza. O uso constante dos solventes leva à perda irreversível da memória e provoca lesões de centros nervosos. Além disso, o coração fica mais sensível à adrenalina, podendo ocorrer problemas cardíacos se a pessoa que inala solvente faz, também, exercício físico, como acontece nos bailes de carnaval. Outro risco é sobrevir

As drogas estimulantes fazem com que o seu usuário fique mais atento e retira o sono, devido ao fato de aumentarem a atividade cerebral, a pressão arterial e a psicomotora. Por exemplo, cocaína, *crack*, merla<sup>94</sup>, cafeína, anfetaminase, nicotina, etc.

As drogas alucinógenas ou perturbadoras são assim chamadas em razão de alterarem a função cerebral, a mente do usuário fica perturbada e a sua percepção fica defeituosa.<sup>95</sup> Tânia Zagury<sup>96</sup> revela que as drogas alucinógenas “provocam distorção na percepção das cores e das formas, porque o cérebro funciona desordenadamente, alterando as mensagens nervosas”.

Nessa categoria pode-se citar, como exemplo, as mais conhecidas, tais como: maconha; LSD<sup>97</sup>, *ecstasy*<sup>98</sup>, chá de cogumelo etc.

um desmaio durante a utilização e a pessoa cair sobre o lenço encharcado, continuando a inalar o produto. Nesse caso, podem ocorrer parada cardíaca e morte. O lança-perfume está listado entre as substâncias proibidas, mas há solventes que são vendidos sem restrições. De toda forma, pelo mesmo artigo 81 do Estatuto da Criança e do Adolescente, sua venda está proibida a menores de dezoito anos”. (ELUF, L. N citado por PINSKY, I.; BESSA, M.A. Op. cit., p. 74).

<sup>94</sup> Trata-se de mais uma droga derivada da cocaína, entretanto vem a ser muito mais forte. A merla é produzida com os resíduos do refino da coca e misturada com solventes químicos (gasolina, querosene etc, por exemplo) (BORGES, L. Op. cit., p. 18). Ela é fumada em forma de pasta, tendo o seu efeito muito mais prolongado que o crack. Podem-se destacar como efeitos gerais ainda a hiperatividade, insônia, dilatação das pupilas, contrações musculares, falta de apetite; tem-se na seqüência quadro depressivo, com cansaço e comportamento paranóico. Em caso de consumo de grande quantidade (overdose) pode ocorrer convulsão, coma, parada cardíaca e até mesmo pode-se chegar à morte. Sua potencialidade é indiscutivelmente muito mais perigosa que a cocaína e o crack. (BORGES, L. Op. cit., p. 18-19).

<sup>95</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p.30.

<sup>96</sup> ZAGURY, T. Op. cit., p. 102.

<sup>97</sup> “O LSD, mais conhecido como ‘ácido’, é o alucinógeno mais potente. Produz alucinações mesmo em doses tão pequenas quanto 25 microgramas”. (LEMOS, T.; ZALESKI, M. Op. cit., p. 26). É uma droga sintética, sendo que sua forma de consumo se dá através da colocação de uma cartela, que contém uma gota do ácido, sob a língua. Os efeitos procurados por seus usuários é a aceleração do pensamento, alucinações visuais, auditivas e táteis, todavia, tem seus efeitos colaterais bastante desagradáveis, haja vista que ocorre ansiedade, quadros de paranóia, transpiração excessiva, aceleração do batimento cardíaco. Saliente-se que também ocorrem alterações comportamentais, tais como a instabilidade de humor e os chamados *flashbacks* (retorno, mesmo meses depois, de experiências iniciais). (BOUER, J. **Álcool, cigarro e drogas**. São Paulo: Panda, 2004, p. 71). “Embora não se tenham tido provas laboratoriais, suspeita-se que o LSD atua em nível de metabolismo da serotonina cerebral, em cujo cerne está a origem de muitas doenças psiquiátricas (atualmente existe uma corrente em psiquiatria que aceita como bioquímica a explicação de certas doenças mentais, como por exemplo, a esquizofrenia). O LSD torna-se, portanto, extremamente perigoso para certas pessoas com ‘temperamento esquizóide’ (segundo os defensores da corrente bioquímica, portadores de um quadro de esquizofrenia sub-clínica, sob controle, podem levar uma vida normal), que após uma única viagem (fator desencadeante) podem desenvolver um quadro mental irreversível” (FONSECA, A. G. **Drogas – não caia!** 6. ed. São Paulo: Santuário Aparecida, 2002, p. 118). Pode-se ainda falar em riscos do tipo “*bad trips*, quadros psicóticos ou indução de comportamentos de risco por conta da interpretação errada da realidade”. Em caso de overdose “pode provocar ataques delirantes, atos suicidas ou criminosos (BOUER, J. Op. cit., p. 71).

<sup>98</sup> O *ecstasy*, popularmente chamada droga do amor, é uma droga sintética e deriva-se da anfetamina (é um moderador de apetite e utilizado também para aumentar a atividade psicomotora) e o seu composto é o MDMA (metilendioximetanfetamina). É usada em forma de comprimidos com o

Existem alguns sinais que podem caracterizar ou dar indícios que o jovem está utilizando algum tipo de droga. Os indícios que serão alçados adiante não podem ser considerados efetivamente como sendo regra absoluta, pois muitas vezes alguns deles podem estar ligados com a própria fase de transformação pela qual passa o adolescente.

Tânia Zagury e Livia Borges detectaram vários sinais característicos, todavia, repita-se, os quais devem ser considerados como prováveis.

Para Tânia Zagury<sup>99</sup>:

- Irritabilidade;
- Agressividade;
- Falta de motivação para os estudos;
- Falta de motivação para o trabalho;
- Troca do dia pela noite;
- Insônia;
- Falta de motivação para namorar, sair, passear com amigos;
- Vermelhidão nos olhos;
- Desaparecimento de objetos ou de dinheiro de casa, etc.

Para Livia Borges<sup>100</sup>:

- Mudanças repentinas de comportamento e rotina.
- Dificuldade em relacionar-se com as pessoas.
- Isolamento (convivência restrita ao grupo de usuários).
- Desleixo com a aparência.
- Higiene precária.
- Desmotivação.
- Má nutrição.

---

objetivo recreacional em ambientes festivos, tais como danceterias e shows (BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 19). É uma droga alucinógena e tornou-se extremamente conhecida na Europa e nos Estados Unidos na década de 1980 e, conforme já mencionado anteriormente, estava o seu uso vinculado às danceterias. É uma droga que deixa o usuário mais à vontade, deixa-o mais solto, e a sua capacidade de resistência aumenta bastante, podendo ficar horas dançando. Da mesma forma que na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil a sua utilização está vinculada com o divertimento nas danceterias e teve entrada logo no início da década de 1990. O *ecstasy*, assim como ocorrem com as anfetaminas, apresenta efeito estimulante do sistema nervoso central e tem efeitos perturbadores como no caso do uso do LSD. Seus efeitos fazem com que o seu usuário tenha taquicardia, pupila dilatada, boca seca, falta de apetite, dores musculares e também ranger dos dentes. O efeito de um comprimido de *ecstasy* pode durar até oito horas, propiciando um grande esforço físico através de horas de dança ininterrupta, provocando um aumento considerável da temperatura corporal, que pode chegar a 42° C e levar à morte por hipertermia. Além disso, devido a essa hipertermia, há um consumo excessivo de água que, somado ao efeito de inibição do hormônio antidiurético pelo *ecstasy*, leva a um acúmulo de água no organismo e intoxicação pela água, o que contribui para a letalidade da droga (LEMONS, T.; ZALESKI, M. As principais drogas – como elas agem e quais seus efeitos. In: PINSKI, I.; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27).

<sup>99</sup> ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 113.

<sup>100</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 35.

- Fome exagerada (é conhecida como “larica”; provável indicação de uso de maconha, mas atenção: adolescentes em fase de crescimento e com muitas atividades, também podem ter apetite voraz).
  - Irritável.
  - Agressividade.
  - Depressões freqüentes.
  - Sonolência.
  - Insônia.
- Vermelhidão nos olhos (provável consumo de álcool, maconha, cocaína, cola ou éter).
- Marcas de agulhas no corpo( provável consumo de drogas injetáveis como cocaína, heroína).
  - Compulsividade com o vício (indicando dependência).
  - Andar robotizado.
  - Descumprimento de suas obrigações.
  - Atrasos e esquecimentos.
  - Desaparecimento de objetos de valor ou dinheiro.

Esses são os sinais mais comuns, entretanto pode o usuário apresentar outros, lembrando, porém, que qualquer comportamento diferente daquele que o jovem estava habituado, merece uma maior atenção por seus pares. Muitos casos de uso de drogas desencadeiam-se para uma drogadicção em decorrência da omissão e desatenção dos pais ou por qualquer pessoa que esteja exercendo esse papel.

#### 1.5.1 Fatores protetores e de risco quanto à dependência

Existem estudos científicos indicando que certas pessoas são mais suscetíveis à dependência do que outra. Determinadas pessoas, embora usem drogas com certa regularidade, não chegam à dependência; elas têm uma condição determinativa que não as colocam em primeiro lugar nas suas vidas. Por outro lado, certas pessoas, apesar de pouco contato com a droga, tornam-se dependentes. Em sua dissertação de mestrado, Zélia Freire Caldeira<sup>101</sup> é bastante clara ao afirmar que,

---

<sup>101</sup> CALDEIRA, Z. F. **Drogas, indivíduo e família**: um estudo de relações singulares. 114 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Rio de Janeiro, RJ, 1999, Escola de Saúde Pública de Fundação Oswaldo Cruz, p.22.

as diferentes formas de relação sujeito/drogas, verificadas no atual cenário social, expressam singularidades construídas a partir do vivido no cotidiano de cada indivíduo, influenciadas por fatores que funcionam ora como 'protetores', ora como 'de risco' para a sua saúde e para a sua vida.

Nesse contexto, apresenta então dois fatores que podem contribuir de forma expressiva à condição dependente de drogas ou não, quais sejam, os "protetores" e os "de risco".

Para um melhor esclarecimento, Zélia Freire Caldeira<sup>102</sup> citando Nuno Miguel, apresenta quatro formas de prazer como fatores protetores: a primeira, seria o ser humano auto valorizar-se, gostar de si mesmo, fazendo com que as suas decisões fluam naturalmente; a segunda, trata-se do intercâmbio de relações com as outras pessoas que estão no seu meio, fazendo com que sempre exista o sentimento de solidariedade; a terceira, procurar o ser humano preencher o seu tempo de forma sadia, jamais deixando-se levar por momentos de tédio; e, a quarta, o ser humano deve ter ambição e projetos para o futuro, indo sempre ao encontro deles de forma a torná-los realidade.

Em síntese, fica claro que o indivíduo que tem preocupação com a sua personalidade, e também com os seus semelhantes, pautada em um planejamento e metas traçadas, terá uma pequena probabilidade de envolvimento com drogas.

Quanto aos fatores de risco, Zélia Freire Caldeira<sup>103</sup> citando Eisenstein, deixa claro que neste caso o que prevalece é um conjunto de causas intimamente relacionadas com efeitos dos mais variados, as quais ligadas fazem com que resulte no dano. As variantes são inúmeras, todavia podem ser previsíveis em virtude da flagrante possibilidade de identificação antes de ocorrer o fato. As condições pré-existentes, sejam na pessoa ou no grupo, possibilitam a identificação de que se não intervir no fato, as conseqüências serão inevitáveis. Ou seja, todo indivíduo que esteja em pleno gozo de suas capacidades físicas e mentais detém a possibilidade de detectar certos comportamentos e atitudes que podem muitas vezes gerar as conseqüências mais desagradáveis possíveis.

Transportando a assertiva mencionada anteriormente, de que os fatores de risco são identificáveis, e aplicando aos sujeitos do presente estudo,

---

<sup>102</sup> Ibidem.

<sup>103</sup> Ibid., p. 23.

pode-se perceber que os mesmos estavam cientes de que no ambiente em que optaram para permanecer iria resultar na realização das mesmas atitudes dos demais integrantes do grupo.

### 1.5.2 Motivos gerais que conduzem os adolescentes ao uso de drogas

Existem muitos estudos científicos voltados para o tema em debate, os quais procuram desvelar quais são os motivos, as causas prováveis, que podem conduzir os adolescentes a experimentarem e a continuarem usando drogas. Certamente, os estudos voltados pelas ciências sociais a este tema buscam descobrir quais os motivos que induziram a iniciar o consumo, mas o objetivo principal é saber o porquê de muitos deles desenvolverem o vício e como conseqüência colocarem tudo a perder, esquecendo de tudo aquilo que um dia possivelmente foi planejado.

Destarte, trata-se de grande importância ao início deste tópico apresentar um assunto que para muitos passa totalmente despercebido, mas os psicólogos Eduardo Kalina e Halina Grynberg<sup>104</sup> esclarecem com bastante profundidade,

As drogas e os tóxicos, que até a pouco faziam parte apenas do baixo-mundo, sorvidas nas noites escuras ou comercializadas em esquinas sombrias, se deslocam para a luz do dia e ganham um novo sentido nas mãos dos adolescentes. Entre as paredes brancas dos banheiros escolares ou na penumbra dos recintos fechados, o que era próprio dos marginais e delinqüentes se transforma em agudo problema social: a difusão dos tóxicos entre a juventude. O jovem que toma drogas hoje em dia não é mais um caso de exceção. Ou um exemplo de mau elemento a ser crucificado pela ira da moralidade pública. Seu gesto tem um sentido. Seu desespero um apelo. E tudo isto precisa ser entendido e atendido, para que o adolescente não se transforme num ser despersonalizado, passivo e anônimo. Pela sua gravidade o assunto não se resolve pela simples negação ou repressão. O problema pode ser enfrentado e compreendido em sua dupla dimensão: as relações familiares e a sua exploração social.

---

<sup>104</sup> KALINA, E. GRYNBERG, H. **Aos pais de adolescentes**: viver sem drogas. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 1999, p. 43.

A questão assim apresentada possibilita mensurar a gravidade do problema instalado na sociedade. A cada dia que passa, mais aberto é o comércio e o consumo de drogas, bem como o fato de que também não se escolhe a classe social.

Tendo em vista o que foi até aqui abordado, procura-se entender, não no sentido de aceitar a situação como está, mas no sentido de esclarecer os motivos pelos quais, esse ou aquele jovem usa droga. Somente a partir do momento que esclarecer e tornar público os motivos é que será chamada a atenção da sociedade e dos governantes.

Já se tem devidamente comprovado muitos motivos que conduzem os jovens a usarem drogas, mas, antes de tudo, questiona-se por que esta preocupação com eles? Ou melhor: por que esta preocupação não é com o adulto? Justamente porque na adolescência “o risco de alguém que experimenta drogas se tornar um usuário freqüente é maior do que na idade adulta.”<sup>105</sup>

Como bem explicam Eduardo Kalyna e Halina Grynberg<sup>106</sup>:

Na origem do toxicômano duas grandes vertentes se cruzam: **sua história individual e a crise no mundo com o qual se defronta**. A incidência crescente do consumo de tóxicos na adolescência não é um acaso. Resulta, principalmente, da gravidade da crise adolescente no mundo em que vivemos. Porque se **a adolescência é uma busca e uma inquietação de cunho pessoal**, expressão de necessidades e vivências desenvolvidas no grupo familiar, por isso mesmo **ela também está estreitamente sujeita aos acontecimentos do meio social em que ocorre**, já que a própria família só pode ser entendida como uma microsociedade, na qual se refletem e através da qual se transmitem os conceitos culturais e sociais mais amplos.(sem destaques no original).

Considerando o exposto, tem-se uma primeira resposta, entretanto, bastante generalizada. Referida resposta aponta que o adolescente usuário parte para o caminho da toxicomania conjugando duas situações bastante diferentes. Quais sejam: uma de cunho individual, que é essa crise pessoal de descoberta de identidade (deixar de ser criança e passar a ser adulto) ou um próprio renascimento;

<sup>105</sup> BOUER, J. **Álcool, cigarro e drogas**. São Paulo: Panda, 2008, p. 8.

<sup>106</sup> KALINA, E. GRYNBERG, H. **Aos pais de adolescentes: viver sem drogas**. Iode Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999, p. 46.

e a outra, de cunho coletivo, que é o grande impacto decorrente dos fatos intrínsecos do meio social.

O adolescente neste grande impacto que sofre, por intermédio dessa confusão natural e sendo bastante vulnerável, deixa-se levar pelos caminhos da influência e sedução.

Contudo, voltando-se para as condições mais específicas, estas condições se referem àquilo que foi abordado logo no início desse tópico, quando então foram mencionados quais seriam os motivos que conduzem os adolescentes a usarem drogas e o porquê da continuidade e do desenvolvimento do vício.

### 1.5.3 Motivos específicos que podem levar os adolescentes às drogas e ao vício

A psicóloga Livia Borges<sup>107</sup> procura, de forma simples e compreensível, esclarecer vários motivos que conduzem os adolescentes a envolverem-se com as drogas, apresentando sete motivos. Destaque-se que as categorias que adiante serão apresentadas não levam em consideração o grau maior ou menor de incidência, porém são causas efetivamente constatadas.

A seguir, antes de adentrar especificamente em cada motivo, convém apresentar um quadro demonstrando as sete categorias constatadas. Veja-se:

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1º - alto grau de conflito familiar</li><li>2º - necessidade de auto-afirmação</li><li>3º - fracasso acadêmico e baixo compromisso escolar</li><li>4º - baixa auto-estima</li><li>5º - pressão do ambiente</li><li>6º - identificação com o grupo</li><li>7º - curiosidade em conhecer os efeitos das drogas</li></ol> |
|--|

O primeiro motivo referido pela autora está voltado para o “alto grau de conflito familiar”. Nos dias atuais seguidamente constatam-se, por intermédio da mídia em geral, os grandes conflitos familiares. Os casais na atualidade, por inúmeros motivos, estão convivendo em situação de constante conflito de

<sup>107</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003.

relacionamento. Neste conflito conjugal, os jovens podem muitas vezes querer chamar a atenção dos seus pais em decorrência da falta de atenção e carinho. Tem-se, ainda, a situação em que a atitude do uso de drogas é para se livrar de um excesso de educação ou até mesmo daquela que é extremamente dura.

Lívia Borges<sup>108</sup> esclarece que o jovem pode também se punir através do seu sentimento de culpa, ou até mesmo no sentido de um revide a seus pais, encaminhando-se ao uso de drogas. Conforme assevera, “a absoluta carência ou a satisfação de todos os seus caprichos e desejos podem levar o jovem a buscar emoções novas, para ter o que desejar ou para não perder o prazer de desejar.”

Interessante é ainda lembrar que este jovem pode ser ou não pertencente a uma família de alto padrão, que não estará descartada a possibilidade do envolvimento com drogas, pois a família desestruturada pode colaborar no sentido deste caminho.

Luiz Alberto Pinheiro de Freitas<sup>109</sup> realizou uma pesquisa, constatando que entre um jovem morador da Favela da Rocinha e um outro da burguesia carioca não havia diferença alguma entre ambos. Apesar de usarem drogas e chegado a essa vida por caminhos diferentes, “tinham em suas famílias de origem algo em comum, não só a eles, mas a muitos outros jovens que se inserem no mundo das drogas e do tráfico – o desamor e a absoluta falência da função paterna.”

O que o autor quis demonstrar neste caso, e que também acontece com outros que estão nessa vida de usuários de drogas, é que a família deixa num segundo plano o papel de acompanhamento e dedicação aos filhos, não demonstrando carinho a eles e muito menos fiscalizando, impondo-lhes limites.

Apontando à família como fator primordial no âmbito residencial, Luiz Alberto Pinheiro de Freitas afirma que “por seu desajuste interno muitas vezes leva ou até mesmo empurra a pessoa ao tóxico como fuga para situações desagradáveis e conflitivas, para suprir uma carência afetiva muitas vezes originada na infância.”<sup>110</sup>

No segundo motivo apresentado, Lívia Borges se refere à “necessidade de auto-afirmação”. A adolescência é uma fase de transformação, conforme já visto anteriormente, e, neste período, o jovem na passagem da infância

---

<sup>108</sup> BORGES, L. Op. cit., p. 11.

<sup>109</sup> FREITAS, L. A. P de. **Adolescência, família e drogas** – a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 27

<sup>110</sup> FONSECA, A. G. **Drogas: não caia nessa!** 6. ed. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2002, p. 14.

para a vida adulta querendo chamar a atenção de todos aqueles que o rodeiam, parte então para novas aventuras. Como bem explica Livia Borges<sup>111</sup>, é o “desejo de demonstrar suposta maturidade e independência dos pais, no sentido de fazer o que quer.”

Há que se ressaltar, ainda, que Livia Borges<sup>112</sup> apresenta uma outra questão: “em alguns meios, onde se valorizam a saúde e a consciência, os jovens têm sua auto-afirmação na escolha de fontes de prazer e hábitos saudáveis. Uma demonstração da importância do trabalho preventivo.”

O terceiro motivo trazido por Livia Borges é o “fracasso acadêmico e baixo compromisso escolar”. Trata-se aqui daquela mistura familiar com as amizades, ou seja, de um lado o jovem tem o medo de como seus pais vão encarar esta situação e, do outro, a sensação de humilhação diante de todo o grupo que pertence. E ainda menciona que pode ocorrer o “desinteresse ou a falta de integração na escola.”

Os motivos de agora em diante apresentados por Livia Borges foram baseados na pesquisa de L. C. Oliveira<sup>113</sup>. A “baixa auto-estima”, o quarto motivo, está intimamente ligada a “insegurança, solidão, medo de se expor, vergonha diante das transformações naturais do corpo na puberdade, sensação de falta de valor pessoal e medo de ser rejeitado”.

Já o quinto motivo trazido por Livia Borges<sup>114</sup> é a “pressão do ambiente - influência de parentes e amigos”.

Exemplos dentro da própria família e círculo de amizades. A curiosidade, a imitação e o desejo de pertencer a um determinado grupo podem levar o adolescente às drogas. O adolescente pode ser pressionado pelo grupo a consumir drogas, praticar atos de vandalismo e cometer pequenos delitos. Querendo fazer parte do grupo ele cede e aceita, conquistando sua auto-afirmação perante os seus membros. O grupo atinge o adolescente no ponto em que ele é mais vulnerável: sua auto-estima.

Para o médico psiquiatra Flávio Gikovate<sup>115</sup>, a porta de entrada para as drogas tem tudo a ver com a independência do adolescente. E para ele,

---

<sup>111</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 11.

<sup>112</sup> Ibidem.

<sup>113</sup> OLIVEIRA, L.C. **Porque voltei às drogas**. Bauru: EDUSC, 1997.

<sup>114</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 12.

comungando com o quinto motivo ora apresentado, o grande centro da questão, usar drogas está relacionado com este quesito: a influência dos colegas.

Para tanto, Flávio Gikovate<sup>116</sup> é categórico ao afirmar:

O início do uso das drogas acontece por influência dos colegas da turma, já que ninguém quer ser diferente e excluído do grupo. Os jovens tentam ser independentes da família, mas se tornam dependentes da turma. Querem se sentir atraentes para o sexo oposto e fazem qualquer coisa para atingir esse objetivo, necessário para a vaidade. Querem o mesmo sucesso que os astros e cantores de quem são fãs e cuja vaidade admiram.

No sexto motivo, a “identificação com o grupo”, o adolescente, por intermédio de uma reação natural, acaba afastando-se dos seus pais, da sua família, tudo isso por não concordar com os costumes, com os valores apresentados por eles, indo se compatibilizar com os jovens da mesma faixa etária. “A influência do grupo sobre o jovem é muito grande. Como ele necessita sentir-se parte do grupo, pode identificar-se facilmente com as propostas e regras do grupo, mesmo entrando em conflito com os valores pessoais.”<sup>117</sup>

E por último, como sétimo motivo, Livia Borges<sup>118</sup>, com base em L. C. Oliveira, apresenta a “curiosidade em conhecer os efeitos das drogas”.

O proibido exerce enorme atração sobre as crianças e jovens, que anseiam subverter a ordem, e muitos mergulham numa viagem sem volta. As drogas possuem efeitos diferentes, e cada pessoa pode experimentar sensações agradáveis ou desagradáveis na primeira dose. Se os efeitos forem desagradáveis, o jovem pode vir a desistir do uso; porém, existindo a pressão dos amigos, ele poderá tentar superar essas sensações iniciais, persistindo no uso. Se as reações forem agradáveis, logo na primeira vez, é mais provável que o jovem queira repetir. Muitos perseguem a repetição do primeiro efeito, que nunca é igual.

Importante frisar que os motivos ora apresentados foram reunidos por Livia Borges através de sua experiência profissional e também com base em

---

<sup>115</sup> GIKOVATE, F. **Drogas** - opção de perdedor. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

<sup>116</sup> Ibid., p. 33.

<sup>117</sup> BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003, p. 12.

<sup>118</sup> Ibidem.

estudos de outro pesquisador, conforme já observado. Após terem sido apresentados os motivos específicos que levam os jovens ao uso de drogas, aprofundamos em Alexandre Guerreiro da Fonseca<sup>119</sup>, o qual menciona em sua obra que em inúmeros trabalhos médicos, das mais diversas nacionalidades, chega-se sempre à mesma conclusão

Difícilmente se encontrará um drogadicto (viciado) em um meio familiar solidamente constituído, sendo significativo o fato de que em grupos com ideologia (religiosa, moral ou ética) muito expressiva exista pouca incidência de toxicomania entre jovens.

Por outro lado, cumpre esclarecer que também a pessoa pode viver num ambiente reunindo vários dos motivos acima apresentados e sequer ter experimentado alguma substância tóxica.

Assim sendo, conforme já foi visto, tem-se que a drogadicção está intimamente vinculada com a subjetividade do indivíduo, em decorrência de que esse estilo de vida sujeitou-se à sua opção de escolha e de construção dessa nova identidade.

O que foi abordado neste capítulo mostra uma delicada realidade e ao mesmo tempo bastante preocupante. A maneira como agem os jovens agrava-se cada vez mais, colocando-os numa condição de suscetibilidade muito elevada.

As atitudes dos jovens adolescentes nesse percurso de transformação, principalmente nessa condição de suscetíveis ao uso de drogas, fazem com que deixem bastante claro que as suas capacidades de discernir dependem muito da interferência e acompanhamento de seus pais, para que possam amadurecer na mesma velocidade que agregam outras informações.

---

<sup>119</sup> FONSECA, A. G. **Drogas**: não caia nessa! 6. ed. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2002, p. 18.

## **2. CAPÍTULO II - IDENTIDADE: UMA NOVA CONSTRUÇÃO NO GRUPO**

### **2.1 INDIVÍDUO, GRUPO E SOCIEDADE**

Demonstrou-se no capítulo anterior que a fase da adolescência se trata de um período em que o indivíduo deixa a sua infância e passa para a vida adulta e, com isso, vai inventar, vai construir uma nova identidade: ela não é transmitida, mas sim uma opção do indivíduo. O estudo mais detalhado sobre a adolescência, portanto, fez-se necessário por este motivo. Ressalte-se por oportuno mais uma vez, ainda que o grupo objeto de estudo do presente trabalho não seja formado atualmente por adolescentes, foi na fase da adolescência que esses indivíduos se tornaram dependentes de drogas, conforme se constatará por intermédio de seus depoimentos apresentados no capítulo IV.

Considerando o aprofundamento do estudo da fase da adolescência, procurou-se trazer conceitos para uma melhor compreensão, abordou-se também a respeito da questão da sua suscetibilidade frente às drogas. Ainda, como o presente estudo está intimamente relacionado com o fenômeno consumo de drogas, procurou-se também aprofundar a respeito do assunto, sendo que então foram apresentados conceitos e outras questões implícitas, que serão tomados por base para embasar o presente estudo.

Com efeito, como o presente trabalho está voltado para um estudo de caso de um grupo de usuários de drogas ilícitas, no qual se busca compreender qual o real papel das drogas no seu meio, bem como se os seus integrantes agem em virtude da existência de regras interna, trata-se de grande relevância aprofundar sobre o tema abordado neste subitem, quais sejam, indivíduo, grupo e sociedade.

Serão explorados os termos “indivíduo” e “sociedade” neste capítulo. Portanto, para a sua compreensão, faz-se necessário apresentar os esclarecimentos a respeito, demonstrando a distinção entre os termos.

Diante dos fatos sociais que ocorrem constantemente, não se percebe a importância dos atores que compõem este enorme e variado quadro.

Esses atores são os indivíduos membros desta sociedade, os quais se reúnem para as mais variadas finalidades.

Mesmo que o homem procure cada vez mais a individualização, ainda que não tenha presente na inter-relação com seu semelhante a afetividade, não consegue se desvincular da rede de dependência da sociedade. Neste aspecto, Norbert Elias<sup>120</sup> caracteriza bem a situação,

O elevado nível de individualização ou independência pessoal e, não raro, de solidão, característico desse tipo de sociedade, que talvez seja até necessário para sua manutenção, muitas vezes não se harmoniza muito com a complexa rede de dependência – indevassável para o indivíduo – em que a pessoa se vê encerrada com um número crescente de seus semelhantes, em boa medida devido a suas próprias necessidades socialmente inculcadas.

Fica claro, portanto, que o indivíduo é um ser eminentemente social, mesmo que tendo essa característica individualista. Neste contexto, deparamo-nos com dois termos centrais no assunto ora abordado: indivíduo e sociedade. Face às diferenças existentes, entender cada um deles é necessário, tendo em vista que o estudo de caso ora abordado retrata a experiência de sete indivíduos usuários de drogas que fazem parte do mesmo grupo e que são de certa forma, ainda que não de maneira explícita, estigmatizados pelos demais moradores da localidade em que vivem, os quais integram a sociedade ponta-grossense.

A princípio pode-se até questionar o que existe de distinção entre ambos; Norbert Elias, mais uma vez, socorre-nos esclarecendo “que houve estágios no desenvolvimento de nossa sociedade, em que os conceitos como ‘individual’ e ‘social’, em seu atual sentido, não existem ou não existiram.”<sup>121</sup>

Entretanto, Norbert Elias<sup>122</sup> retrata que “é um erro aceitar sem questionamento a natureza antitética dos conceitos de ‘indivíduo’ e ‘sociedade’. O uso lingüístico que nos inclina a fazê-lo tem data relativamente recente.” Embora vejamos mais adiante, mas neste momento, de maneira sucinta, cumpre-nos

---

<sup>120</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 124.

<sup>121</sup> Ibid., p. 129.

<sup>122</sup> Ibidem.

esclarecer apenas que Norbert Elias quer nos repassar a idéia de que o indivíduo tem comportamentos distintos, seja quando está só, seja quando está em grupo.

Mas, então, qual é o conceito de indivíduo?

Atualmente a função primordial do termo "indivíduo" consiste em expressar a idéia de que todo ser humano do mundo é ou deve ser uma entidade autônoma e, ao mesmo tempo, de que cada ser humano é, em certos aspectos, diferente de todos os demais, e talvez deva sê-lo<sup>123</sup>.

O conceito apresentado por Norbert Elias mostra-nos dois fatores muito importantes explícitos no termo indivíduo. No primeiro, a autonomia, o caráter que atribui à pessoa a faculdade de independência à realização de seus atos. No segundo, é a de que a pessoa jamais será igual à outra, em todos os sentidos; pode até existir a semelhança, mas jamais a igualdade na totalidade.

Nas observações de Norbert Elias, ainda em relação ao indivíduo, evidencia-se o aspecto da identidade-eu, a identidade singular, a qual, segundo ele, nos dias atuais tem muito mais importância para a sociedade do que aquilo que ele tenha de comum em relação às demais pessoas de seu meio. Ou seja, o homem nos dias atuais está sendo muito mais valorizado pelas suas diferenças em relação aos outros do que por aquilo que ele tenha em comum com as demais.

De maneira bastante simples, podemos exemplificar esta questão nos referindo ao indivíduo que tem um determinado veículo, importado e muito caro, e que nada exista para desaboná-lo, o que certamente o coloca numa situação de diferença em relação aos demais. Já o indivíduo estigmatizado<sup>124</sup>, em decorrência das suas diferenças aparentes em relação aos demais, não acaba sendo tratado de forma igual, a exemplo os indivíduos objetos desta pesquisa, embora as diferenças sejam muito aparentes, nenhum deles goza de credibilidade na localidade em que vive por ter a identidade de usuário.

Após a experiência da conceituação de indivíduo, é também importante analisar e procurar conceituar grupo, pois foi dito acima que o indivíduo

---

<sup>123</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 130.

<sup>124</sup> Nas lições de Erving Goffman (1988), a pessoa estigmatizada se trata daquela que carrega consigo uma marca, uma característica diferente das demais, e, em decorrência disso, ela é tratada de maneira desigual pelos demais membros da sociedade. Esclarece-se que Goffman estabelece três tipos de estigma, quais sejam, as anormalidades corporais, culpas individuais (como por exemplo, homossexualismo, vícios etc.) e as decorrentes de raça, nação ou religião (GOFFMAN, E. **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988).

sempre procura se agrupar. E, segundo Guillaume Coury<sup>125</sup>, “essa arte permite que os indivíduos que se encontram num espaço social percebam nos outros seus interesses e formem juntos grupos até então imperceptíveis.” Orientando-se por esses passos, pode-se então dar continuidade à missão proposta e assim chegar ao seu ponto principal, que é o grupo.

Conceituar grupo, ou se aproximar de uma conceituação, não se trata de uma tarefa difícil ante a contribuição de Guillaume Coury, retro mencionada. Todavia, não se pode limitar-se apenas em suas contribuições, pois a profundidade alcançada pelo tema convida a avançar um pouco mais e se valer também das valiosas contribuições de Norbert Elias; sob sua análise foi possível compreender que há várias formas de comportamentos de grupos e isso vem contribuir para o entendimento do tema.

Norbert Elias<sup>126</sup> apresenta uma faceta de determinados grupos, que os indivíduos que os integram acreditam e centralizam todas as suas idéias exclusivamente na imperatividade das leis humanas, que somente elas detêm a autonomia e para as quais se submetem, é o que ele denomina de “mentalidade coletiva”. Aqui estaria se reportando à submissão do indivíduo, do grupo, em relação ao conjunto de leis que regulam uma nação ou uma região: são os estabelecidos, e na presente pesquisa são os moradores antigos e tradicionais da vila Vilela.

Numa outra faceta, Norbert Elias<sup>127</sup> esclarece: “opondo-se a eles, por outro lado, há os grupos cujas idéias se concentram, acima de tudo, nos indivíduos humanos.” Estes indivíduos curvam-se exatamente para as suas idéias e para aquilo que eles entendem como sendo o correto, mas jamais para aquilo que esteja pré-estabelecido, que advém de cima para baixo. As regras e as estruturas nesses grupos serão estabelecidas por eles mesmos e não por outrem.

Esta segunda forma de comportamento vem a ser uma situação em que o grupo estudado se encaixa, pois o objeto principal de interesse do grupo mesmo que sendo ilegal, e mesmo que cientes disto, a satisfação dos seus desejos – do vício - sobrepõe.

---

<sup>125</sup> COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais - da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias** - a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 131.

<sup>126</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 24.

<sup>127</sup> Ibidem.

Diante desse contexto, pode-se entender como grupo um conjunto de indivíduos reunidos em torno de um mesmo interesse, ou de um mesmo objetivo. Os indivíduos somente se reunirão em grupos quando ocorrer a convergência de todos, ou pelo menos da grande maioria deles, voltada para uma determinada finalidade, mesmo que essa finalidade seja contrária ao ordenamento jurídico, aos bons costumes.

Percebe-se, então, que o indivíduo tem a sua entidade autônoma e também que ele jamais será totalmente igual à outra. Ainda, considerando a questão de que procura se individualizar, necessita da rede de interdependência da sociedade e agrupa-se com o intuito de buscar a satisfação de seus interesses.

Nesta linha de raciocínio segue-se o estudo do termo sociedade. Após a análise de indivíduo e de grupo fica um pouco atenuada a difícil missão de conceituar sociedade.

Norbert Elias nos dá uma pista quando se refere à natureza antitética dos conceitos de “indivíduo” e “sociedade”. Sendo assim, se o indivíduo se trata de uma pessoa autônoma e diferente dos outros, poderíamos pensar que a sociedade vem a ser o reverso disso, porém não é viável sermos seduzidos desta forma.

O conceito de sociedade é mais amplo do que isto. Para complementar essa idéia mencionada no parágrafo anterior, cumpre-se trazer à tona ainda a observação mencionada por Norbert Elias em sua obra denominada “Introdução à Sociologia” (1980). O autor leva-nos a discussão de que o conceito de sociedade deve “superar a barreira de reificação de conceitos, que obscurece e distorce a compreensão da nossa própria vida em sociedade”<sup>128</sup>. O modelo reificante refere-se ao entendimento de que, “a sociedade é constituída por estruturas que nos são exteriores – os indivíduos – e que os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por uma barreira invisível.”<sup>129</sup>. Este é um modelo tradicional de compreensão da sociedade.

Em Norbert Elias buscamos os conceitos de interdependência, configuração e poder para a compreensão da sociedade. Nesta linha de raciocínio, apreendemos que para compreensão da sociedade não basta realizar análises

---

<sup>128</sup> ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 15.

<sup>129</sup> Ibidem.

totalizantes e fragmentárias. Tanto indivíduo quanto sociedade não são divididos como entidades autônomas. Existem disposições e inclinações básicas entre indivíduos interdependentes, sendo que entre esta relação temos a noção de poder diluído. Dito de outra forma, os indivíduos são voltados uns aos outros de diversas formas, sendo que as configurações criadas por estas relações interdependentes formam grupos que por sua vez compõem a sociedade. O que fica entre estas relações é a busca de poder que é diluído entre os indivíduos. As relações entre indivíduo e sociedade não são fragmentadas, mas sim complexas. Para a compreensão da sociedade torna-se necessário o confronto entre teoria e o empírico para que se possa desvelar as configurações que os indivíduos estabelecem de forma interdependente entre grupos e sociedade.

Os indivíduos, como tais, neste mesmo espaço de tempo estão circundados por todos os integrantes da sociedade. Como bem observa Norbert Elias, a sociedade é composta por conjuntos de elementos que estão fora do indivíduo e, ainda que exista esta barreira invisível, estarão preexistentes sempre as teias de interdependência.

Essas teias de interdependência, conforme denomina Norbert Elias, acabam sempre nos encaminhando para as mais diversas e variadas formas de relação. A sociedade não é somente o conjunto de vários grupos de indivíduos convivendo de forma distinta e inter-relacionando puro e simplesmente, como é observado pelo conceito tradicional de sociedade.

Os indivíduos são impulsionados de forma tal que entre si se ligam das mais variadas formas, das mais diferentes formas, dependendo de suas “disposições e inclinações básicas”. Essas teias de interdependência dão origem aos mais variados tipos, como exemplo famílias, grupos, cidades, escolas etc. E a esses mais variados tipos Norbert Elias denomina como sendo a “rede de indivíduos.”<sup>130</sup> Nesta condição, os indivíduos tornam-se dependentes em razão de ações que decorrem sem serem perceptíveis e que nos permitem suprir as necessidades.

Essas ações decorrentes da sociedade, de maneira a indicar sempre a necessidade de alguma coisa, fazem com que os indivíduos exerçam sobre os

---

<sup>130</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 16.

outros, sobre e entre eles mesmos, impondo as necessidades com um caráter coercitivo, as quais formam as teias de interdependências.

Conforme visto, o indivíduo busca se agrupar com o intuito de alcançar, por intermédio dos outros, os seus interesses. A sociedade seria a reunião de grupos de indivíduos voltados todos a relações interdependentes mediadas por um equilíbrio de poder mais ou menos instável, em que a satisfação de interesses e necessidades entre si dependem do potencial de poder existente entre indivíduos, grupos ou sociedades.

Tratando-se de Estado, não obstante essa reunião de grupos de indivíduos, mas somente com a instituição do monopólio da violência física que será possível regular as relações sociais e ter-se uma sociedade pacificada. A sociedade pacífica quando detém o monopólio da violência terá o seu conjunto de normas, além de outros monopólios, o que faz com que surja o Estado organizado.<sup>131</sup>

Trata-se do poder do Estado em relação aos indivíduos, os quais se submetem a esse monopólio. E, como deixou bastante claro Norbert Elias, é esta reunião que faz a necessária rede de interdependências, inclusive deste poder estatal para manutenção da boa ordem entre os indivíduos.

Ressalva-se, porém, a existência do poder diluído entre certos grupos, os quais nem sempre se sujeitam integralmente ao cumprimento das normas instituídas pelo Estado. Isso pode ocorrer de forma explícita em certos grupos, como é o caso do narcotráfico, bem como o próprio grupo estudado, e também de forma mais clandestina, como é o caso de certos grupos que buscam instituir as normas e manter o monopólio da violência.

Devem-se, por derradeiro, salientar as sábias observações de Norbert Elias ao referir-se à forma como a humanidade vem se tornando dependente um dos outros, através dos Estados. Para tanto, referindo-se a todos os indivíduos do planeta, fala-se da humanidade como sendo a grande sociedade humana,

Todos esses Estados, em maior ou menor grau, dependem uns dos outros, seja economicamente, através da ameaça unilateral ou mútua de violência ou do uso direto da violência, seja através da difusão de modelos de autocontrole e de outros aspectos comportamentais e afetivos que

---

<sup>131</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Op. cit., p. 98.

emanam de alguns centros, da transferência de modelos lingüísticos ou de outros modelos culturais e de muitas outras maneiras.<sup>132</sup>

Enfim, por trás de todos os grupos, evidentemente, vai sempre existir algum interesse. O indivíduo agrupa-se amparado sempre em algo que lhe dê satisfação. As considerações de Norbert Elias revelam que essas sociedades, independentes do poder econômico, ou outro qualquer, ainda assim dependem uma das outras.

## 2.2 GRUPOS: POR QUE ENTENDÊ-LOS?

A evolução das sociedades ao longo da história é evidente, pois, em virtude da busca de meios que facilitassem as atividades humanas, o homem, através da razão, desenvolveu-se e aprimorou-se. Também procurou viver em grupos, em sociedade, tanto para fins de cooperação entre si para a subsistência da espécie e, também, como forma de proteção contra os perigos da natureza e dos inimigos.

Entretanto, com esta evolução as sociedades perdem as suas formas originárias, os indivíduos mudam seus hábitos, quase sempre em virtude de uma pressão externa. Norbert Elias<sup>133</sup> já se reportou à esta condição colocando que o indivíduo, cada vez mais, vem rompendo com o meio em que vive para então pensar em si mesmo, face à sua autonomia quase que imposta pela sociedade moderna.

Esclarece, ainda, Norbert Elias<sup>134</sup> que “tanto a possibilidade quanto a necessidade de maior individualização constituem um aspecto de uma transformação social que ultrapassa em muito o controle do indivíduo.” A ocorrência deste fenômeno decorre não só da própria natureza, mas também, como já dito, da evolução das sociedades. Esta condição característica do indivíduo moderno, de se

---

<sup>132</sup> Ibid., p. 136.

<sup>133</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Op. cit., p.102.

<sup>134</sup> Ibid., p. 103.

individualizar cada vez mais, torna-se um problema que deve ser analisado com mais prudência, pois se trata de um efeito colateral da sociedade globalizada.

Não obstante tal condição, a de se individualizar, o homem por si só tem consciência da necessidade de se agrupar, posto que para a satisfação de suas necessidades tal condição é indispensável. A individualização na sociedade moderna é apenas um lado desta condição imposta pelo capitalismo. Entretanto, esta individualização não tem o significado de total isolamento no sentido estrito do termo, posto que a individualização sugerida tem a conotação voltada ao alcance e satisfação de bens materiais.

Ressalte-se, assim, que à medida que o homem evolui, não obstante a individualização mencionada, a necessidade da interdependência aumenta cada vez mais. Como bem frisou Norbert Elias<sup>135</sup>, “um número cada vez maior de pessoas passou a viver numa crescente dependência mútua, ao mesmo tempo em que cada indivíduo foi-se diferenciando mais dos outros.”

Ao que foi mencionado anteriormente é o que Norbert Elias denomina de “teias de interdependência”: cumpre, portanto, esclarecer que é “por uma visão mais realista das pessoas que, através das suas disposições e inclinações básicas, são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras.”<sup>136</sup>

Conforme esclareceu Norbert Elias, a individualização é uma característica do indivíduo integrante da sociedade moderna, mas a dependência de seus pares é fundamental e tende sempre a aumentar. A teia de interdependência dentro de uma sociedade organizada e civilizada é extremamente necessária.

À medida que mais e mais pessoas se tornaram mutuamente dependentes, como especialistas deste ou daquele tipo nessas redes de funções distintas, tornou-se cada vez mais necessário harmonizar suas funções e atividades. Também por esse aspecto, a mudança das relações humanas em direção a grandes grupos mais centralizados e especializados levou a um maior cerceamento dos impulsos individuais momentâneos<sup>137</sup>.

---

<sup>135</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Op. cit., p. 114.

<sup>136</sup> ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Ibid., p. 15.

<sup>137</sup> Ibid., p. 114.

O outro aspecto, contrário ao individualismo, é o agrupamento que passa a ser mais forte e sempre voltado para um determinado fim, para o alcance da satisfação de uma necessidade, essencial ou não, pessoal ou coletiva. O que Norbert Elias apresenta é que com a evolução e com o aumento desta dependência mais e mais são as especificações de dependências colocadas como necessárias pela sociedade. Seriam os desdobramentos desta ou daquela atividade anteriormente posta.

Por outro lado, a questão das especialidades colocadas por Norbert Elias, citada anteriormente, da dependência mútua nas mais distintas funções das relações humanas podem ser interpretadas também de uma forma mais ampla e abrangente. O que Norbert Elias contempla é a teia de interdependência entre indivíduos e grupos dentro de uma sociedade como um todo.

Destarte, da maneira mais abrangente, como colocado, pode-se entender como a interdependência do indivíduo para com um determinado grupo. A título de exemplo pode-se citar o caso dos indivíduos membros do grupo objeto deste estudo, os quais necessitam do grupo de forma habitual para que seja possível a prática do uso de drogas: quem tem a droga possibilita o acesso para os demais. Ainda que se encontrem para a prática de outras atividades, a vinculação principal está condicionada à prática do consumo de drogas ilícitas; pode-se até dizer que se caso o indivíduo membro deste grupo deixe de usar drogas, possivelmente com o tempo ele vai deixando de procurá-lo, pois, se deixar de usar e continuar procurando, ele voltará a agir como os demais, tornando-se novamente dependente desta rede.

Diante do que foi abordado, tem-se, portanto, que o indivíduo integrante de uma sociedade globalizada e civilizada vem buscando cada vez mais o processo de individualização, porém, por outro lado, em razão de suas necessidades pessoais, por imperativo necessário, busca a complementação também nos grupos.

Mas, então, por que estudar os grupos?

Considerando o tema do presente trabalho, e o que foi mencionado acima, não só porque nos grupos o indivíduo busca uma satisfação pessoal, mas porque nos grupos se desenvolvem as mais diversas formas de culturas, e os mais

diferentes significados, e por meio dos quais, segundo Clifford Geertz<sup>138</sup>, eles “guiam seu comportamento”. E o objetivo do presente trabalho teve esta finalidade, tentar desvelar os significados existentes no interior do grupo estudado e os meios que guiam os comportamentos dos indivíduos que o integram.

### 2.3 CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS: A PSICOGÊNESE E A SOCIOGÊNESE

Importante dar ênfase para a questão da constituição de grupos na adolescência. Ainda que alguns dos sujeitos objetos do presente estudo tenham tido o primeiro contato muito próximo da adolescência, foi no seu transcorrer, em razão da auto-afirmação e da criação da nova identidade, conforme já abordado no capítulo I, que esses indivíduos se envolveram de uma maneira mais intensa com as drogas e acabaram tornando-se dependentes.

Considerando isto é que se buscou dar relevância para este período da vida do indivíduo, porque isso ocorre na maioria dos casos.

Conforme foi visto no capítulo I, a adolescência é uma fase de descobertas, pois o adolescente está deixando de ser criança e está passando para a fase adulta. Trata-se de um momento que para ele nada tem relevância e, portanto, o jovem adolescente vai dar valor e credibilidade principalmente às pessoas da mesma faixa etária.

Ressalte-se que em decorrência da percepção que não é mais criança é que então passa o adolescente a pensar que é auto-suficiente, que não precisa mais ser protegido, e assim deixa seus familiares de lado. Neste sentido, Norbert Elias<sup>139</sup> explica que “a coesão dos grupos rompe-se à medida que perdem suas funções protetoras e de controle.”

Ocorrendo este rompimento, busca o adolescente o relacionamento com jovens da mesma faixa etária, a fim de constituir novas amizades e trocar experiências. A partir deste momento é que se formam os grupos, sendo que, o adolescente se identificando com a maneira de agir, integra-se neste meio compartilhando as suas idéias.

---

<sup>138</sup> GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1989, p. 21.

<sup>139</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 102.

Caso não ocorra a integração com um determinado grupo, haverá, obviamente, o rompimento com ele, quando então o jovem se individualiza aparentemente e busca se reagrupar novamente,

eles [“**rapazes e moças, adolescentes, jovens inexperientes ou seja lá que nome recebam – não mais crianças, mas ainda não homens e mulheres**”] levam uma vida social distinta, tendo uma ‘cultura jovem’ – um mundo próprio, que diverge marcadamente do dos adultos.<sup>140</sup> (sem negritos no original)

A rede de dependência vincula os indivíduos de maneira que ocorra o alcance de um objetivo. No caso do grupo a que pertencem os sete indivíduos objetos do presente estudo, a arte de reagrupar-se, decorrente do descolamento da família (desfamiliarização), ocorreu influenciada pelo local de moradia dos mesmos, pois conforme foi mencionado acima estavam eles se descolando dos familiares. Ou seja, o local de residência deles era e ainda é um local onde as crianças têm por hábito<sup>141</sup> permanecer constantemente brincando pelas ruas, o que facilita a arte de reagrupar. Assim, esta aproximação passa ser quase que natural e, por conseqüência, o indivíduo passa a se identificar com o hábito do grupo, que no presente caso foi a utilização de drogas.

Diante disto, o jovem vai encontrar a compatibilidade de cultura naquele mundo jovem em que vive. Torna-se bastante incomum o jovem deixar de procurar este meio para se identificar com um grupo no qual estão inseridos somente pessoas adultas e muito mais velhas.

Nesta linha de raciocínio, os jovens, em seus imaginários, têm pautados os seus ideais dentro de um padrão de regras que lhes são apresentadas. Para que se entenda melhor, “os indivíduos são condicionados socialmente ao mesmo tempo pelas representações que fazem de si mesmos e por aquelas que lhes são impostas pelos outros com quem entram em relação.”<sup>142</sup>

<sup>140</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 104.

<sup>141</sup> Segundo Norbert Elias, hábito é o compartilhamento de uma composição específica que cada pessoa singular tem com os outros membros da sociedade. (Op. Cit., p. 150).

<sup>142</sup> COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais - da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias** - a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 124.

O jovem, o adolescente, que não se relaciona na maior parte do seu tempo com indivíduos da mesma faixa etária é porque construiu no seu imaginário um sentimento de pertencimento a um grupo mais velho, o qual se ateve na maior parte do seu tempo. Ou seja, influenciado pelo meio social em que convive, o jovem encontrou nesse grupo a sua condição de pertencimento por serem esses os padrões que lhe foram oferecidos.

A busca dos adolescentes por outros indivíduos, também considerados jovens, no meio social, resulta do fato que eles notam “nos outros seus interesses e formam juntos grupos até então imperceptíveis.”<sup>143</sup> Neste sentido, Guillaume Cury denomina como sendo a arte de reagrupar-se, unir-se por um objetivo, por um interesse comum.

Não obstante esse agrupamento, para tal fato existem dois objetivos que Guillaume Cury estabelece como sendo fatores preponderantes para este fim. Estes objetivos apresentados são bastante interessantes.

O primeiro tem relação com o que já foi abordado anteriormente, ou seja, “trata-se de desfamiliarizar o analista com as práticas e as formas coletivas instituídas.”<sup>144</sup> Este primeiro objetivo colocado por Guillaume Cury mostra a efetiva realidade da sociedade atual, a qual não só dita as regras daquilo que se deve fazer, como também coloca práticas realizadas por grupos como sendo pretensamente corretas. Ancorando, como exemplo, no caso dos indivíduos objetos do presente estudo, possivelmente a realidade vivida pelos jovens que conviviam naquele meio usando drogas, ao menos para eles, era tido como atitude certa.

Além daquilo que já foi abordado acima, de uma forma mais objetiva, Guillaume Cury quer dizer que a sociedade estaria para o indivíduo como uma vitrine, onde bastaria a ele optar.

Já em relação ao segundo objetivo, advém da noção de que “ela permite explicar o aparecimento dessa competência política, como sua desigual apropriação pelos indivíduos, nos setores diferenciados da sociedade.”<sup>145</sup> Nesta outra forma, a arte de reagrupar-se se reveste de uma maneira extremamente hábil

---

<sup>143</sup> CURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais - da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias** - a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 131.

<sup>144</sup> Ibidem.

<sup>145</sup> Ibid., p. 132.

de agir, segundo a qual estes indivíduos adquirem diferentes formas nas mais diversas classes sociais.

Através desta análise dos dois objetivos preponderantes à arte de reagrupar-se, cabe, portanto, fazer a junção de ambas para ter-se uma noção mais ampla. Pode-se, assim, estabelecer que o indivíduo, o jovem adolescente, reagrupa-se não só porque deseja romper com os seus laços familiares, mas sim também porque a sociedade se apresenta como uma alternativa obrigatória e altamente capaz de agir, independentemente de equivalência nos mais diferentes grupos sociais.

Ainda na questão da arte de reagrupar-se, cumpre-se aprofundar ainda mais no tema em debate. Deve-se, portanto, dar a devida atenção para a sociogênese dos grupos; porém, seria improdutivo abordá-la sem antes conhecer a psicogênese segundo as contribuições de Norbert Elias, em face da íntima relação entre ambas.

### 2.3.1 Sobre a psicogênese, segundo Norbert Elias

Segundo Norbert Elias<sup>146</sup>, “as pessoas em certas sociedades são obrigadas a reproduzir, uma vez após outra, determinados padrões de conduta e cadeias funcionais específicas.” Fica claro nesta colocação de Norbert Elias que os indivíduos são regulados por determinadas regras, costumes e hábitos, estabelecidos pelas sociedades, ou seja, amoldam os seus comportamentos em conformidade com aquilo que foi estabelecido de alguma forma, de modo que possam ser aceitos naquele determinado meio. Isso ocorreu e ocorrerá ao longo da história da humanidade, pois o homem estará sempre se ajustando e procurando se adaptar a esse processo civilizatório.

À medida que o ser humano evolui, por intermédio desse processo civilizador, o indivíduo sofre alterações de ordem psíquica, aquelas que alteram as características do indivíduo. Ocorrem as transformações internas que mudam o comportamento humano.

---

<sup>146</sup> ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v.2, 1993, p. 239.

Tatiana Savoia Landini<sup>147</sup>, citando Menell (1998), apresenta a situação da criança por si só em seu processo de **desenvolvimento em suas fases naturais de crescimento**, no qual está reproduzindo o procedimento de civilização individual, que têm oscilações nos seus comportamentos em diferentes escalas, em maior ou menor grau, e que estes modelos de comportamentos progridem influenciados por um processo civilizador social.

Vale dizer que a teoria do processo de civilização proposta por Norbert Elias centra-se na idéia de que as alterações acontecidas na estrutura psicológica do indivíduo acabam por gerar transformações no meio social no qual ele convive, e que, segundo o autor, vem a ser a psicogênese.

Conclui-se, assim, que a psicogênese vem a ser as transformações individuais decorrentes do processo civilizatório; porém, além de influenciar no meio social em que vive o indivíduo, não deixa de ser também uma consequência deste processo de civilização coletiva, a sociogênese.

Com base no que foi abordado anteriormente, pode-se retratar as transformações - o processo de civilização individual - dos sujeitos objetos desta pesquisa desde as suas infâncias até os dias atuais. A psicogênese de cada um deles teve sua origem no seio familiar, ou por intermédio de qualquer outro ente querido que tenha assumido essa missão à época, e passo por passo foi transformando cada um deles. Essa trajetória desde os primeiros passos, desde as primeiras palavras, e assim por diante, foi lhes moldando. Foi o passar dos anos com as brincadeiras com outras crianças e familiares, o contato com a escola, também as influências religiosas, e juntamente com tudo isso o fenômeno natural do crescimento, além de outras interferências decorrentes das próprias relações sociais.

Nesta seara de fenômenos, obviamente, as transformações na personalidade de cada um deles foram ocorrendo por conta dessas influências sociais e, por intermédio disso, as alterações na conduta. Contudo, cada um obteve uma personalidade distinta do outro – o processo de civilização individual.

---

<sup>147</sup> LANDINI, T. S. A sociología processual de Norbert Elias. In: **IX Simposio Internacional Processo Civilizador** (2005). Disponible em: <[www.fef.unicamp.br](http://www.fef.unicamp.br)>. Acesso em: 9 out. 2007, p. 2.

### 2.3.2 Sobre a sociogênese, segundo Norbert Elias

Após a contextualização da psicogênese à luz da Sociologia Configuracional, a compreensão da sociogênese torna-se de grande importância neste momento. Seguindo esta linha de raciocínio, Norbert Elias<sup>148</sup> descreve que “a concepção filosófica de um conhecimento científico estático, considerado como forma de conhecimento ‘eternamente humana’, impediu quase completamente qualquer investigação sobre a sociogênese.” Ou seja, a invariabilidade do conhecimento científico, por pouco, não inviabilizou o processo de investigação e de conhecimento social.

A sociogênese abrange as mudanças sociais que irão repercutir nas estruturas psicológicas dos indivíduos e, em decorrência disto, tendem a influenciá-las e alterá-las.

Considerando o exposto, a sociogênese está relacionada especificamente com o comportamento do indivíduo enquanto membro de um grupo. O indivíduo integrado a um determinado grupo estará sempre condicionado a um conjunto de regras, costumes e hábitos que os mantém nesta condição, caso contrário sua permanência tende a não existir.

Os integrantes do grupo estudado estão condicionados a um objeto que os vincula, no presente caso as drogas. Esta sociogênese desses indivíduos integrantes desse grupo, objetos de estudo desta pesquisa, que nos chama a atenção e que buscamos compreender.

Na tentativa de especificações a respeito do tema em questão, as contribuições de Guillaume Coury permitem um foco mais amplo. Referido autor apresenta as três dimensões da sociogênese, as quais são assim estabelecidas: a primeira, “a produção da semelhança”; a segunda, “a localização dos grupos”; e a terceira, a “sublimação dos grupos”.

Com esta classificação, Guillaume Coury quer demonstrar que nas formações dos grupos há a possibilidade de um desdobramento que pode variar em extensão de três formas diferentes.

---

<sup>148</sup> ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Tradução de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 19.

Na primeira, “a produção da semelhança”, Guillaume Coury<sup>149</sup> esclarece que: “acompanhando N. [sic] Elias, gostaríamos de mostrar que a objetivação da diferença entre grupos sociais provém com muita freqüência de uma busca consciente da semelhança.” Nesta dimensão, os indivíduos que pertencem ao grupo estão envolvidos entre si por conta “da utilização de bens e de práticas aparentemente semelhantes.”

Neste diapasão, os indivíduos que integram esta dimensão fazem parte de um grupo onde a aproximação ocorreu por conta de interesses convergentes. Os objetivos buscados nesta união são intencionais e existe a simultaneidade das ações dos indivíduos para um determinado fim.

A integração que ocorre entre os componentes deste meio origina-se na existência de um sistema onde se busca fazer a mesma coisa que o outro faz. Trata-se da utilização dos mesmos hábitos e dos mesmos costumes. O grupo ora objeto deste estudo tem a produção da semelhança norteadas por um hábito que é tolerado e absorvido por todos os integrantes, qual seja, a busca da utilização das drogas como forma de satisfação.

Na segunda, “a localização dos grupos”, esta dimensão está pautada em duas possibilidades que conduzem, segundo Guillaume Coury<sup>150</sup>, ou a forma de se agrupar é aquela em que os indivíduos embora agrupados “não o sabem ainda mas vão descobri-lo” ou, ainda, “no qual o acaso ou o acidente fazem coabitar duradouramente aqueles que nunca deveriam ter-se encontrado ou que não tinham o hábito de fazê-lo.”

Esta dimensão, no que tange ao grupo objeto deste estudo, leva a interpretar que na primeira variante o jovem, já pertencendo ao ambiente, ainda não se deu conta dos atos que está realizando e qual está sendo a sua intensidade. Hipoteticamente falando, esse indivíduo vem fazendo uso constante de drogas com os mesmos companheiros, só que ainda não percebeu que ele é um dependente e também mais um dos integrantes do grupo. Na segunda variante, tem-se o integrante conduzido ao grupo de uma maneira em que a situação jamais foi planejada, ou sequer imaginada, porém esta condição o fez permanecer como

---

<sup>149</sup> COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais - da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias** - a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 132.

<sup>150</sup> COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais - da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias** - a política e a história. Ibid., p. 137.

integrante ocasionalmente. Hipoteticamente também, seria o caso daquele indivíduo em que a ocasião, o período que esteve próximo do grupo, permitiu que ele estivesse agindo como seu integrante.

Na terceira dimensão, “a sublimação dos grupos”, é apresentada uma situação onde “inúmeros grupos sociais são pensados como entidades coletivas sem levar em conta sua forma primária, graças a um ‘objetivo mais elevado e de maior valor social.’”<sup>151</sup>

A análise intrínseca desta dimensão remete primeiramente ao primeiro subitem deste capítulo, quando então se conceituou sociedade, pois, essa pluralidade de grupos, pensadas como entidades coletivas, formam a sociedade propriamente dita. E a sociedade coloca objetivos, que em regra, seria de interesse geral, como por exemplo, a saúde pública e a educação.

No caso do presente estudo, o grupo usuário de drogas coloca como prioridade a satisfação consumista do prazer, pois seus integrantes deixam claro o desinteresse por um planejamento pessoal, pela sua família, por sua saúde, etc.

Na sociedade moderna, agrupar-se para um determinado objetivo é algo bastante comum, muito embora a característica do homem moderno seja a busca da individualidade, conforme observa Norbert Elias.<sup>152</sup>

Fica claro o ponto de vista de Norbert Elias, conforme mencionado acima (subitem 3.1), que o homem na sociedade moderna procura um elevado nível de individualização, entretanto, essa característica é incompatível com a complexa rede de interdependência, pois necessita incondicionalmente dos seus pares. Portanto, a inter-relação entre indivíduos, entre grupos e entre as sociedades, torna-se necessária.

No caso do grupo dos sujeitos objetos deste estudo a individualização não é palavra de ordem, pois eles procuram se agrupar e principalmente se ajudar para a finalidade precípua, qual seja, a satisfação do vício.

A relação de dependência entre os usuários reside no fato de que, desde que um integrante tenha a droga, este oferecerá aos demais que integram o grupo. Portanto, a aflição e a vontade que sempre está rondando o dependente será

---

<sup>151</sup> COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais - da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias** - a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 138.

<sup>152</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 124.

suprida por intermédio da solidariedade no interior do grupo, porém desde que alguém tenha a droga.

Assim, as dimensões da sociogênese, anteriormente abordadas, configuram-se na sua totalidade para justificar o pleno desenvolvimento dos grupos de usuários. Cumpre esclarecer que o grupo ao qual pertencem estes indivíduos objetos deste estudo não está numa condição de anônimo, aliás, são do conhecimento de todos os indivíduos que na vila residem as suas atitudes e o estilo de vida que levam. A condição do anonimato não faz parte do seu meio, pois usam drogas em qualquer horário, não se importando com as representações dos demais moradores da região em relação a eles.

## 2.4 O GRUPO E SUA CONDIÇÃO *OUTSIDER*

O homem através do seu processo evolutivo cada vez mais esteve ligado às normas de conduta imposta pela sociedade. Guillaume Coury<sup>153</sup> na abordagem das questões relacionadas à economia psíquica<sup>154</sup>, com amparo nos ensinamentos de Freud, aborda o “sofrimento do homem civilizado”. Nestas questões, relacionadas à economia psíquica, voltam-se os estudos a indicar que o homem protagonista desta sociedade, que segundo Norbert Elias<sup>155</sup> está em processo de civilização, tem condições psíquicas para se adaptar ao meio em que está situado. Essas relações e adaptações a esta sociedade “civilizada” fazem com que os indivíduos passem por situações de grande sofrimento.

As sujeições que o indivíduo moderno se submete para conviver com as sociedades são diferentes das situações com as quais ele está habituado no seu meio individual. No grupo que estão inseridos esses usuários de drogas existem

---

<sup>153</sup> COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais - da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias** - a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001.

<sup>154</sup> Conforme esclarece Guillaume Coury, a economia psíquica se refere a um desconhecido diálogo entre Elias e Freud, “que buscava então uma explicação do sofrimento do homem civilizado” (Op. cit, p. 125).

<sup>155</sup> Na obra “**O processo civilizador**” (1993, 2º vol.) Norbert Elias tem o posicionamento que o indivíduo, apesar de sua grande evolução em todos os sentidos, ainda não adquiriu a civilização plena, ou melhor, que ainda está num processo de civilização em decorrência de vários fatores. Um desses fatores citado por ele, por exemplo, são as guerras, as quais não retratam atos civilizados.

regras de conduta e costumes que devem ser seguidos. Há uma integração meramente parcial dos estranhos ao seu meio, ficando reservada a integração total do ambiente somente aos seus seguidores.

Cabe, todavia, esclarecer que esses indivíduos integrantes deste grupo de usuários de drogas na região<sup>156</sup> onde residem são pessoas discriminadas de certo modo por aqueles moradores mais antigos que não utilizam drogas, os quais já têm toda uma estrutura social estabelecida pelo costume reiterado ao longo de muitos e muitos anos. No capítulo IV se abordará essa situação de discriminação, tendo em vista que em seus depoimentos reconhecem essa particularidade.

Considerando essa reprovação, essa discriminação, dos integrantes desse grupo de usuários de drogas pelos moradores antigos da região onde residem, tem-se esses indivíduos, segundo Norbert Elias<sup>157</sup>, como sendo os *outsiders*. Segundo Norbert Elias, os *outsiders* seriam todas aquelas pessoas que não são aceitas por um determinado grupo estabelecido numa determinada região, justamente por não partilharem as mesmas regras e pensamentos, e também por colocar em risco a própria estrutura organizada ao longo de vários anos ou mesmo gerações. Os grupos tendem a criar os seus costumes pelas práticas aceitas e reiteradas ao longo dos anos, de modo que os mantêm coesos e que, de certa forma, os deixam com uma sensação de segurança entre si, em face justamente do respeito a esse costume.

Por outro lado, esses indivíduos que reprovam os hábitos dos *outsiders*, que são contrários às suas atitudes, são denominados por Norbert Elias como sendo “os estabelecidos” e, para tanto, o conceituado autor esclarece as condições para o indivíduo participar deste grupo:

A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é, por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Esse preço tem que ser individualmente pago por cada um de seus membros, através da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos.<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> A Vila Vilela, é uma região já bastante antiga, da mesma forma que muitos dos seus moradores.

<sup>157</sup> ELIAS, N.; SCOTSON, N. J. L. **Os estabelecidos e os outsiders** – sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>158</sup> Ibid., p. 26.

Sendo assim, a condição de estabelecido exige que o seu integrante esteja submetido a um conjunto de normas, tanto àquelas decorrentes dos costumes reiterados pela própria comunidade quanto também por aquelas decorrentes da sociedade como um todo. Há que se ressaltar que os integrantes desse grupo, denominado “os estabelecidos”, ficam compelidos a rejeitar tudo o que vivenciam “como uma ameaça a sua superioridade de poder [...] e a sua superioridade humana, a seu carisma coletivo, através de um contra-ataque, de uma rejeição e humilhação contínuas do outro grupo.”<sup>159</sup>

Com efeito,

pode-se ver com mais clareza, por exemplo, o papel desempenhado nas relações estabelecidos-*outsiders* pelas diferenças entre as normas e, em especial, entre os padrões de autocontrole. O grupo estabelecido tende a vivenciar essas diferenças como um fator de irritação, em parte porque seu cumprimento das normas está ligado a seu amor-próprio, às crenças carismáticas de seu grupo, e em parte porque a não observância dessas normas por terceiros pode enfraquecer sua própria defesa contra o desejo de romper as normas prescritas.<sup>160</sup>

A relação “estabelecidos-*outsiders*”<sup>161</sup> na Vila Vilela não chega às beiras de um extremo da intolerância, mas, conforme já se afirmou acima, esses usuários são discriminados com bastante frequência, justamente porque suas atitudes incomodam os moradores mais antigos, e de certa forma também os mais novos. Há a sensação de preocupação com os estabelecidos pela ameaça constante de que esse comportamento dos *outsiders* acabe influenciando cada vez mais os adolescentes da região. E anexa a essa situação sempre vai existir a possibilidade do aumento da delinquência e, por sua vez, o aumento constante dos problemas sociais.

Outro detalhe que merece ser trabalhado ainda em relação “estabelecidos-*outsiders*” na Vila Vilela reside na questão da balança do poder. Ou seja, nas mãos de quem repousa o poder, entendendo-se no sentido do controle da

<sup>159</sup> ELIAS, N.; SCOTSON, N. J. L. **Os estabelecidos e os *outsiders*** – sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 45.

<sup>160</sup> *Ibid.*, p. 49

<sup>161</sup> Designa-se aqui como estabelecidos os moradores antigos e os demais que seguem aqueles costumes que mantêm a regularidade e a uniformidade na organização social da vila; já os *outsiders* seriam os integrantes do grupo estudado, os quais têm um comportamento considerado anormal.

organização social. Para uma melhor compreensão, pode-se citar como exemplo a situação dos controles dos morros cariocas por conta dos grupos de traficantes, o que se configura na balança do poder que as regras são impostas pelos traficantes. Neste aspecto, na região da Vila Vilela essa situação não aconteceu e não há sinais de que isso venha a acontecer. O controle social está mantido por conta dos costumes reiterados pelos estabelecidos.

Os estabelecidos entendem que as regras, os seus costumes, consagrados por longos anos, de geração para geração, não podem ser abalados, muito menos descartados, posto que daí que subsiste a sua hegemonia. No capítulo IV fica evidente a preocupação dos estabelecidos com a violência que vem aumentando por causa do aumento do uso de drogas, e que isso inclusive já vem alterando certos costumes antigos.

A resistência a esses comportamentos, ditos anormais, que na Vila Vilela se traduz na discriminação, aplicada pelos estabelecidos em relação aos *outsiders* é que solidifica sua estrutura e o seu poder.

## 2.5 A IDENTIDADE DE GRUPO E/OU COLETIVA ASSUMIDA

Neste capítulo, num primeiro instante teve-se a intenção de apresentar as distinções entre indivíduo, grupo e sociedade, tendo em vista ser relevante para o prosseguimento do assunto. Num segundo momento desvelar o motivo pelos quais os grupos se fundem também foi necessário: o objetivo precípua de satisfação. Na seqüência, a abordagem sobre a constituição de grupos de adolescentes foi para demonstrar essencialmente que eles naturalmente se desvinculam da família: é a arte de reagrupar-se. Num quarto momento demonstrou-se que o seu desenvolvimento reside na rede de interdependência. E por último a reflexão a respeito das questões sociológicas relativas à formação dos grupos sociais.

Após essa breve recapitulação, e amparados nas contribuições de Zygmunt Bauman, Manuel Castells e Stuart Hall, já vistos no segundo capítulo, e, para abordar com certa cautela o tema identidade de grupo e/ou coletiva, revela-se imperioso apresentar o entendimento sobre o conceito de identidade individual. Com

apoio nos conceitos desenvolvidos pelos autores mencionados, pôde-se chegar a uma conclusão no segundo capítulo que a identidade do indivíduo em momento algum será transmitida como um legado, mas que a mesma será sempre criada em função do meio cultural em que convive e, ainda, de maneira flexível.

Norbert Elias<sup>162</sup> abordando sobre os “indivíduos” e a respeito das “pessoas reunidas em grupo” [mudanças na Balança Nós-Eu], com muita propriedade, afirma que os conceitos além de serem diferentes são antítese. Pode-se neste primeiro contato chegar à seguinte conclusão: o indivíduo em sua individualidade tem uma identidade, tem um comportamento; é o que foi visto anteriormente, o que Norbert Elias denomina como psicogênese. Já quando em grupo assume outra contrária, ou seja, submete-se à intenção do grupo, ou seja, assume o comportamento como seu membro, é a sociogênese, também esclarecido anteriormente. Por este viés de Norbert Elias fica clara a conotação de que o indivíduo mantém a sua identidade originariamente criada e escolhida entre múltiplas possibilidades enquanto está alheio ao grupo; a partir do momento que está integrado ao grupo, o indivíduo desprende-se dessa identidade anteriormente escolhida e, portanto, assume aquela criada e mantida como objetivo comum do grupo.

Norbert Elias<sup>163</sup> confirmando o abordado anteriormente esclarece: “no que tange a sua identidade grupal e, num sentido mais amplo, a seu *habitus* social, as pessoas não têm liberdade de escolha. Essas coisas não podem ser simplesmente trocadas, como roupas”. Não podemos esquecer dessa colocação de Norbert Elias, o indivíduo, para ser aceito num determinado grupo, submete-se às suas regras, aos seus costumes e aos seus hábitos. Todo grupo tem a sua formação pautada em algo comum, em algum objetivo comum. Objetivos diferentes entre vários indivíduos num determinado grupo não daria coesão para o mesmo, o que resultaria na sua dissolução.

Da mesma forma que na identidade individual, o indivíduo sempre vai encontrar algo, ou melhor, ele vai criar essa nova identidade buscando num determinado grupo alguma satisfação, que é o centro de coesão do mesmo.

---

<sup>162</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.129.

<sup>163</sup> *Ibid.*, p.183.

E, nessa linha de pensamento, as contribuições de Manuel Castells são de extrema importância ao entendimento da identidade de grupo, ou identidade coletiva, conforme ele denomina. Para ele,

quem constrói a identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem.<sup>164</sup>

Manuel Castells em seu conceito traz harmonia com o entendimento de Norbert Elias, uma vez que ele atribui a identificação, ou não, do indivíduo com o objeto principal do grupo. A identidade coletiva e/ou de grupo somente será construída, somente existirá, à medida que existam adeptos a essa cultura, pois, caso contrário, não existindo adeptos, ocorrerá a falência do grupo.

Volvendo-se para o grupo em estudo, o seu real objetivo está pautado no consumo de drogas. O indivíduo que tem por escopo a satisfação de seu vício obviamente irá procurar o grupo, pois se identifica com o seu objetivo principal e, portanto, assume essa identidade de grupo e/ou coletiva.

Por outro lado, o indivíduo que não tem interesse em consumir drogas procurará não se aproximar desse grupo e, agindo desta forma, estará ele mantendo a sua identidade originária e individualizada. Registre-se uma ressalva no presente caso, pois o indivíduo que não seja adepto ao hábito do grupo em debate evidentemente que também terá contato com os seus integrantes, ou até mesmo permanecer por algum determinado tempo entre eles, e nem por isso estará assumindo essa identidade grupal.

A identidade de grupo somente se caracterizará quando esse indivíduo agir como tal, praticando a cultura vivenciada por seus integrantes. Nesta condição, quando o usuário busca o grupo para o uso de drogas e permanecendo com ele, compartilhando esse objetivo, está esse indivíduo deixando de lado aquela identidade originária e assumindo, portanto, a identidade de grupo e/ou coletiva.

Em suma, a identidade grupal - conforme denominou Norbert Elias - é o indivíduo se identificar e agir em conformidade com o objetivo cultuado por um

---

<sup>164</sup> CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klaus Brandni Gerhardt. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. II, 2006, p. 23.

determinado grupo, em busca de uma satisfação, que é o que ocorre com os indivíduos objetos do presente estudo: as drogas assumem o papel principal na manutenção deste grupo.

Concluídos os estudos a respeito da identidade de grupo e/ou coletiva, entende-se ser necessária fazer um conhecimento a respeito de todo o conjunto de elementos que envolvem os indivíduos sujeitos deste trabalho e que possibilitará uma melhor compreensão do fenômeno social estudado. No próximo capítulo, far-se-á a descrição sobre o cenário, os atores que representam objeto deste estudo.

### 3. CAPÍTULO III - A DESCRIÇÃO REALIZADA

#### 3.1. UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA

As contribuições de Norbert Elias, abordadas no último capítulo, permitiram uma visão sociológica a respeito de indivíduo e sociedade, bem como sobre a psicogênese e a sociogênese dos indivíduos. Além disto, contribuiu para o entendimento da forma de agir desses indivíduos sujeitos desta pesquisa. E essas questões, muitas vezes, têm relação com os ambientes em que esses sujeitos convivem, por isso torna-se fundamental sua descrição.

Conforme constou logo no início, no item destinado à metodologia, procurou-se inspiração no modelo etnográfico (“descrição densa”) proposto por Clifford Geertz<sup>165</sup> como um dos recursos a ser empregado para o desenvolvimento deste trabalho, por isso apresentar com riqueza de detalhes os pontos mais importantes que têm ligação com o grupo estudado facilitará a compreensão deste fenômeno social.

A missão de compreender os fenômenos culturais se revela altamente complexa, como a própria sociedade o é conforme vimos anteriormente, segundo Norbert Elias. De qualquer sorte, como lembra Clifford Geertz<sup>166</sup> “uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar”.

Importante deixar registrada a observação de Clifford Geertz<sup>167</sup>

A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea.

---

<sup>165</sup> GEERTZ, C. **A interpretação das** culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

<sup>166</sup> Ibid., p. 28.

<sup>167</sup> Ibid., p. 30.

Assim, a análise antropológica é conjunto de erros e acertos na qual deve-se ter uma sensibilidade mais apurada, para que se possa ter condições de detectar as verdadeiras respostas e os verdadeiros significados, para então se chegar aos resultados inicialmente propostos, ou não. Jamais se conseguirá descobrir na totalidade os significados das culturas dos indivíduos e nesse constante jogo de novas descobertas, nesse vai-e-vem de novas informações, a ciência evolui.

No presente estudo de caso, busca-se, portanto, no decorrer do presente capítulo, e também nos demais, descrever mais detalhadamente não só o palco, mas principalmente o cenário e os seus atores, a fim de que o leitor possa reproduzir em seu imaginário toda essa situação fática.

Com o objetivo de auxiliar na compreensão deste trabalho, revela-se oportuno apresentar um estudo de Gilberto Velho<sup>168</sup> realizado com usuários de drogas na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se da sua tese de doutoramento defendida no ano de 1975, e que foi publicada no ano de 1998, na qual apresentou um estudo etnográfico rico em detalhes.

Em sua pesquisa realizada entre meados de 1972 a meados de 1974, Gilberto Velho observou dois grupos considerados pertencentes às camadas médias da sociedade carioca (Zona Sul do Rio de Janeiro/RJ). Neste trabalho, Velho visou principalmente mapear a forma de estilo de vida desses dois grupos e as suas representações em relação ao mundo. E ainda demonstrou em determinadas situações que o tóxico acaba estabelecendo hierarquias e demarcando limites entre seus usuários.

O primeiro grupo foi considerado por Velho como sendo os vanguardistas-aristocratas, por causa dos seus estilos de vidas pautados na ostentação, tais como freqüentes viagens à Europa e festas regadas com muito uísque escocês e muita droga. Velho denominou este grupo como sendo a “roda intelectual artístico-boêmia” (profissionais liberais, artistas etc.). No segundo grupo os integrantes eram jovens surfistas que tinham como ponto de referência uma lanchonete localizada no bairro de Ipanema, onde não só obtinham como também fumavam maconha; esses jovens já eram mais despojados quanto ao consumismo,

---

<sup>168</sup> VELHO, G. **Nobres & anjos** - um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

apesar de pertencerem à mesma classe social, pois não tinham interesse pelo estudo e muito menos para o trabalho, apenas para o surfe.

Para estudar o primeiro grupo, os mais maduros, com idade média entre 25 a 35 anos de idade, Velho não teve dificuldades, justamente porque estava dentre a mesma faixa etária e mantinha relações de amizade com muitos deles, o que não gerava desconfianças.

Já em relação ao segundo grupo, Velho teve muitas dificuldades para estudá-los, justamente por causa da considerável diferença de faixa etária em relação aos seus integrantes, idade média entre 15 a 25 anos de idade. Essa atividade de observação centrou-se muito no interior de uma lanchonete, conforme já mencionado, o que obrigava o pesquisador a consumir grandes quantidades de refeições que não eram muito apreciadas em sua dieta, tais como sanduíches e *milk-shakes*. Assim confessou o autor, “o grupo tinha como ponto de reunião a lanchonete citada, optei por me tornar um freqüentador assíduo, consumindo vorazmente sanduíches e *milk-shakes*”, pondo em risco uma esbeltez conseguida com sacrifício.”<sup>169</sup>

Este estudo de Gilberto Velho apresentou-se como sendo muito oportuno para este trabalho, tanto que em alguns momentos neste capítulo serão feitas algumas co-relações com este grupo estudado, em virtude de similitudes de comportamentos.

Efetuada as considerações sobre o importante trabalho de Gilberto Velho, prossegue-se com este estudo apresentando-se, portanto, a descrição realizada.

### 3.2 O PALCO: DOS ANOS DE 1970 ATÉ 2007

A cidade de Ponta Grossa<sup>170</sup>, “tem sua história intrinsecamente ligada ao tropeirismo, atividade determinante para a ocupação e o desenvolvimento regional.”<sup>171</sup>

---

<sup>169</sup> Ibid., p.186.

<sup>170</sup> Ponta Grossa está localizada no sudoeste do interior do Estado do Paraná, região sul do Brasil. Está localizada na região dos Campos Gerais, “[...] uma estreita e alongada faixa de terras no

A partir do início da década de 1970 começaram a se instalar grandes indústrias na cidade, em razão da criação do projeto desenvolvido pela administração municipal, instalado no ano de 1969, então denominado Plano de Desenvolvimento Industrial - PLA DEI, o qual deu um grande impulso no desenvolvimento econômico.

Com o intuito de solidificar suas metas: “o governo municipal criou (com recursos próprios), Fundo de Desenvolvimento Industrial, a partir do qual viabilizou a cessão de terrenos e empréstimos, a isenção fiscal e a terraplanagem onde as indústrias se implantariam.”<sup>172</sup> No ano de 1971, o governo municipal adquiriu uma grande área de terra que pertencia à Rede Ferroviária Federal com o intuito de se criar o Distrito Industrial; referida área estava localizada às margens da Rodovia BR 376, no sentido para Curitiba.<sup>173</sup>

Ao final da década de 1980, o município de Ponta Grossa apresentava “um grande desenvolvimento, tanto no perímetro urbano, quanto rural, contando com um favorável equilíbrio econômico, incentivo à industrialização e ampliação no mercado agropecuário.”<sup>174</sup>

Do início da década de 1970 para cá, o município teve um grande crescimento demográfico. No ano de 1975, o município contava com uma população aproximada de 170.000 habitantes<sup>175</sup>. Ao final da década de 1980 contava com uma população com pouco mais de 220.000 habitantes<sup>176</sup>. No ano de 1994 contava com uma população superior a 285.000 habitantes<sup>177</sup>. E em 01/07/2006, segundo os

---

segundo planalto paranaense, formada de campos e entremeada de pequenos bosques de matas, que se estende de Jaguariaíva até a margem direita do rio Negro, passando pela Lapa” (WACHONOWICZ, 1995, p. 75). Esta faixa imaginária a que se refere o autor citado basicamente corta toda a região leste do Estado do Paraná, do sul até o norte pioneiro. Foi no final do século XIX, com a chegada da ferrovia, que Ponta Grossa deixou de ser uma cidade campeira e deu um grande salto para o progresso, o qual contribuiu para um grande avanço social. Com isto, a cidade passou a ter contatos com os grandes centros do país, seja na esfera política quanto cultural, ocasião então que passou a modificar os seus padrões iniciais de cunho especificamente campeiro e a ter o seu pleno desenvolvimento na modernização urbana, a qual veio efetivamente a se concretizar na primeira metade do século XX (CHAVES e *tal*, 2001, p. 10).

<sup>171</sup> CHAVES, N. B. (ORG.) **Visões de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: UEPG, 2001, p.15.

<sup>172</sup> *Ibid.*, p. 91

<sup>173</sup> *Ibidem*.

<sup>174</sup> ALMEIDA, P. W. de. **Paraná político**. 3. ed. Curitiba: Folha Econômica, 1989, p. 114.

<sup>175</sup> HOLZMANN, G. V. F.; SOARES, O. **História de Ponta Grossa**. Curitiba: Requião Ed., 197, p. 47.

<sup>176</sup> ALMEIDA, P. W. **Paraná político**. 3. ed. Curitiba: Folha Econômica, 1989, p. 115.

<sup>177</sup> VON AGNER, T. **Ponta Grossa**. Dossiê elaborado pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (coordenado por Augusto César Alves Agner), volume depositado na biblioteca da UEPG, 1996, p. 26.

últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>178</sup>, Ponta Grossa estava com uma população estimada em 304.973 habitantes. O município de Ponta Grossa, em pouco mais de 30 anos, teve a sua população quase que duplicada.

O município de Ponta Grossa se destaca ainda na área da Indústria e Comércio em relação ao seu grande entroncamento rodo-ferroviário, considerado o maior de todo o sul do país<sup>179</sup>.

Thompson Von Agner<sup>180</sup>, em relação às rodovias, esclarece,

Ponta Grossa é o principal entroncamento rodo-ferroviário do Sul do país, destacando-se pela facilidade de acesso a todas as regiões do Estado. Pode-se salientar como principais as seguintes: **a) Rodovia BR 376** – Rodovia do Café – Artéria vital do Estado, é o elo de ligação do Porto de Paranaguá ao Norte e Noroeste paranaense, assim como ligando o Estado com São Paulo e Mato Grosso. **b) Rodovia BR 376/277** – Trecho Ponta Grossa – Curitiba Paranaguá, em pista dupla, é a ligação do município com o Porto de Paranaguá. **c) Rodovia BR 277** – Proporciona acesso às regiões Oeste e Sudoeste do Paraná. É a porta aberta ao Paraguai e à Argentina. **d) Rodovia PR 151** – Permite ligação com o Estado de São Paulo e ao Planalto Central, através do acesso à região Nordeste do Estado. Faz ligação Ponta Grossa – Itararé. **e) Transbrasiliana** – Rodovia de ligação Norte-Centro-Sul do Brasil, passando próxima a Ponta Grossa e constituindo-se, no futuro, em uma das mais importantes vias de escoamento da produção. (sem grifos no original)

Nota-se nessas breves explicações de Thompson Von Agner que o município de Ponta Grossa é absolutamente privilegiado no que diz respeito às facilidades de acesso às mais variadas regiões, e vice-versa.

No que tange às ferrovias, segundo Thompson Von Agner<sup>181</sup>, “Ponta Grossa é um dos mais importantes entroncamentos ferroviários do Sul do Brasil, passando pelo Município toda a produção agrícola destinada ao Porto de Paranaguá, para exportação”. Com esta condição, de deter uma malha ferroviária muito importante, aliada à malha rodoviária, forma-se o maior entroncamento rodo-ferroviário.

<sup>178</sup> Microrregião de Ponta Grossa (2006). Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 29 dez. 2007.

<sup>179</sup> ALMEIDA, P. W. **Paraná político**. 3. ed. Curitiba: Folha Econômica, 1989, p. 114.

<sup>180</sup> **Ponta Grossa**. Dossiê elaborado pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (coordenado por Augusto César Alves Agner), volume depositado na biblioteca da UEPG, 1996, p. 17.

<sup>181</sup> VON AGNER, T. Op. cit., p. 18.

Com efeito, o grande desenvolvimento do município a partir da década de 1970 se deve a esse conjunto de fatores, quais sejam, a implantação do plano de desenvolvimento industrial e ao privilegiado entroncamento rodo-ferroviário.

Portanto, se a cidade de Ponta Grossa progrediu ao longo desses anos todos, vale lembrar uma outra face deste progresso, as drogas, as quais também chegaram de forma mais intensa e rápida, em virtude do transporte desenvolvido, o qual possibilita o alto fluxo - o vai-e-vem.

### 3.3 O CENÁRIO: VILA VILELA, APENAS MAIS UMA ENTRE AS DEMAIS.

A Vila Vilela vem a ser uma das onze vilas que compõem o bairro denominado Jardim Carvalho, bairro este que está situado ao nordeste do município de Ponta Grossa. Inicialmente, antes do loteamento, as terras, até então uma chácara, pertenciam ao Sr. José Pedro da Silva Carvalho, mais conhecido como “Juca Pedro”, cidadão que favoreceu o desenvolvimento do processo de urbanização daquela localidade, motivo pelo qual o bairro traz até os dias atuais esta denominação<sup>182</sup>.

Apesar de onze vilas constituírem o bairro Jardim Carvalho, foi a Vila Vilela a pioneira no processo de urbanização, pois no ano de 1921 ocorreu a aprovação do loteamento correspondente. Nessa época, as terras então pertenciam à Sr.<sup>a</sup> Balbina Guimarães Vilela. Importante ressaltar que somente após decorridos trinta anos que foi efetuado o segundo loteamento no bairro Jardim Carvalho, quando então surgiu a Vila Esmeralda, sendo que a partir de então foram surgindo as demais vilas<sup>183</sup>.

A Vila Vilela, lugar onde ocorre o fenômeno social objeto do presente estudo, está margeada em toda a sua extensão pelo arroio Pilão de Pedra. Referida região é privilegiada pela sua localização, a qual está muito próxima da região central.

---

<sup>182</sup> FERREIRA, E.A. B. **As áreas urbanas** – Bairro Jardim Carvalho – Ponta Grossa – Paraná. 1999, 40 f. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, p. 9.

<sup>183</sup> Ibid., p. 9.



FIGURA 1 – Arroio Pilão de Pedra e, à direita, fundos de um barraco.

Nos altos do Jardim Carvalho, região nobre como é conhecida, encontra-se a classe alta e rica; na região mais baixa, à medida que se aproxima do arroio Pilão de Pedra, a pobreza aumenta cada vez mais, sendo que ao longo de toda a sua margem há constante presença de pequenos focos de favela.



FIGURA 2 – Pontilhão sobre o arroio Pilão de Pedra e, aos altos, pequeno foco de favela<sup>184</sup>.

Assim como em outros grandes centros, é principalmente na favela que o comércio de drogas tem mais intensidade<sup>185</sup>, bem como onde se concentra a maior facilidade para o uso. Não sendo exceção, é nesta região onde está localizada a favela, ou próximo dela, que se concentram e/ou residem a grande maioria dos

<sup>184</sup> Por medida de segurança, algumas fotografias foram tiradas guardando-se uma relativa distância.

<sup>185</sup> FREITAS, L. A. P. de. **Adolescência, família e drogas** – a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 54.

usuários de drogas pertencentes a este grupo e todos os sujeitos do presente estudo.

Como se propôs acima a efetuar uma descrição, não se pode ficar adstrito apenas a esta análise superficial do cenário, deve-se, portanto, esmiuçar com riqueza de detalhes o referido local para que possamos ter uma melhor compreensão, se não for na sua totalidade mas algo próximo disso.

Antes de se adentrar na descrição mencionada, cumpre esclarecer que, além daquilo que será descrito abaixo, na região da Vila Vilela existe também: posto de saúde, cemitério, associação de moradores, creche, serraria, bem como outras entidades.

### 3.3.1 O Colégio Meneleu

O Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres, atualmente ensino de primeiro e de segundo graus, conforme informações obtidas com o funcionário da sua secretaria, foi construído e inaugurado na década de 1950 na gestão do então Governador Abelardo Lupion. Está localizado defronte à Rua Graciliano Ramos e fica logo no início da vila. Sua edificação está exatamente na região mais baixa e próxima da população considerada mais pobre, embora já exista uma mescla de classes sociais.

Segundo ainda informações prestadas pelo mesmo funcionário, o Colégio Meneleu, como é conhecido popularmente, atualmente conta com cerca de 700 alunos, sendo que já chegou a contar com mais de 1.100 na década de 1990.

Desde o final da década de 1970, com a implantação de cursos técnicos, transferidos da área central, há aulas no período noturno. A partir de então, a movimentação noturna naquela área passou a ser bastante intensa com a vinda de alunos das mais variadas faixas etárias, mesclando homens e mulheres.

Na época da introdução dos cursos técnicos no período noturno era possível constatar alguns alunos fazendo uso de maconha nas suas imediações no interior de seus carros, bem como freqüentando bares à sua volta, situação esta que já se tornou bastante incomum nos dias atuais.

Os alunos do colégio no período noturno, em sua maioria, são de outras regiões da cidade e até mesmo de outras cidades vizinhas, tal como Carambeí. São indivíduos mais velhos, que trabalham durante o dia, e que vêm em busca de aperfeiçoamento.

Os alunos do período diurno, na sua maioria, são da própria vila e daquelas próximas. Esses alunos, quase que na sua totalidade, têm uma renda familiar que não ultrapassa a casa de dois salários mínimos mensais, conforme informações obtidas junto à secretaria do colégio.

Pode-se definir essa instituição de ensino, resumidamente, como sendo uma escola estadual que tem como clientela alunos advindos principalmente de famílias mais humildes.



FIGURA 3 – Vista frontal do Colégio.

### 3.3.2 Os bares

Na região da Vila Vilela, para o lado de baixo da Rua Monte Alverne, principalmente, ou muito próxima dela, existem muitos bares, locais onde normalmente as pessoas moradoras da região, das mais variadas idades, e também os integrantes do grupo, buscam com o intuito de entretenimento.

Embora exista uma grande quantidade de bares, há que se dar destaque para os próximos do colégio, os quais são freqüentados pelos integrantes

do grupo, sendo que em um deles passam a maior parte do tempo. Este local é basicamente a referência para os encontros; ressalte-se que neste caso há uma semelhança com o segundo grupo – os surfistas - estudado por Gilberto Velho<sup>186</sup>, o qual tinha como ponto de encontro uma lanchonete.

Esse primeiro local, que pode ser considerado como referência para os encontros dos integrantes do grupo estudado, é um pequeno bar, com o aspecto de um trailer fixado ao solo medindo algo em torno de 20m<sup>2</sup>, não mais do que isso, contendo um balcão refrigerado e mais duas mesas metálicas com três cadeiras, onde somente são comercializadas bebidas e alguns petiscos (sanduíches e salgados). O seu proprietário está com o comércio há aproximadamente cinco anos, muito embora resida junto ao bar há cerca de quinze anos. O seu horário de funcionamento tem início logo após o meio do dia e fechamento próximo das 23h, sendo comum nas sextas-feiras e sábados ir até as primeiras horas da madrugada.

Há que se registrar que, embora haja grande concentração de integrantes do grupo neste local, não há a utilização de drogas no seu interior, muito menos na frente do estabelecimento. Existem os locais estratégicos para o consumo, conforme se verá no subitem seguinte.

O proprietário desse estabelecimento não pode ser considerado um estabelecido, mas sim um *outsider*, justamente porque a grande maioria de sua clientela é composta por pessoas mais jovens e pelos integrantes do grupo estudado e, em razão disso, os vizinhos próximos mais antigos reprovam essa situação.

No segundo estabelecimento, além do bar funciona concomitantemente uma mercearia, onde se encontram todos os produtos de primeira necessidade. Trata-se de um estabelecimento de porte grande, com uma área em torno de 200m<sup>2</sup>. Seu horário de funcionamento é das 7h às 21h, sendo que na parte destinada ao bar há um amplo salão com aproximadamente 130m<sup>2</sup>, com uma mesa de sinuca, um aparelho de televisão de 29´´, o que permite aos seus freqüentadores ouvirem música gerada por aparelho DVD, e também mais três mesas com quatro cadeiras cada.

Apenas alguns dos integrantes do grupo freqüentam esse estabelecimento, e ainda assim com pouca intensidade; outros se limitam a ficar conversando à sua frente, isso ainda de forma rápida, assim como também muitos

---

<sup>186</sup> VELHO, G. **Nobres & anjos** - um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.134.

sequer têm esses hábitos. Para isso há uma justificativa, este local é muito freqüentado por um grupo de pessoas que não são usuários, a maior parte casada e com idade superior a 35 anos. Essas pessoas são trabalhadores autônomos e funcionários de empresas sólidas, todos com bons salários. Há certa recriminação por parte desses indivíduos em relação àqueles integrantes do grupo de usuários que ali freqüentam, tornando o ambiente mais elitizado. Nesta situação, esses indivíduos que trabalham e que freqüentam este bar ficam nitidamente numa condição de estabelecidos e os poucos integrantes do grupo de usuários ficam na condição de *outsiders*.

O proprietário deste estabelecimento pode ser considerado um estabelecido na região, seja por causa do seu tempo de residência, mais de vinte anos, seja pelo sistema de fechamento do estabelecimento, sempre às 21h, e ainda por não permitir que se façam alguns tipos de exageros, tais como uso de instrumentos musicais ou carro com som ligado em volume excessivo, etc.

O terceiro estabelecimento também é uma mescla de mercearia e bar, porém freqüentado mais por uma classe de pessoas mais velhas, com idade superior a 50 anos, a maioria aposentados, os antigos estabelecidos da vila. É um estabelecimento pequeno com uma área de aproximadamente 40m<sup>2</sup>. Seu horário de funcionamento é também das 7h às 21h. Alguns integrantes do grupo estudado freqüentam esse local, até mesmo por causa da proximidade com o bar que é a referência para os encontros, a aproximadamente 30 metros. Os poucos que freqüentam não costumam ficar muito tempo no local, justamente por causa da reprovação por parte de alguns dos indivíduos freqüentadores mais assíduos, motivo este que os colocam numa condição de *outsiders*.

Ante a condição de morador antigo, há mais de 20 anos na região, pela forma de agir e em virtude do próprio ambiente que criou, está o seu proprietário numa condição de estabelecido.



FIGURA 4 – À esquerda o primeiro estabelecimento e à direita o terceiro. Também nota-se o muro e parte do Colégio Meneleu, no canto superior direito.



FIGURA 5 – O barranco mais à direita e ao centro o segundo estabelecimento.

### 3.3.3 Dois locais estratégicos para utilização de drogas

Conforme foi dito no subitem anterior, os integrantes do grupo estudado não utilizam drogas no interior do bar que é tido como referência ou mesmo em sua frente; o mesmo acontece em relação aos outros dois bares. Isso acontece por serem uma “categoria oprimida”<sup>187</sup>, face à ilicitude do referido ato; em

---

<sup>187</sup> VELHO, G. *Ibid.*, p. 204.

razão disso, não podem externar plenamente os seus estilos de vidas, necessitam ocultá-los muitas vezes.

Considerando isto, esses indivíduos com o uso repetitivo criaram pontos de consumo, sendo os mais utilizados o “barranco” situado entre os bares e a “escadaria” defronte ao colégio.

O primeiro local, a escadaria, fica em frente ao colégio, junto ao muro e sob as sombras de duas pequenas árvores. Essa escadaria está praticamente inutilizada em virtude de a rua não ter saída, face ao grande desnível, e porque foi construída outra, ao centro da antiga rua, a qual é utilizada pela população.

O segundo local, o barranco, fica a uma distância aproximada de cem metros desses três bares mencionados anteriormente. Ou seja, fica ele num ponto mais alto, nas confluências de quatro ruas. Desse barranco tem-se a possibilidade de visualizar os três bares freqüentados por eles, principalmente aquele que é a referência para os encontros. Esse local vem a ser um dos pontos preferidos desses indivíduos para se fumar maconha, seja a qualquer horário do dia, pois dali fica facilmente perceptível a chegada da autoridade policial.



FIGURA 6 – A escadaria.



FIGURA 7 – O barranco.



FIGURA 8 – Vista do barranco de onde se vê aos fundos o primeiro e o terceiro estabelecimento.

### 3.3.4 A praça

Em frente à igreja de Santo Antônio está situada a Praça Bispo Dom Antônio Mazarotto, a qual ocupa toda a área de uma quadra urbana, sendo ela bastante arborizada, com algumas balanças, gangorras, uma quadra de vôlei de areia e outra quadra de futebol bastante utilizada pela população.

Trata-se de um local bastante freqüentado por jovens, pela população vizinha com o intuito de se fazer caminhada, mas é principalmente à noite que se nota a sua utilização por usuários de drogas. A existência de muitas árvores na praça acaba se tornando um esconderijo e facilitando a prática do uso. Em virtude disso, o risco de assalto se torna altamente acentuado nesse local no período noturno.



FIGURA 9 – A praça.

### 3.3.5 A pensão

Aos fundos do colégio existe uma antiga pensão. Sua proprietária é uma senhora sexagenária, casada, que, além do gerenciamento da mesma, ainda serve refeições não só para os seus pensionistas como também para alguns moradores próximos. Existem pouco mais de dez pequenos quartos, alguns em alvenaria e outros em madeira, com banheiros coletivos, localizados na parte inferior da residência principal que fica no mesmo nível da rua. No piso principal, no mesmo nível da rua, reside a proprietária da pensão juntamente com sua família.

Os pensionistas são pessoas de ambos os sexos, porém a maioria do sexo masculino, com idades variando entre 35 a 65 anos. São pessoas, em regra, que já perderam o contato com seus familiares ou por opção resolveram viver só.

É nesta pensão que três (Abel, Bernardo e Carla), dos sete sujeitos objetos desta pesquisa, moram e, talvez, os que estejam num estágio considerado mais crítico, em virtude do grande uso de drogas.

A condição de serem indivíduos ainda jovens, na faixa entre 35 e 40 anos, morando sozinhos em um quarto de pensão demonstra a condição de desprezo por conta de seus entes queridos.



FIGURA 10 – A pensão (casa amarela) aos fundos do Colégio.

### 3.3.6 A favela

Não sendo diferente de outros locais, como visto acima, é exatamente na favela, que margeia o arroio Pilão de Pedra, que os integrantes do grupo objeto de estudo desta pesquisa conseguem obter as suas drogas e também onde se sentem mais a vontade para o uso.

A favela da vila Vilela inicia-se ao final da Rua Teófilo Otoni margeando referido arroio até chegar às divisas de um recém criado condomínio fechado anexo ao Jardim San Diego e a Vila Nadal, ocorrendo nesta área o seu maior foco de concentração de famílias.



FIGURA 11 – Vista da favela às margens do Arroio Pilão de Pedra.



FIGURA 12 – Vista da favela.



FIGURA 13 – Vista da favela próxima da Rua Evaristo da Veiga.

### 3.4. OS ATORES: INDIVÍDUOS RADICADOS NA MESMA REGIÃO

Nesta pesquisa, os atores são sete indivíduos moradores na Vila Vilela, os quais compõem o mesmo grupo. Este grupo é composto por mais de duas dezenas de indivíduos, todos com idade superior a dezoito anos.

Por medida de cautela, e a pedido deles, no decorrer da presente pesquisa serão utilizados nomes fictícios, com o intuito de preservar a verdadeira identidade desses indivíduos. Assim sendo, denominaremos os referidos sujeitos



mais usa									maconha		
Drogas lícitas que usa	Álcool e tabaco	e	Álcool e tabaco								
Informações adequadas sobre as drogas	Pouca		Não tem								

### 3.5 A ABORDAGEM

Não ocorreram grandes dificuldades para se aproximar desses indivíduos objetos do presente estudo. Muito embora sejam extremamente desconfiados com as pessoas que não fazem parte do seu grupo, do seu meio, contudo, o fato do pesquisador ter convivido na infância com alguns deles, antes de terem o contato com as drogas, o credenciou para que pudesse abordá-los e “invadir” suas privacidades. Vale a pena, mais uma vez, lembrar Gilberto Velho<sup>188</sup> que teve uma experiência muito parecida com o primeiro grupo que estudou em seu trabalho, o qual “era amigo ou conhecido de vários antes da introdução dos tóxicos e porque aceitava o fato de as pessoas consumirem o que quisessem, o que facilitava o relacionamento”, o que já não ocorreu em relação ao segundo que eram pessoas bem mais jovens.

Registre-se aqui a grande compreensão desses usuários no sentido de contribuírem para desenvolvimento do presente trabalho, pois foram devidamente esclarecidos a respeito do que se tratava o estudo. Cientes do que se tratava a pesquisa, além de demonstrarem o arrependimento de estarem nessa vida, seus desejos foram de que, de uma forma ou de outra, possam contribuir para que os jovens não sigam o caminho das drogas.

Ainda que existam alguns laços de amizade do pesquisador com alguns dos integrantes, ainda assim o nervosismo quase sempre esteve presente nos relacionamentos, de ambas as partes.

<sup>188</sup> VELHO, G. Ibid., p. 184.

### 3.6 A SUSCETIBILIDADE NA VILA VILELA

Procurou-se fazer uma descrição sobre os principais pontos da Vila Vilela onde a concentração de usuários de drogas é facilmente perceptível e também onde os riscos tornam-se bastante altos. Na análise desses pontos, destacam-se as proximidades do colégio, o bar (ponto de encontro), a praça e a favela, locais de grande concentração pública onde os usuários de drogas escolhem para passar a maior parte de seus tempos.

As imediações do colégio Meneleu é o local de maior concentração de indivíduos e o principal ponto de referência para os usuários, tanto que o bar e alguns pontos de uso de drogas estão localizados próximos à instituição de ensino.

Esses locais são os pontos mais suscetíveis à aproximação com as drogas na região da Vila Vilela levando-se em consideração o grupo estudado, dando-se maior ênfase à favela, onde a comercialização e o uso são intensos.

### 3.7 A COLETA DE DADOS

A aproximação a esses usuários não foi difícil, conforme já mencionado anteriormente, porém cabe registrar um detalhe muito importante apontado por Gilberto Velho<sup>189</sup>, “a participação do pesquisador em atividades desviantes [...] sempre provoca problemas éticos, morais, para o investigador, além de ameaçar direta ou indiretamente a sua segurança e a do universo investigado”. Tais situações ocorreram por várias vezes com o pesquisador, pois neste trabalho foram necessários vários contatos com os sujeitos nos mais diferentes pontos, o que muitas vezes, com certeza, gerou comentários na região, principalmente por conta dos moradores estabelecidos na região que o conhecem há muitos anos.

A coleta de dados realizada em duas etapas teve algumas dificuldades, principalmente no que diz respeito aos horários das realizações das entrevistas, nem sempre cumpridos. Muitas vezes também os entrevistados não

---

<sup>189</sup> VELHO, G. Ibid., p. 184.

compareceram por esquecimento, em razão de que quando do pré-agendamento estavam às vezes sob efeito de alguma substância tóxica.

Na primeira etapa, no mês de fevereiro do ano de 2007, procurou-se deixar os entrevistados à vontade em relação àquilo que tinham interesse em relatar sobre as suas histórias de vidas, comentando a respeito de suas infâncias, seus relacionamentos com os pais e o envolvimento com as drogas. Ressalte-se que em alguns momentos houve a necessidade de intervenção do pesquisador com a intenção de que não perdessem o raciocínio, pois não sabiam mais sobre o que falar.

A segunda etapa, no mês de outubro de 2007, foi norteadada por um questionário, o qual se encontra em anexo (Anexo 1), o qual foi devidamente autorizado pelos entrevistados a ser utilizado neste trabalho (Anexo 2) . Mesmo com a utilização da entrevista semi-estruturada, percebeu-se que tiveram algum tipo de receio no avanço das declarações. Mesmo com a insistência do pesquisador, não conseguiram avançar em suas respostas.

Nesta segunda entrevista, a qual deu o maior suporte para o desenvolvimento do trabalho, foi necessário selecionar três novos integrantes do grupo, em virtude de alguns incidentes. Essa situação ocorreu devido aos seguintes motivos: um (Geraldo) se encontrava desaparecido há vários meses; o outro, segundo informações dos próprios companheiros, havia deixado o vício e havia obtido emprego, e por conseqüência não fazia mais parte do grupo, o que confirma que o não usuário não permanece entre eles; e o último (Felipe), encontrava-se bastante debilitado, com complicações psicológicas, em virtude do uso do crack. Mesmo com a seleção de três novos sujeitos, ainda assim, devido às relevantes contribuições das suas declarações ao presente trabalho, foram utilizados os depoimentos de Felipe e Geraldo. Portanto, totalizaram-se sete entrevistados que foram utilizados seus depoimentos na presente pesquisa.

A coleta de dados, em determinados momentos, tornou-se um pouco dificultosa também por causa da necessidade de ter que envolvê-la com a atividade profissional do pesquisador, pois nem sempre os sujeitos objetos desta pesquisa aceitavam os horários propostos.

Para a realização das entrevistas e a seleção dos sujeitos, o pesquisador contou com o auxílio de um interlocutor. O interlocutor foi Emanuel, uma pessoa que nasceu na vila e que conhece todos os moradores das imediações.

Também é uma pessoa que tem livre acesso a todos os locais da vila, principalmente na favela, e um bom relacionamento com os demais integrantes do grupo; diga-se, assim, que ele é uma pessoa que, embora não seja um líder, traz consigo certo carisma, fazendo com que os integrantes do grupo estejam sempre ligados a ele.

Nos contatos com Emanuel, normalmente realizados pelas ruas da vila, porém alguns ocorreram nos interiores de alguns bares, principalmente no estabelecimento nº. 2, foram no sentido de esclarecer a ele do que se tratavam as entrevistas e quais os objetivos que se pretendia alcançar por intermédio da realização das mesmas. Numa primeira conversa, foi esclarecido que as entrevistas seriam para contribuir para uma pesquisa social, a qual teria relevância no meio científico ante ao problema que se reveste o fenômeno. Já num segundo contato, após Emanuel ter um contato com alguns integrantes do grupo, questionou-se então a questão do sigilo, o que foi esclarecido pelo pesquisador de que em respeito a essa preocupação seriam utilizados nomes fictícios, com o intuito de se preservar obviamente suas verdadeiras identidades. Posteriormente a isso, Emanuel procurou o pesquisador informando que nessas condições estavam dispostos a contribuir à pesquisa, incluindo ele.

A partir de então surgiram alguns pequenos problemas, quais sejam, compatibilidades de horários. Tentava-se marcar, por intermédio de Emanuel, um determinado horário para as entrevistas que o pesquisador tivesse possibilidade e que não confrontasse com a sua atividade profissional, porém na maioria das vezes não era possível. Desconhecendo-se os motivos da impossibilidade dos sujeitos nos horários pré-estabelecidos, Emanuel apresentava outros horários que eles tinham disponibilidade, o que também não era possível por motivos de compromisso profissional do pesquisador.

Diante desses detalhes, todas as entrevistas foram realizadas no escritório profissional do pesquisador e de forma aleatória, pois quando menos se esperava aparecia Emanuel com algum integrante do grupo para que fosse realizada a entrevista. A partir da ocorrência da primeira entrevista desta forma, o pesquisador passou a deixar o gravador no seu escritório, pois quando menos se esperava tinha alguém disposto a dar um depoimento e colaborar com a pesquisa. Esclareça-se ainda que esses sujeitos foram selecionados por Emanuel depois que o pesquisador detalhou qual era o objeto da pesquisa, considerando principalmente

a condição de quem fosse mais velho no uso de tóxicos e tivesse mais peculiaridades sobre o assunto.

Registre-se também que em algumas oportunidades o pesquisador teve que procurar Emanuel com o intuito de lembrá-lo da realização das entrevistas. Essas oportunidades sempre foram nos sábados e o local para encontrá-lo era sempre no primeiro estabelecimento.

Essas entrevistas foram na maioria das vezes realizadas ao final da tarde, geralmente após às 17h e, por coincidência ou não, nas sextas-feiras. Muito poucas foram realizadas pela manhã e no início da semana, que se deduz a priori que no período matutino procuram dormir, até mesmo porque normalmente se reúnem para o consumo no horário noturno. Importante ainda o registro de que o pesquisador em todas as entrevistas não se sentiu à vontade, a tensão sempre foi marca registrada, isto porque o sempre iminente receio de que certas indagações pudessem até mesmo ofender o entrevistado, o que em nenhuma hipótese ocorreu.

E, por fim, além das entrevistas com os sete sujeitos da presente pesquisa, buscou-se colher depoimentos de pessoas estabelecidas para demonstrar quais as suas representações em relação aos usuários na Vila Vilela – os *outsiders*.

Colocaram-se à disposição dois moradores, um homem e uma mulher, ambos aposentados e com residência fixa naquela região com mais de 40 anos, que demonstraram um hábito mais conservador. São pessoas que contam atualmente com 71 e 73 anos, respectivamente.

#### **4. CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS - DISCUSSÃO**

Neste capítulo busca-se analisar os depoimentos dos sujeitos objetos da presente pesquisa, fazendo uma inter-relação com os estudos realizados, desde a “introdução” até o “capítulo IV”. Com isto, objetiva-se, ao final, ter reunido os elementos necessários para responder a pergunta de partida, e também apresentar outras questões relacionadas ao fenômeno estudado.

Na parte introdutória da presente pesquisa, buscou-se esclarecer que, segundo Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, a década de 1990 foi decisiva para o desenvolvimento do narcotráfico e a sua instalação definitiva nas favelas e nos conjuntos habitacionais de classe baixa. Anteriormente, no capítulo III, foram apresentados vários locais de grande concentração de usuários de drogas na Vila Vilela, mencionou-se que a favela era um dos pontos principais de obtenção e de consumo de drogas. Essa afirmação veio a ser confirmada pelos sujeitos: Bernardo esclareceu que “[a favela] continua sendo o melhor lugar para comprar e consumir drogas”; Carla confirma que “sim, a pobreza traz a necessidade e a venda da droga [na favela] é uma renda fácil”; e Danilo também deixa bem claro essa situação, “sim, [a favela] por ser um lugar carente e a maioria não ter como ganhar dinheiro, as pessoas se entregam ao mundo do crime, das drogas, como sendo o modo de vida”.

Além da confirmação, percebe-se que a favela lá existente vem a ser, dentre vários locais citados, um local que reúne certa preferência pelos usuários e onde possivelmente se concentra o maior consumo.

No capítulo I (“Adolescência: um processo identitário”) entendeu-se que seria importante abordar algumas considerações sobre a fase da adolescência, pois, com base em Flávio Gikovate, esclareceu-se que esta fase se trata de um período de transformação no jovem em busca de uma identidade, e que a camada social em que o adolescente vive é determinante em sua estrutura. Além disso, no subitem “2.3”, também com apoio em Flávio Gikovate, foi mencionado que é na adolescência que muitos jovens passam a aderir ao hábito do consumo de drogas.

Considerando, portanto, a questão de que a camada social em que vive o jovem é determinante em sua estrutura, foi possível colher algumas pistas nessa direção por esses indivíduos em suas entrevistas.

Para tanto foi feita a seguinte pergunta: Qual foi o momento, fase ou período, que você acha que contribuiu, que foi determinante, para o desenvolvimento do vício?

Acho que na adolescência, com a perda de minha mãe [o motivo que contribuiu para o uso]. [...] Comecei a fumar maconha e a cheirar benzina juntos com meus amigos do colégio; gazeava aula, ia pro fliperama, fumava um baseadinho, tomava um negocinho e assim começou a minha vida nas drogas. **(Abel)**

Tive uma infância muito conturbada, pois fui adotado ainda criança. Meu pai adotivo era muito bom, sempre me incentivou. Minha mãe já não ligava muito. Depois que o meu pai morreu, minha mãe vendeu nossa casa e fomos morar na rua. Com 9 anos fugi para São Paulo (SP), onde fui parar na FEBEM<sup>190</sup>, comecei a cheirar 'tiner' e nunca mais parei; hoje cheiro, fumo maconha e crack, só não moro na rua. **(Bernardo)**

Na adolescência tudo começou. Meu pai era muito severo em casa, batia muito em meu irmão mais velho. Eu era a mais nova entre três irmãos. Tudo o que fazia era escondido de todos de casa. Consegui esconder até os 22 anos de idade, quando minha família descobriu que estava com problemas de alcoolismo e cocaína. **(Carla)**

Foi na adolescência que tudo começou, por curiosidade e falta de opinião. **(Danilo)**

Sempre freqüentei ambientes de risco; meu irmão fumava e eu comecei a fumar na adolescência. **(Emanuel)**

Fui criado pela minha tia, porque os meus pais não me toleravam; com quatro anos de idade já tinha problema. Sofri muita agressão dos meus pais, daí fui morar com minha tia. O tempo foi passando, ia pra escola, mas não gostava muito de estudar [...]. Conheci o pessoal da rua e não gostava muito das ações que via das pessoas que usavam drogas, por exemplo, não gostava, odiava, odiava, mas ao mesmo tempo sim que aquilo era uma falta de momento, sabe? O tempo foi passando, passando, e a curiosidade foi me perseguindo; eu fui experimentar e a primeira droga que usei na minha vida foi maconha. **(Felipe)**

Mudei de bairro, cresci, aos 15 anos usei, comecei a experimentar. Tudo por causa de uma brincadeira, para ver qual era a sensação da droga; peguei usei maconha, daí peguei, me mudei pra Vilela, aqui, daí comecei com a droga. **(Geraldo)**

Percebe-se que os ambientes em que esses indivíduos conviveram contribuíram, de alguma forma, para a busca dessa nova identidade. A desestrutura familiar, como visto, o ambiente de risco, bem como outros fatores associados a

<sup>190</sup> FEBEM: Fundação Estadual de Bem Estar ao Menor.

estes, todos contribuíram para a formação da nova identidade. Relembra-se a afirmação de Da Silva e Matos citados por Ilana Pinsky e Marco Antônio Bessa<sup>191</sup>, “a influência dos pais ou seus substitutos parece ser determinante na resistência ou vulnerabilidade da criança”; o ponto de partida, conforme esses autores, pode ser no próprio ambiente familiar, porém entende-se que não devemos adotá-la como uma regra inflexível.

Conforme se extrai dos depoimentos anteriores, as condições em que viviam os sujeitos desta pesquisa na adolescência, seja no ambiente familiar ou mesmo pela cultura vivenciada, tiveram fortes influências nessa escolha. O conceito de identidade adotado no capítulo II parece ter auxiliado na compreensão das situações apresentadas, justamente porque coube a cada um deles dar a forma à sua identidade e que ela foi buscada através de uma livre opção. E, lembrando Stuart Hall, os sujeitos desta pesquisa (indivíduos pós-moderno) acabaram se sujeitando às alternativas apresentadas pelo seu meio (cultura); suas identidades de usuários em momento algum foi transmitida como uma herança, mas sim foi criada em função do meio cultural em que conviveram e de maneira flexível.

Além do ambiente em que estavam ter contribuído para a adesão ao uso de drogas, foi na adolescência que esses indivíduos desenvolveram o vício.

Situação totalmente diferente a esta ocorreu com o primeiro grupo estudado por Gilberto Velho<sup>192</sup>, os vanguardistas-aristocratas, pois, além da maioria dos seus integrantes serem advindos da classe média alta, suas famílias eram relativamente bem estruturadas e não freqüentavam ambientes considerados de risco, conheceram as drogas ilícitas a partir dos 25 anos de idade, após a fase da adolescência. Os sujeitos da presente pesquisa têm semelhança com o segundo grupo estudado por Gilberto Velho, os surfistas, os quais também conheceram as drogas na fase da adolescência.

No capítulo I, fez-se a distinção entre dependência física e psicológica, para então se chegar até a classificação de usuários adotada pela UNESCO, qual seja, o experimentador, o usuário ocasional, o usuário habitual e o usuário dependente. Em relação aos sujeitos desta pesquisa, foi possível constatar que todos são usuários dependentes.

---

<sup>191</sup> DA SILVA, V. A.; MATTOS, H. F. Os jovens são mais vulneráveis às drogas?. In: PINSKY, I; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 37.

<sup>192</sup> VELHO, G. **Nobres & anjos** - um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Para tanto foi feita a seguinte pergunta: Você se considera um dependente? Por quê? Qual a droga que você mais usa no momento?

Sim, pois não consigo me livrar do vício. Hoje uso crack e maconha [...].

**(Abel)**

Sim, não consigo ficar uma semana sem me drogar [...]. **(Bernardo)**

Sim, no máximo fico dois dias sem consumir crack [...]. **(Carla)**

Sim, pois já fiz até tratamento e não consigo me livrar do vício do crack.

**(Danilo)**

Sim, porque eu fumo diariamente. **(Emanuel)**

O problema é o seguinte: o crack. O crack pra mim hoje em dia, eu posso até dizer assim pra você: eu vou parar, mas é difícil; posso falar pra você assim que eu vou diminuir, fumar com exceção no final de semana, sabe como? Só que não é suficiente, hoje eu estou aqui conversando, mas daqui umas três horas já estou internado [entenda-se na casa de alguém fumando] de novo; não sei como nem de que jeito, mas logo aparece, sabe como? **(Felipe)**

Eu agora não posso falar pra você se eu sinto; pra mim eu to necessitado.

**(Geraldo)**

A definição do usuário dependente casa perfeitamente com o perfil dos sujeitos desta pesquisa, pois nenhum deles tem no momento ocupação profissional ou estudantil e, embora não assumindo nas entrevistas essa condição, dedicam a maior parte dos seus tempos para esse fim.

Registrem-se os dados da OMS mencionados no capítulo I sobre quem está mais vulnerável ao uso de drogas. No subitem “2.5” foram lançadas as possibilidades, sendo que de um conjunto de cinco possibilidades foi possível detectar e enquadrar os sujeitos desta pesquisa no último caso, qual seja, “com fácil acesso às drogas”. Notem:

Como respondi anteriormente, as drogas estão em todos os lugares. **(Abel)**

Sim, [...] na rua você tem de tudo o que não presta, é só aproveitar.

**(Bernardo)**

Morei numa favela onde havia muita droga e facilidade [...]. **(Carla)**

Sempre freqüentei ambientes de risco. **(Emanuel)**

Da maneira como esses indivíduos convivem, os deixa em condição permanente de facilidade em ter acesso às drogas.

Cumprir lembrar, por oportuna, a classificação das drogas quanto ao seu custo, classificação esta apresentada por Tânia Zagury. Esta autora divide em “drogas dos ricos” e “drogas da miséria”: no primeiro caso, são as drogas da elite, e, no segundo, a dos pobres. No presente caso, os sujeitos da presente pesquisa estão incluídos na segunda possibilidade, pois são usuários basicamente de crack e de maconha.

Hoje, uso crack e maconha [...]. **(Abel)**

Hoje, cheiro, fumo maconha e crack [...]. **(Bernardo)**

No máximo fico dois dias sem consumir crack e álcool. **(Carla)**

[...] não consegui me livrar do vício do crack. **(Danilo)**

[...] eu fumo maconha. **(Emanuel)**

Eu não ponho a culpa em mim, ponho no crack, sabe? Porque foi a única droga que nunca dominei na minha vida; nunca consegui dominar foi ele.

[...] Foi ele que acabou com minha vida, está acabando; não acabou, está acabando, entendeu? Eu não consigo ficar muito tempo sem usar. **(Felipe)**

[...] ela só sabe que eu fumo maconha [referindo-se à sua mãe] e outro tipo de droga [crack] ela não sabe. **(Geraldo)**

Outro detalhe a ser observado em relação ao trabalho desenvolvido por Gilberto Velho<sup>193</sup> seria o contraste das drogas utilizadas entre os sujeitos deste estudo e o primeiro grupo estudado por ele. Ou seja, os vanguardistas-aristocratas tinham por hábito a utilização de drogas ilícitas de ricos, como exemplo a cocaína; em relação às drogas lícitas utilizavam principalmente bebidas alcoólicas importadas, tal como o uísque escocês.

No subitem “2.5.1” foram abordados os fatores “protetores” e os “de risco” quanto à dependência. No primeiro, são as condições que impõem certa resistência pelo indivíduo a se aproximar do uso, e, no segundo, os fatores que aumentam a possibilidade de o indivíduo se aproximar.

Com os sujeitos da presente pesquisa, percebe-se pelas entrevistas que alguns fatores protetores até existiram com eles, mas os fatores de risco acabaram preponderando, dando a possibilidade do envolvimento.

Em relação aos fatores de proteção, à exceção de dois, com os demais foi possível visualizar algumas formas de proteção: ou tiveram uma estrutura familiar boa, ou tiveram um bom relacionamento com outras pessoas.

---

<sup>193</sup> VELHO, G. Ibid..

Eu tive, que eu me lembro, uma infância muito boa, [...] tinha bom relacionamento em casa [...]. [...] eu sempre tive o contato mais, eu, pai e mãe, sempre foi uma família muito boa, de muita conversa; o meu pai sempre deu uma educação muito boa para nós, apesar de ser analfabeto; era rígido, mas nunca foi de bater em nenhum dos filhos. **(Abel)**

Tive uma infância tranqüila, normal, com brincadeiras [...]; tinha uma vida boa [...]. **(Carla)**

Minha história de vida foi tranqüila. Minha família era bem tranqüila; [...] ajudava meu pai na obra [...]; me dava bem com meus irmãos, vizinhos e amigos. Nunca imaginei que um dia usaria drogas. **(Danilo)**

Meu relacionamento com a minha família foi ótimo. Nunca fui rejeitado. **(Emanuel)**

Pra mim foi ótima, tive muita brincadeira, não tive participação com nada de ruim. Meu pai, [...] convivia com ele muito bem; posso falar que eu tinha uma infância excelente, brincava, soltava papagaio, tudo. **(Geraldo)**

Embora presentes nas vidas desses indivíduos alguns fatores de proteção, os fatores de risco foram em maior escala. Foi a escolha, a busca pela nova identidade. Vejamos:

As drogas estão em todos os lugares [...]; Morei próximo a favelas em São Paulo (SP); morei no centro de São Paulo onde hoje é a cracolândia [...].

**(Abel)**

Morei numa favela onde havia muita droga [...]. **(Carla)**

[...] no começo eu era muito levado pelos outros; [...] eu ia muito pela cabeça dos outros. **(Danilo)**

[...] sempre freqüentei ambientes de risco. **(Emanuel)**

[...] Eu fui aquela pessoa que até um tempo atrás não precisava de dinheiro pra comprar droga; a droga vinha em mim a hora que eu quisesse, porque eu tinha acesso aos canais que existe em Ponta Grossa. **(Felipe)**

Os fatores de riscos eram intensos no meio desses indivíduos. As condições externas, ao que se deduz, para todos esses indivíduos, tornaram-se uma pressão de elevado nível que acabaram de alguma forma sobrepondo as condições internas.

Ressalta-se que o grupo dos “vanguardistas-aristocratas”, o primeiro grupo estudado por Gilberto Velho<sup>194</sup> teve a seu favor os melhores fatores de proteção, contudo ainda assim envolveram-se com o uso de drogas.

---

<sup>194</sup> VELHO, G. Ibid..

E ainda nesta linha de pensamento, no subitem “2.5.2”, foram abordados os fatores gerais que conduzem os adolescentes ao uso de drogas. Esses fatores foram detectados em outros estudos por diferentes pesquisadores.

Os sujeitos desta pesquisa demonstraram em suas entrevistas que vários fatores contribuíram, mas a curiosidade entre eles foi de forma unânime.

O primeiro entrevistado (Abel) acredita que a necessidade de auto-afirmar foi bastante forte e a curiosidade esteve aliada: “eu percebo que na adolescência a necessidade de se auto-afirmar é muito forte, depois com o tempo a curiosidade faz você experimentar novas drogas.” O segundo entrevistado (Bernardo) atribui vários fatores: “baixa auto-estima, curiosidade, conflito familiar, tudo ajudou um pouco para eu entrar nessa vida, mas não culpo ninguém.” A terceira entrevistada (Carla) não teve dúvida: “curiosidade em conhecer as drogas; antes tinha uma vida boa, aí que me dei mal.” O quarto entrevistado (Danilo) também tem dois fatores: “pressão do ambiente e curiosidade, pois como falei no começo eu ia muito pelas “cabeças” dos outros.” O quinto entrevistado (Emanuel): “vendo meu irmão fumar, tive curiosidade.” O sexto entrevistado (Felipe): “o tempo passando, passando e a curiosidade foi me perseguindo; eu fui experimentar [...]” O sétimo entrevistado (Geraldo): “primeiro contato só para experimentar, para ver qual era sensação.”

No capítulo I foram apresentados sete fatores que levam os adolescentes ao uso de drogas. Com os sujeitos desta pesquisa detectou-se que o “alto grau de conflito familiar”, a “necessidade de auto-afirmação”, a “baixa auto-estima”, a “pressão do ambiente” e a “curiosidade em conhecer as drogas” foram os fatores que contribuíram para os mesmos experimentarem as drogas. Mas o que chama a atenção nesta análise é o fator curiosidade, o qual esteve presente em relação a todos os entrevistados.

Resumindo aquilo que foi abordado em relação à parte introdutória e ao capítulo I, pode-se ter o seguinte panorama:

Na Vila Vilela, onde residem esses indivíduos - os sujeitos desta pesquisa -, a favela se revelou como sendo o ponto principal de consumo e de obtenção de drogas. Esses indivíduos, considerados dependentes, desenvolveram a plenitude de seus vícios ainda na adolescência, optando por uma nova identidade (de usuário), e têm por hábito a utilização das drogas da miséria (crack e maconha), segundo a classificação de Tânia Zagury. Por fim, muito embora existissem,

aparentemente, alguns fatores de proteção em suas vidas, deixaram-se seduzidos por fatores de risco, principalmente influenciados pela curiosidade em conhecer as drogas.

No capítulo II procurou-se focar com bastante ênfase o indivíduo na sua individualidade, bem como na sua inter-relação com o grupo e com a sociedade. Com esta contextualização, buscou-se deixar claro que a identidade que foi inventada por esses indivíduos no transcorrer da fase da adolescência assume uma diferenciada, denominada identidade de grupo ou coletiva.

Logo acima, demonstrou-se que os indivíduos sujeitos desta pesquisa tiveram na adolescência a criação de uma nova identidade e que essa reinvenção foi a de um indivíduo usuário de drogas.

Considerando a abordagem imediatamente anterior, e usando as contribuições de Norbert Elias, busca-se aporte no subitem “3.1” quando se falou a respeito da individualização cada vez mais intensa dos indivíduos nos dias atuais, porém de que não há como se descolar da rede de interdependências da sociedade e também dos grupos. Com o desenvolvimento das entrevistas com os sujeitos desta pesquisa, foi possível detectar com um dos integrantes essa individualidade, mas, na verdade, ainda que tenha insistido na força da sua individualidade, ele demonstrou que está envolvido nessa rede de interdependência com o grupo.

Esse indivíduo procurou demonstrar a sua independência total ao afirmar o seguinte: “eu procuro fazer tudo sozinho para não ter que seguir regras dos outros” (Bernardo). Esse indivíduo não quer admitir que integra o grupo, mas na seqüência cai em contradição: “a gente escuta os mais velhos do vício, mas não que seja o chefe [...]”.

Ainda que queira a individualização, a satisfação do vício impõe a ele que permaneça se relacionando com o grupo. Com os demais integrantes que participaram das entrevistas não houve resistência nesse sentido, a dependência deles em relação ao grupo ficou evidenciada.

A importância de estudar os grupos e de entendê-los é vital, pois ficou demonstrado isso no subitem “3.2.”. O ser humano, o indivíduo em si, necessita estar vinculado a um grupo em busca da satisfação de algo que lhe seja necessário.

Os sujeitos da presente pesquisa são vinculados ao mesmo grupo e tentam passar a falsa idéia de que a satisfação do vício não seja a causa

preponderante desta vinculação. Deixam claro que se agrupam para outras atividades, mas que na verdade são atividades secundárias, diga-se assim. Ainda que eles não tenham admitido o vício como causa primeira, porém é certo que o grupo não se resume a apenas um objetivo. Vejamos como responderam à indagação se procuram o grupo apenas para usar drogas:

Procuro por amizade, para jogar bola, para bater papo, para ver televisão, para escutar música, acampar etc., mas a droga quase sempre está presente identificando o grupo. **(Abel)**

Não procuro o grupo apenas para usar drogas, às vezes para conversar [...]. **(Carla)**

Não, pois além de viciados somos amigos, jogamos vídeo-game, futebol, conversamos. A droga é um elo, mas não o principal. **(Danilo)**

A gente sempre está junto, não só para se drogar. **(Emanuel)**

Há que ser dada especial atenção ao primeiro depoimento, o de Abel o qual menciona que procuram o grupo para várias atividades, mas que a droga quase sempre está presente: se não está todo o tempo é por causa de algum motivo alheio às suas vontades, porque o interesse é que estivesse sempre. O mais interessante que ele menciona diretamente que é a droga que identifica o grupo.

Tem-se que destacar o seguinte: eles podem procurar o grupo para várias atividades; essas atividades nem sempre podem ser interessantes para todos, como exemplo hipotético a prática esportiva, mas a convergência reside exatamente no uso da droga, que é o objetivo principal. Trata-se de questão que é bastante clara, seja onde for, todo grupo se reúne com algum objetivo; é exatamente aquilo que Elias denomina como rede de dependência, já abordado anteriormente, e no caso em estudo a necessidade de estar com o grupo é vinculada principalmente pela droga.

Aprofundado na questão da necessidade dos indivíduos de se agrupar, parte-se para a análise da psicogênese e da sociogênese dos sujeitos da presente pesquisa.

Conforme foi visto no capítulo II, a psicogênese são as transformações individuais que ocorrem influenciadas pelo processo de civilização. As psicogêneses dos sujeitos da presente pesquisa não destoam em certos aspectos dos demais membros da sociedade; ainda que de uma forma mais precária

para um, menos para outro, todos tiveram uma família por quem foram criados, de onde receberam a educação.

A exceção ocorreu apenas em relação a um, conforme já mencionado acima, que foi adotado teve problemas na sua educação, morou na rua com sua mãe adotiva, o que o motivou a fugir para São Paulo e por consequência sendo até internado junto a FEBEM.

Os demais, também conforme já visto acima, tiveram influências na formação de suas economias psíquicas em decorrência da localização onde residiram ou por freqüentarem ambientes com elevado risco. As transformações, na identidade de cada um desses indivíduos, ocorreram em virtude das influências sociais.

Para abordar a sociogênese, importante lembrar que a mesma se trata das modificações sociais que influenciam as bases psicológicas dos indivíduos, de modo tal que chegam a alterar as mesmas. É justamente a transformação do indivíduo condicionando-o às regras e costumes comportamentais de um determinado grupo; são essas regras e costumes que funcionam como um “combustível” para subsistência do mesmo – o desacordo nas regras estruturais tendem a dissipar esse agrupamento.

Com os sujeitos da presente pesquisa ocorreu essa transformação, pois a maneira de agir dos integrantes mais antigos desse grupo, a cultura vivida por eles, acabou influenciando-os e, com a adesão ao grupo, modificando-os.

Embora já se tenha abordado anteriormente, cumpre lembrar que o primeiro entrevistado (Abel) afirma que a sua procura pelo grupo não se resume apenas ao uso de drogas, mas também a outras atividades; entretanto, frisa que elas estão em quase todos os momentos, como maneira de identificá-los entre si. A terceira entrevistada (Carla) deu a pista de que somente ocasionalmente procura o grupo para outros fins que não seja a droga. O quarto entrevistado (Danilo) confirmou que a droga vem a ser o fator de ligação entre os integrantes do grupo.

Com efeito, a inter-relação no grupo está pautada basicamente na utilização de drogas, que é o que vincula todos os seus integrantes.

A sociogênese para Guillaume Coury tem implícito três tipos de questões sociológicas intimamente ligadas na constituição dos grupos sociais, que seriam o equilíbrio, a moderação e a evolução. Analisando essas questões, foi possível identificar nos sujeitos da presente pesquisa o equilíbrio e a moderação.

Considerando a primeira questão, “o homem equilibrado”, nesta análise em relação aos sujeitos desta pesquisa observa-se que eles podem se adaptar a outros grupos sem qualquer problema.

Com o tempo de uso você consegue manter a mesma identidade em qualquer situação. **(Abel)**  
Minha maneira de agir é a mesma depois de 20 anos usando drogas; você consegue manter a mesma identidade de “cara” ou “chapado”. **(Danilo)**

A referência à mesma identidade é no sentido de que eles manterão o equilíbrio psicológico em qualquer situação que estejam fora do grupo, sem gerar qualquer abalo nas estruturas deste grupo diferente deles. Isso já não ocorre em situação inversa, a presença de um indivíduo que não seja do grupo e que não seja usuário causa-lhes desconforto.

Não [sobre a presença de um estranho no grupo], porque vai ficar “xaropeando” [no sentido de incomodar] todo mundo. **(Bernardo)**  
Fico olhando e conversando, é difícil. **(Carla)**

A segunda questão, “o homem moderado”, é aquele que traz consigo sempre a prudência na realização de seus atos e que respeita todos os ambientes, inclusive o próprio grupo. Isso fica claro nos seus hábitos tanto no grupo como fora dele.

Muito boa as duas situações [referindo-se ao seu relacionamento com familiares e a sociedade em geral]. **(Abel)**  
Me dou bem com todos, cada um na sua. **(Carla)**  
Muito boa, pois procuro respeitar todos que convivem comigo ou ao meu redor [falando do seu relacionamento em geral]. **(Danilo)**

Em face da aproximação com os sujeitos, constatou-se que essas situações realmente existem e que a moderação faz parte de suas vidas, e isso até funciona como uma regra para eles, conforme se verá mais adiante.

Essas transformações sociais – sociogênese -, que influenciaram cada um dos sujeitos desta pesquisa e que resultou na formação do grupo estudado,

fazem com que eles sejam considerados na Vila Vilela os “outsiders”. Ou seja, embora sejam aceitos na comunidade pelos mais antigos - os estabelecidos -, os integrantes desse grupo estudado são vistos por estes com certa reserva, com certa preocupação, no sentido de que podem influenciar os mais novos e até mesmo a possibilidade de mudarem os hábitos e os costumes.

Isso fica visível no depoimento do primeiro entrevistado (Abel), “eu vejo os moradores mais antigos com muito respeito, assim como eles também me respeitam também, mas percebo que existe receio de que por minhas [e nossas] atitudes acabem sendo modificados velhos costumes.”

Mesmo que os outros sujeitos não tenham deixado claro esse receio dos mais antigos da interferência nos seus costumes, a preocupação vai sempre existir, as mudanças vêm naturalmente por consequência do aumento do uso de drogas.

Os receios mencionados por Abel, acima, ficam confirmados também pelos próprios estabelecidos. Entrevistados dois moradores com mais de 70 anos de idade, sendo mais de 40 anos vividos na Vila Vilela, os quais assim se referiram aos *outsiders*,

Na verdade, naquele tempo [referindo-se até o início da década de 1980] era uma tranquilidade, não tínhamos problemas para andar nas ruas, nem de dia nem de noite; você podia sair passear de noite; [...] o povo vivia tranquilo; um respeitava o outro; enfim, a vida era tranquila. Eu acredito que naquele tempo ninguém se preocupava em fazer mal para os outros, cada um procurava viver sua vida, respeitando, e todo mundo trabalhava; não tinha esse negócio de vício, da droga; eu acredito que era muito pouco, se existia eu até praticamente não conhecia;

Eu acredito que eles [os usuários de drogas] estão influenciando os mais jovens; está preocupando até os mais velhos, porque estão tirando a tranquilidade daquele povo que vivia antigamente, no sossego. Hoje, ele sente medo porque não existe mais aquele respeito; a turma está completamente, em certas ocasiões, dominada pela droga. Então, eu sinto que influenciou muito e põe medo na população; põe medo na população.

Eu acho que o perigo está correndo, diariamente, por essa falta de respeito. Por quê, por causa da droga, a turma está perdendo o respeito; aquele respeito que antigamente existia hoje já não está existindo mais.

Estão invadindo as casas [os usuários], estão se aproveitando, se prevalecendo, principalmente os adolescentes. E tão procurando invadir as casas para que possam possuir as drogas [referindo-se aos furtos], vamos dizer assim diretamente. Eles estão invadindo as casas para se apossar dos objetos alheio. Então, por isso que estou me sentindo inseguro. E por isso que nós temos que fechar os portões, coisa que não acontecia anteriormente. **(morador estabelecido “A”)**

Tranqüila [referindo-se à rotina na Vila Vilela do início da década de 1960 até o início da década de 1980], não tinha esse negócio de drogas, respeitavam mais os outros. Agora ninguém respeita mais [referindo-se aos jovens usuários], é tudo na base do desrespeito. Você chama a atenção, Deus me livre, é até capaz de apanhar.

O respeito era outro [referindo-se até o início da década de 1980], você podia ficar com o portão aberto, ficar com porta aberta que, tranqüilo, não tinha nada dessas coisas.

Bastante preocupada [a respeito da presença constante de usuários pelas ruas da Vila Vilela], com certeza, porque vai influenciar; depois que começou a aparecer esse negócio de drogas a gente já vê os mais novos fazendo também. Criança aqui do colégio [referindo-se ao Meneleu] que a gente vê cheirando cola; não querem saber se tem gente por perto, ou deixe de ter, eles estão cheirando do mesmo jeito. Tudo isso.

Bastante comum [referindo-se aos jovens fumando maconha pelas ruas na vila], bastante, tanto cola quanto maconha. É só o que a gente escuta pelo rádio. É crack.

Já presenciei bastante pelas ruas [referindo-se aos usuários de maconha].

Os costumes da vila mais ou menos [referindo-se às influências dos *outsiders*]. Agora os dos antigos não, porque a gente continua como a gente era acostumada, como foi criado. Está alterando sim [referindo-se ao comportamento dos mais jovens moradores da vila]. **(morador estabelecido “B”)**

A sociogênese do grupo pautada no uso de drogas gera a identidade de grupo e/ou coletiva, conforme foi visto acima, além do receio aos estabelecidos da possibilidade da alteração de seus costumes.

Considerando o conceito de identidade de grupo e/ou coletiva abordada no capítulo anterior, percebe-se também, por intermédio das entrevistas, e de forma bastante clara que cultivar a droga no interior do grupo vem a ser o objetivo principal e que outras atividades desenvolvidas por seus integrantes passam a ser meramente secundárias. A partir do momento da escolha de pertencer ao grupo, há a opção pelo integrante ao uso de drogas, caso contrário, a própria opção pelo não uso, torna o indivíduo desligado naturalmente.

O primeiro entrevistado (Abel), ao esclarecer que a procura do grupo não se resume apenas ao uso de drogas, deixa evidências de que elas assumem o papel de similitude entre os seus integrantes. Conforme já mencionado anteriormente, ele deixou bastante claro que a droga quase sempre está presente identificando o grupo. Seu esclarecimento demonstra que o ponto de convergência do grupo está voltado ao uso de drogas. Outras atitudes dentro do grupo fluem como uma conseqüência daquilo que se identificou como algo específico.

O segundo entrevistado (Bernardo) contribui ainda mais na questão de que a identidade de grupo existe, pois se referindo sobre a possibilidade da

permanência de um não usuário dentro do grupo assim se pronunciou: “não, porque vai ficar “xaropeando” todo mundo.”

Da forma como se referiu, a depoente quer dizer que, no caso de um indivíduo não ser um usuário, sua permanência no grupo seria apenas para incomodar os demais integrantes.

A terceira entrevistada (Carla) faz menção à possibilidade de um não usuário fazer parte do grupo, porém enfatiza: “[...] é difícil, mas tem.”

Fica perceptível que é difícil um não usuário integrar o grupo, porém ressalva que tem. Cabe fazer aqui um esclarecimento, até mesmo em razão do contato do pesquisador com os mesmos, qual seja, ainda que admita a possibilidade da participação de um não usuário no grupo, há um certo equívoco porque ela associa alguém que se relaciona com alguns integrantes apenas, mas não com o todo. Os demais (Danilo e Emanuel) também admitem a possibilidade, a qual estaria nesta mesma condição.

Enfim, a vinculação às drogas, como esclarece o primeiro entrevistado, é o que identifica o grupo. Assim, pode até existir uma aproximação, uma certa afinidade, de alguém com algum integrante do grupo, mas isso não quer dizer que ele seja um deles: somente o usuário que será considerado um integrante de fato e que, por conseqüência, irá assumir essa identidade de grupo e/ou coletiva.

Conforme já mencionado no capítulo II, o indivíduo vai criar a identidade de grupo e/ou coletiva sempre que se identifique e passe a agir de acordo com a idéia principal de um determinado grupo buscando a satisfação pessoal. No presente caso em estudo, o grupo tem como foco principal o uso de drogas, e esses indivíduos, sujeitos da presente pesquisa, vinculam-se a ele com esse objetivo, com isso assumem uma identidade de grupo, ou coletiva.

Após assumirem essa identidade de grupo e/ou coletiva, cumpre-se identificar se existem ou não regras no interior do grupo estudado.

Uma característica em alguns grupos seja talvez a existência de alguém que seja considerado um líder (por exemplo, uma associação de moradores, um clube social etc.), ou algo próximo disso, como um conselheiro, enfim, uma pessoa que possa contribuir com as suas experiências de vida para os demais que compõem esse conjunto de indivíduos.

Nesta pesquisa, quando das entrevistas, buscou-se tentar colher dos sujeitos a respeito da existência de alguém que fizesse esse papel no grupo. Obviamente que houve resistências, tanto no que diz respeito ao possível líder quanto à existência de regras, mas foi possível identificar a existência das duas coisas.

O primeiro entrevistado (Abel) foi taxativo e negou a existência: “não, somos indivíduos com personalidades formadas.”

O segundo entrevistado (Bernardo) já nos dá uma boa indicação: “não, a gente escuta os mais velhos de vício [...]”

Já a terceira entrevistada (Carla) é bastante incisiva: “sim, às vezes por causa da ideologia.”

Importante fazer um comentário a respeito do termo ideologia empregado por Carla. A forma como foi empregada por ela não se refere ao indivíduo como sendo aquele formador de idéias, como se imagina inicialmente, mas sim aquele que por reunir maior experiência dentro do grupo acaba transmitindo segurança e sempre está dando algumas orientações aos demais; a exemplo, dando um “toque” (um conselho) ao mais novo para não se comportar de forma que venha a dar indícios de que está sob efeito de alguma substância tóxica.

O quarto entrevistado (Danilo), embora um pouco confuso, talvez por não querer admitir a possibilidade da existência do líder, esclarece: “não como líder, mas como toda pessoa que tem mais experiência em alguma coisa você procura escutar e respeitar.”

O quinto entrevistado (Emanuel) tem a seguinte posição: “líder é aquele que sempre respeitou nós.”

Embora não exista certa harmonia na representação dos entrevistados, pode-se, porém, deduzir que entre eles, ainda que não seja um líder aclamado, existe uma pessoa que é muito respeitada pela sua vivência, não só pela sua longa convivência nessa vida como também por ser uma pessoa que reúne condições de dar as mais diversas informações aos demais. Esta pessoa não deixa de ser um conselheiro, uma referência no meio do grupo, pois todos os respeitam.

Em relação às regras internas do grupo ficou bastante evidente que elas existem. As regras internas de comportamento do grupo estudado são semelhantes àsquelas existentes em qualquer comunidade civilizada, mas também existem algumas que são características do seu meio. Outras regras são derivadas

do próprio costume reiterado dentro do grupo, tais como sinais (como esfregar os dedos na roupa, por exemplo) que não deixam de ser um código interno.

Como regras comuns a todos os indivíduos da nossa sociedade:

Como toda situação: respeito, confiança e honestidade. [...] Se compartilha dentro das possibilidades. Traidores não têm chance em situação nenhuma.

**(Abel)**

Claro, em qualquer sociedade todos se ajudam, porque nesse meio não?

**(Carla)**

As regras são as mesmas da sociedade: não mexer no que é dos outros; não cuidar da vida alheia; respeitar os mais velhos da roda [do grupo]; e ser honesto. **(Danilo)**

É não ser pilantra; não ser dedo-duro; não ser desonesto com o grupo.

**(Emanuel)**

Nota-se que as **regras básicas internas dentro do grupo** e que são comuns com a da sociedade são: **respeitar** a todos internamente, principalmente os mais velhos, e a propriedade material; **confiar** nos integrantes; a **honestidade** entre si; **compartilhamento** e a **solidariedade** entre si; **não criar** fofocas (“não cuidar da vida alheia”); **não usar** de malandragem; **não ser** delator etc.

Já existem **regras que não são comuns na sociedade**, mas que existem no grupo. Como exemplo, regra de prevenção quando usam o crack: “cada um usa a sua lata, por causa da hepatite “C”.” (Carla)

Outras **regras que não são comuns na sociedade** são os sinais (códigos) dentro do grupo: “você pode bater com o indicador na mesa para informar que um dedo-duro está presente; esfregar os dedos na roupa pra falar que o outro é sujeira.” (Danilo)

Ainda em relação aos sinais: “vamos fumar um?” (Emanuel)

Este código, que representa a frase anterior, o quinto entrevistado falando exatamente dessa maneira ergueu sua mão direita fechada, fazendo a representação de quem empinava uma pipa, deu “três puxadinhas para trás”. Quando olha para alguém do grupo e faz essa representação, está ele convidando o outro para fumar um baseado.

Ficou claro, todavia, que o grupo tem uma pessoa que, mesmo não sendo considerado um líder entre eles, é uma referência em virtude de sua história

de vida e de sua forma de agir – é um conselheiro em relação aos demais. E esse grupo, mesmo que não tenha um líder no sentido estrito, ainda sim tem as suas regras de comportamento; umas que se assemelham com as da sociedade, e outras que foram construídas por intermédios de seus costumes e hábitos, tais como alguns sinais.

Enfim, esses indivíduos, sujeitos da presente pesquisa, com o estilo de vida que levam entre si, assumem, em razão do objetivo principal que são as drogas, uma identidade de grupo e/ou coletiva conforme suas regras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o atendimento da proposta inicial apresenta-se neste item a análise dos resultados da presente pesquisa. Para se chegar ao caminho trilhado, teve-se como rumo a intenção de verificar as formas pelas quais o grupo de usuários de drogas da Vila Vilela convivia. Neste sentido, apresentou-se como hipótese de trabalho o fato de que o grupo estudado somente se reunia para utilizar as diversas formas de drogas. Destarte, verificou-se uma forma anômica<sup>195</sup> de relações sociais. Diferentemente do que apresentou Gilberto Velho, no grupo da Vila Vilela, não havia distinção de convívio pelo tipo de droga utilizada. Ao contrário, este grupo se reunia a cada momento em que estava presente algum tipo de droga (maconha, crack, álcool). Não obstante, o que pôde ser verificado é que as drogas tomam o cenário como o principal elo entre os indivíduos no grupo.

Diante deste fio condutor, apresentou-se no primeiro capítulo o desenvolvimento de um estudo sobre a fase da adolescência. Referido estudo se deu em virtude de que os sujeitos objetos desta pesquisa, conforme ficou visível, desenvolveram o vício nesta fase, por isso entendeu-se que era relevante o detalhamento desta fase e ao mesmo tempo fazer uma inter-relação com o tema drogas, tema este que preocupa a sociedade de maneira geral. Apresentou-se a partir de quando a sociedade passou a dar uma especial atenção à fase da adolescência e a considerá-la como tal. Em seguida, procurou-se definir qual o período da vida do indivíduo que compreende a fase da adolescência, quando então foi apresentado o que reza o Estatuto da Criança e do Adolescente pátrio e também conforme o padrão adotado pela UNESCO, o qual seria o padrão internacional.

Ainda no primeiro capítulo, após as definições, mencionou-se que a fase da adolescência é uma fase de transformação na qual o jovem vai buscar uma nova identidade. Em relação ao tema “identidade”, dada a sua importância para o trabalho desenvolvido, procurou-se explorar um pouco mais o assunto apresentando

---

<sup>195</sup> Anômico no sentido de ausência de regras mais rígidas de convívio, colocando-os como outsiders perante a sociedade.

vários conceitos convergentes, os quais foram construídos por estudiosos da sociologia e da antropologia.

As transformações naturais na fase da adolescência são relevadas, ou passam despercebidas, por grande parte sociedade e essas alterações contribuem essencialmente para o desenvolvimento da personalidade do jovem. Quem não foi adolescente? Ou quem não tem um adolescente na família? Então, essas transformações levam o adolescente a construir uma nova identidade individual que muitas vezes carrega para sempre. Por isso cabe aos pais, ou alguém próximo na educação do adolescente, procurar dar uma atenção mais comprometida, a fim de que levem nessa nova descoberta os bons exemplos (não se considerem aqui certas atitudes de alguns pais que utilizam drogas junto com seus filhos em casa para que eles não procurem a turma fora dela).

Como exemplo da ausência da figura paterna ou materna pode-se identificar os seguintes sujeitos desta pesquisa: o primeiro, Bernardo, o qual perdeu seu pai muito cedo, não teve atenção de sua mãe e, ainda, morou na rua. O segundo, Felipe, o qual apanhava muito de seus pais e que acabou sendo criado por sua tia. Coincidência, ou não, mas dos sujeitos selecionados são os dois que estão numa condição mais profunda de dependência.

Na seqüência deste capítulo, abordou-se a condição da suscetibilidade dos adolescentes ao uso de drogas, em face do risco nesta fase ser muito superior ao da vida adulta. E foi justamente por causa disso, da suscetibilidade, que foi procurado dar ênfase à fase da adolescência, o momento em que o jovem tende a seguir uma nova vida.

Ressalte-se aqui, por intermédio das entrevistas realizadas, que esses sete indivíduos, sujeitos desta pesquisa, estão nessa vida de dependência química em razão de terem desenvolvido o vício na fase da adolescência.

Na seqüência, em relação aos aspectos relacionados com as drogas, abordou-se a questão da dependência, explicando-se ainda as suas formas: física e psicológica. A partir de então foram apresentados a classificação dos usuários de drogas, quando então se constatou que os sujeitos desta pesquisa são dependentes. Detectou-se que, quanto aos seus custos, as drogas utilizadas por eles são aquelas consideradas “da miséria”. Identificou-se entre eles, de forma indistinta, segundo os sinais característicos de usuário apresentados por Tânia Zagury, “a falta de motivação para os estudos” e “para o trabalho”.

Os motivos que levaram esses sujeitos ao vício, conforme ficou demonstrado no capítulo anterior, foi principalmente a “curiosidade”, mas também foi detectado o “alto grau de conflito familiar”, a “necessidade de auto-afirmação”, a “baixa auto-estima”, a “pressão do ambiente” e a “curiosidade em conhecer as drogas”. Essa busca pela nova identidade, essa nova descoberta, acabou maculando suas vidas, justamente porque não souberam o momento oportuno de sair dela; conforme esclarece Stuart Hall, o sujeito pós-moderno tem uma identidade móvel, a qual é formada e transformada pelo sistema cultural ao qual está inserido.

Ainda em relação à “curiosidade”, um dos principais fatores que contribuíram para eles terem o primeiro contato com as drogas, os vários conceitos de identidade, abordados no primeiro capítulo, demonstram certa conexão com o caso desses sujeitos, pois à época que eram adolescentes, ou próximos desta fase, foram motivados a reinventar as suas identidades.

Este capítulo serviu para compreender e identificar que a fase da adolescência foi decisiva para que os indivíduos sujeitos desta pesquisa adentrassem ao universo de uso das drogas, causando a dependência psíquica e física.

No segundo capítulo, o mais importante à compreensão do fenômeno estudado, foram desenvolvidos os seguintes conceitos: de indivíduo, grupo e sociedade. Buscou-se demonstrar a íntima relação entre a psicogênese e a sociogênese, como forma de esclarecer a maneira como os indivíduos se agrupam para, então, chegar ao conceito de grupo e/ou identidade coletiva.

No desenvolvimento da psicogênese desses indivíduos verificou-se a influência dos ambientes e dos locais de alto risco por eles freqüentados. Suas interações sempre estiveram muito próximas de pessoas e ambientes onde a utilização de drogas existia com certa facilidade.

Já em relação ao desenvolvimento da sociogênese, foram as transformações sociais ocorridas nos ambientes freqüentados, aliadas ao fato do interesse pela droga, pelo seu consumo, por parte desses indivíduos, que fizeram com que eles procurassem se agrupar; o interesse pelo consumo das drogas os uniu.

O desenvolvimento deste capítulo auxiliou no sentido de que foi possível identificar que o indivíduo se agrupa sempre voltado para a satisfação de algum interesse. E partindo deste pressuposto que se descobriu que a causa

principal do agrupamento dos sujeitos desta pesquisa era o uso de drogas. Em contrapartida, no trabalho desenvolvido por Gilberto Velho, constata-se que no primeiro grupo estudado as drogas, apesar de os vincularem, não era o fator principal de ligação, até mesmo porque elas surgiram muito tempo depois da constituição do grupo; já a similitude do segundo grupo com os sujeitos desta pesquisa é bastante grande, isto porque a droga para os “surfistas” era o principal motivo de ligação.

Outro ponto comum entre o segundo grupo estudado por Gilberto Velho e o grupo da Vila Vilela reside exatamente nos desinteresses tanto pelo estudo quanto pelo trabalho. Ao contrário desses, ressalta-se que a maioria do primeiro grupo estudado por este autor, os vanguardistas-aristocratas, haviam concluído curso superior e todos tinham a sua ocupação profissional.

No terceiro capítulo, por intermédio de uma descrição, segundo com apoio em Clifford Geertz, procurou-se detalhar com maior riqueza o cenário, o palco, os atores, de modo que o leitor possa construir em seu imaginário os elementos desta pesquisa. Cumpre-se registrar aqui, somente após essa descrição realizada no interior da Vila Vilela, as descobertas de certas estratégias adotadas, talvez até sem querer, pelo grupo estudado. O quanto é fácil a locomoção de um local para o outro, assim como também certos pontos de contatos parecem ser o mais discretos de todos.

Na análise de dados, com o intuito de se chegar à resposta da pergunta de partida, mencionada na introdução, foi possível ainda confirmar várias afirmações de diferentes autores desenvolvidas ao longo deste trabalho. Deve-se dar destaque principalmente para o conceito de identidade trabalhado no capítulo I, o qual se enquadrou perfeitamente com as diversas situações fáticas desses indivíduos.

No que tange à distinção dos usuários, segundo a UNESCO, conseguiu-se detectar que esses sujeitos são realmente todos dependentes, não só porque reconhecem esta condição, mas porque eles têm um estilo de vida que não se assemelha com o estilo dos demais integrantes da sociedade. Ou seja, não trabalham, não estudam, e, com exceção de um, os demais moram sozinhos, o que demonstra a similitude com a classificação da UNESCO para o “usuário dependente” – dedicação exclusiva à obtenção da droga.

Detectou-se ainda na análise das entrevistas que com a maioria dos entrevistados o relacionamento familiar não foi dos melhores e, conforme Luiz Alberto Pinheiro de Freitas (2002), isso também contribuiu para as suas decisões.

Ao final dessas considerações, após as dificuldades com as entrevistas, em razão de que esses indivíduos mesmo compreendendo o objetivo do estudo, tiveram muitas dificuldades nas suas expressões, e certamente também porque ocultaram muitos detalhes que poderiam enaltecer este trabalho, ainda assim foi possível responder a pergunta de partida da seguinte forma:

Em primeiro lugar, a identidade assumida por esses indivíduos vem a ser uma identidade de grupo e/ou coletiva, em virtude de que as drogas tiveram um papel preponderante sobre todas as outras motivações para agrupá-los, ainda que tenham outras atividades internas. O hábito do consumo de drogas cultuado pelos integrantes deste grupo vem a ser o objetivo principal, sendo, portanto, o elemento central de identificação dos mesmos.

Fazendo-se um contraponto com o trabalho etnográfico desenvolvido por Gilberto Velho, cumpre-se registrar que os integrantes do primeiro grupo (vanguardistas-aristocratas) estudado por ele, embora tenham assumido uma identidade de grupo, esta não ocorreu em virtude das drogas, até mesmo porque haviam integrantes que não usavam, mas sim a outros fatores que estiveram presentes nas vidas de seus integrantes, tais como freqüentar restaurantes de luxo, cinemas e teatros; ressalva-se porém que estes hábitos com a introdução das drogas no grupo foram diminuídos. Entretanto, o segundo grupo (surfistas) pode-se entender que assumiram uma identidade de grupo em decorrência da droga, pois suas atividades se resumiam à prática do surfe e a freqüentar uma determinada lanchonete, onde ela sempre estava presente.

Em segundo lugar, ainda que o motivo principal para o qual se agrupam seja considerado ilícito e desprezado pelos demais moradores da região onde vivem, o grupo tem regras internas, tais quais às que regem os demais grupos e comunidades. Todavia, se organizam não só por regras comuns a toda sociedade, assim como também têm regras de ordem relacionadas com o próprio uso. Pode-se, inclusive, inserir até os códigos internos existentes no grupo como sendo também uma forma de regra.

No aspecto regras, os dois grupos estudados por Gilberto Velho convergem com o grupo da Vila Vilela, isto porque tanto num quanto noutro ficou

perceptível as suas existências. No primeiro grupo, ficam evidentes principalmente as regras comuns interna, tal como freqüentar restaurantes de luxo e uso de bebidas importadas. No segundo grupo, da mesma forma, o jeito de se vestir já era uma forma de regra interna, tal como o uso obrigatório de jeans e chinelos do tipo havaiana. No grupo da Vila Vilela, suas regras principais se revelaram como sendo honestidade entre si, compartilhamento, solidariedade, não ser delator; outras exclusivas do grupo, como o uso individual de lata para fumar *crack*, como forma para prevenção; e ainda inserem-se os sinais (códigos).

Os grupos sociais, independentemente do motivo para o qual se agrupam, tendem a construir regras ainda que quase imperceptíveis e novas identidades, pois caso contrário a consequência mais provável é a da sua dissolução.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. W. de. **Paraná político**. 3. ed. Curitiba: Folha Econômica, 1989.
- ARAÚJO, I. L. **Introdução à filosofia da ciência**. 2.ed. Curitiba: UFPR, 1998.
- BAUMAN, Z. **Identidade** - entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BESSA, M. A.. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BORGES, L. **Drogas e vícios**. São Paulo: Alaúde, 2003.
- BOUER, J. **Álcool, cigarro e drogas**. São Paulo: Panda, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Curitiba: Juruá, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Promulgada em 13 de julho de 1990. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRYAN, J. **Conversando sobre drogas**. Tradução de Valentim Rebouças. São Paulo: Moderna, 1996.
- CALDEIRA, Zélia Freire. **Drogas, indivíduo e família**: um estudo de relações singulares. 114 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Rio de Janeiro, RJ, 1999, Biblioteca depositária: Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. II, 2006.
- CHAVES, N. B. (org.). **Visões de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: UEPG, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Do centro comércio e indústria ao selo social**: Economia e sociedade Ponta-grossense. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006.
- COSTA, L. C. **Os impasses do estado capitalista** – uma análise sobre a reforma do estado no Brasil. Ponta Grossa: UEPG. São Paulo: Cortez, 2006.
- COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais - da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias** - a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- DA SILVA, V. A.; MATTOS, H. F. Os jovens são mais vulneráveis às drogas?. In: PINSKY, I; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 31-44.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Tradução de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v.2, 1993.

\_\_\_\_\_.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, E. A. B. **As áreas urbanas** – Bairro Jardim Carvalho – Ponta Grossa – Paraná. 1999. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 40p.

FONSECA, A. G. **Drogas** – não caia nessa! 6.ed. São Paulo: Santuário Aparecida, 2002.

FREITAS, L. A. P de. **Adolescência, família e drogas** - a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIKOVATE, F. **Drogas** - opção de perdedor. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

GOFFMAN, E. **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOLZMANN, G. V. F.; SOARES, O. **História de Ponta Grossa**. Curitiba: Requião Ed., 1975.

KALINA, E.; GRYNBERG, H. **Aos pais de adolescentes**: viver sem drogas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

LANDINI, T. S. A sociologia processual de Norbert Elias. In: **IX Simpósio Internacional Processo Civilizador** (2005) Disponível em: <[www.fef.unicamp.br](http://www.fef.unicamp.br)>. Acesso em: 9 out. 2007.

LARANJEIRA R.; JUNGERMAN, F.; DUNN, J. **Drogas** – maconha, cocaína e crack. São Paulo: Contexto, 2001.

LEMONS, T.; ZALESKI, M. As principais drogas – como elas agem e quais seus efeitos. In: PINSKY, I; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 16-30.

LIMA, S. L.; PAULA, L. Juventude, temor e insegurança no Brasil. In: PINSKY, I; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 92-105.

LORDELLO J.; RIBEIRO, L. **Como conviver com a violência**. São Paulo Moderna, 1998.

MICRORREGIÃO de Ponta Grossa (2006). Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 29 dez. 2007.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social** – teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, L.C. **Porque voltei às drogas**. Bauru: EDUSC, 1997.

OUTHWAITE, W; BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PINSKY, I; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.

QUIVY, R. VAN CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

SILVA, K. V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOLDERA, M. et al. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 38, n. 2, abr. 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**.- a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1997.

VELHO, G. **Nobres & anjos** - um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VON AGNER, T. **Ponta Grossa**. Dossiê elaborado pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (coordenado por Augusto César Alves Agner), volume depositado na biblioteca da UEPG, 1996.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 7. ed. Curitiba: Vicentina, 1995.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ANTIDROGAS. **Guerra global**. Disponível em: <[www.antidrogas.com.br](http://www.antidrogas.com.br)>. Acesso em: 7 jun. 2006.

ATHAYDE, C.; et al. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BARBOSA, S. S. R. A psicogênese e a sociogênese nas obras de Norbert Elias e a sua relação com a educação no processo civilizatório. In: **IX Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Disponível em: <[www.fef.unicamp.br](http://www.fef.unicamp.br)>. Acesso em: 8 out. 2007.

BRANDÃO, C. F. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese**. (Tese de Doutorado) Marília (SP): Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2000.

CIRANDA – Central de Notícias dos Direitos da Infância e Adolescência. **85% dos adolescentes infratores usam drogas no momento do crime**. Edição n. 69. Disponível em: <[www.ciranda.org.br](http://www.ciranda.org.br)>. Acesso em: 5 dez. 2005.

DELMANTO, C. **Código Penal Comentado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 1988.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

NOTO, A. R. Os índices de consumo de psicotrópicos entre adolescentes no Brasil. In: PINSKY, I; BESSA, M. A.. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 43-53.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

TIBA, I. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

WALDMAN, L. **E agora? Tenho um filho adolescente**. Tradução de Íris Veloso. São Paulo: Mercury, 1997.

**ANEXOS**

## ANEXO 1: QUESTIONÁRIO

- 01)** Com relativa brevidade, conte a sua história de vida, desde o tempo de criança até a fase adulta, incluindo o seu relacionamento familiar?
- 02)** A favela vem a ser um dos locais principais para se obter algum tipo de droga? Explique.
- 03)** Você se considera um dependente? Por quê? Qual a droga que você mais usa no momento?
- 04)** Como você vê a sua identidade (*sua maneira de agir*) quando está com o grupo de usuários, e como você a vê quando está fora dele com alguém de sua família ou outro ente querido? Você acha que há mudança na sua identidade nessas ocasiões? Explique.
- 05)** Você acha que a turma que te influenciou a usar drogas?
- 06)** Você se sente rejeitado (*algum tipo de preconceito*) pelos moradores da vila que não usam drogas, principalmente dos mais antigos?
- 07)** E como você vê esses moradores mais antigos?
- 08)** Você sente constrangido na vila por levar esse estilo de vida? Esse estilo é ocultado? Explique.
- 09)** Neste grupo que vocês convivem, quais são as regras principais para serem seguidas para que o indivíduo seja considerado um integrante dele? Fale também a respeito também dos costumes seguidos.
- 10)** Existe algum sinal, ou algum outro código, que somente pode ser identificado pelos integrantes do grupo (*por exemplo: quando está no meio um possível delator; ou se é para sair do loca; ou se é para fumar um baseado etc.*)? Quais são eles?
- 11)** Você procura o grupo somente para obter a droga, ou também por outro motivo (*se existe outro interesse além das drogas*)? Explique.
- 12)** Qual foi o momento, fase, ou período, que você acha que contribuiu, que foi determinante, para o desenvolvimento do vício? Por que (*qual o motivo*)?
- 13)** Fale sobre o tipo de relacionamento que você teve: **a)** com a família; **b)** na escola; **c)** com os amigos; **d)** e com a comunidade em geral.
- 14)** Como foi e como é a sua relação com seus familiares? E como é a sua relação com os demais membros da sociedade?

- 15) Existe alguma forma de valorização entre si no grupo? Explique.
- 16) A droga, desde que alguém tenha, é compartilhada com os demais integrantes do grupo? Isso seria uma regra interna?
- 17) Existe solidariedade entre vocês no grupo? Seria uma regra também?
- 18) Se um indivíduo não usar drogas, é possível a sua permanência como integrante do grupo?
- 19) Em certas situações não fica claro, mas existe entre vocês no grupo alguém que seja respeitado pela sua forma de pensar, de aconselhar ou que aja como se fosse um líder? Explique.
- 20) Você tem informações mais detalhadas sobre as drogas, e seus efeitos, ou somente aquilo que conheceu no dia-a-dia entre o grupo? Explique.
- 21) Como você avalia a sua saúde física: antes e depois do uso de drogas?
- 22) Você foi, ou é, insatisfeito com a sua qualidade de vida? Explique.
- 23) Você acha que se deixa se influenciar pelas idéias dos outros? Explique.
- 24) você sempre conviveu em ambientes com facilidade de acesso às drogas? Explique.
- 25) Observe as seguintes situações:  
“CONFLITO FAMILIAR”; “NECESSIDADE DE AUTO-AFIRMAÇÃO”; “FRACASSO ESCOLAR”; “BAIXA AUTO-ESTIMA”; “PRESSÃO DO AMBIENTE”; “IDENTIFICAÇÃO COM O GRUPO”; “CURIOSIDADE EM CONHECER AS DROGAS”.

**Pergunta-se:** dentre essas situações, qual você acha que mais esteve presente em sua vida e que possa ter te levado ao uso de drogas? Explique.

- 
- 26) Você se considera um **usuário dependente** (que usa diariamente e que não consegue se dedicar a outra atividade), ou se considera um **usuário habitual** (que consegue fazer também outras atividades)?
- 27) Você sempre teve ligação com pessoas que usavam ou freqüentava ambientes com grande risco? Explique.
- 28) Você se arrepende de usar drogas ou de participar desse grupo?

## ANEXO 2: TERMO DE AUTORIZAÇÃO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, DIREITO E CIDADANIA  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CULTURA E CIDADANIA**

---

Nome completo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos / Estado Civil: \_\_\_\_\_ Grau de Instrução: \_\_\_\_\_

Qual sua ocupação no momento: \_\_\_\_\_

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a utilização, no todo ou em partes, do meu depoimento abaixo descrito para fins científicos, tão somente, porém desde que observados os princípios éticos norteadores da pesquisa e também desde que não seja identificado este depoente, ou seja, que na sua utilização seja utilizado nome fictício.

Além de tudo, declaro para os devidos fins de direito que fui devidamente esclarecido pelo pesquisador a respeito do que se tratava a pesquisa.

Por ser verdade, dato e assino o presente termo.

Ponta Grossa, em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

**De acordo:**

---

**RG nº.:**